

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP**

***IMAGENS MUTILADAS:  
REALIDADES E  
INVISIBILIDADES MIDIÁTICAS***

**VINICIUS GUEDES PEREIRA DE SOUZA**

**SÃO PAULO**

**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP**

***IMAGENS MUTILADAS:  
REALIDADES E INVISIBILIDADES MUDIÁTICAS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Peñuela Cañizal.

**VINICIUS GUEDES PEREIRA DE SOUZA**

**SÃO PAULO**

**2010**

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

***IMAGENS MUTILADAS – REALIDADES E  
INVISIBILIDADES MIDIÁTICAS***

... nos vemos às voltas com uma espécie de metamorfose, ou melhor, de anamorfose do pensamento na imagem, por onde ela escapa a todos os tipos de discurso e toca o reino da Fábula de que eu falava no início. Isso quer dizer: a algo que não é nem verdadeiro nem real, algo que se conta literalmente, que não existe a não ser por sua narrativa, sua fala, seu mito literal – e, para mim, a imagem fotográfica, em sua forma mais pura, é uma das variantes da fábula. Uma maneira, no sentido forte, de salvar as aparências, isto é, através da imagem como fábula, através da imagem-foto como instante fabuloso, de deixar entrever que esse mundo "real" corre o risco, a todo instante, de perder seu sentido e sua realidade – de que ele poderia, no fundo, abrir mão do sentido e da realidade, algo que porém não suportamos (não mais do que a ideia de que nada haja, antes do que algo), senão graças a essas imagens, essas poucas fábulas que se deixam atravessar pelo vazio, que são o (não) lugar vivo da desintegração dos conceitos, e que se apoderam das próprias funções do pensamento como se fora de uma última servidão. Mas que retraçam esse fim, que se exaltam com esse desaparecimento, como o mito exalta e retraça as origens e o assassinato original da realidade. (BAUDRILLARD, Jean - *A fotografia como mídia do desaparecimento*).

**VINICIUS GUEDES PEREIRA DE SOUZA**

**SÃO PAULO**

**2010**

## RESUMO

*Imagens Mutiladas – Realidades e Invisibilidades Midiáticas* tem por objetivo analisar a criação, manipulação e divulgação de determinadas realidades e, por outro lado, como se dá a ocultação, subtração e invisibilidade de outras realidades nos meios de comunicação em massa e, por consequência, no imaginário coletivo. A pesquisa tomou como ponto de partida o uso das fotografias de vítimas de minas terrestres, principalmente as publicadas em dois exemplares de grandes veículos da mídia impressa brasileira (o jornal *Folha de S.Paulo* e a Revista *O Globo*) e nas duas mais importantes publicações internacionais especializadas no assunto (*Landmine Monitor* e *The Journal of ERW and Mine Action*). A pretensão do trabalho foi analisar os efeitos que as imagens de vítimas latino-americanas de minas, ou mais propriamente a sua ausência, nos veículos de comunicação em massa e na mídia especializada têm na criação do imaginário coletivo sobre essa problemática na América Latina. A partir daí, buscou-se explorar outras realidades “invisíveis”, de modo a tentar entender suas “falhas midiáticas” e traçar possíveis estratégias para inseri-las nos fluxos de informação que compõem a mediosfera atual.

## ABSTRACT

*Mutilated Images – Mediatic Realities and Invisibilities* aims at analyzing the creation, manipulation and disclosure of certain realities, while analyzing how the concealment, subtraction and invisibility of other realities occur within the mass media - and, consequently, in the collective imagination. The research takes as its starting point the use of photographs of victims of landmines mainly in two issues of large publications in the Brazilian print media (the newspaper *Folha de S. Paulo* and the *Revista O Globo*) and in the two most important international specialist publications on the subject (*Landmine Monitor* and *The Journal of ERW and Mine Action*). This paper is intended to analyze the effects that the images of Latin American victims of mines, or rather their absence, in the mass media publications and in the specialized media cause in the creation of the collective imagination about this matter in Latin America. From this point on, the dissertation seeks to explore other “invisible” realities, in order to try to understand their “mediatic flaws” and trace possible strategies for including them in the information flows that make up the current media sphere.

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente à minha filha Maya, cujo nascimento propiciou a “desculpa perfeita” para minha tão adiada volta à universidade, e à minha companheira Maria Eugênia, que sempre apoiou essa volta.

Dedico ainda todo o *Projeto América Minada*, do qual essa dissertação também faz parte agora, às vítimas latino-americanas de minas terrestres e a todos os que sofrem no mundo os efeitos de duras realidades escondidas. Porque seu sofrimento é duplo: a dor em si e a ignorância geral por sua situação jamais ser transformada em “realidade midiaticizada” e, portanto, “mais real”. O que as lentes não veem, o poder não muda.

## AGRADECIMENTOS

Nenhuma pesquisa científica, reportagem ou investigação é um trabalho individual. Tudo o que vale a pena na vida é resultado de esforços coletivos. Assim, seria impossível nomear todas as pessoas que contribuíram no *Projeto América Minada*, do qual agora esta dissertação também faz parte. Boa parte delas estão nos agradecimentos do livro e do documentário *América Minada*, produzidos em parceria com minha companheira Maria Eugênia Sá. É exatamente por causa dessa parceria tão fundamental que relutei em escrever o texto com o pronome na primeira pessoa do singular. O plural não seria majestático, mas, sim, um reconhecimento de quem esteve presente todo o tempo. A ela, meu amor incondicional.

É importante, ainda, reconhecer instituições sem cuja existência a produção de conhecimento que não visa a lucro seria impossível. Nesse sentido, gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, pela concessão da bolsa do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares - Prosup. Quanto à dissertação em si, não poderia deixar de agradecer ao Prof. Dr. Luciano Maluly, primeiro a sugerir minha volta à academia, e ao Prof. Dr. Boris Kossoy, que me aceitou como aluno especial em seu curso *Fotografia, Comunicação e Memória*, na ECA-USP. Na finalização do texto merecem destaque as amigas Denise Gomide e Solimar Garcia, responsáveis pela revisão, e Arlete Dialetachi, que verteu o resumo para o inglês.

Meus agradecimentos também a todos os professores e professoras do curso de Pós-Graduação em Comunicação da Unip com que tive o prazer de estudar nos últimos dois anos: Prof. Dra. Janette Brunstein Gorodscy, Profa. Dra. Solange Wajnman, Prof. Dr. Geraldo Carlos do Nascimento e Prof. Dra. Malena Segura Contrera. Além, é claro, de uma eterna dívida de gratidão com meu orientador, o Prof. Dr. Eduardo Peñuela Cañizal, e com os componentes da banca, Prof. Dr. Milton Pelegrini e Prof. Dra. Egle Müller Spinelli. A todos e todas, muito obrigado!



## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b>	ix
<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>1 AMÉRICA MINADA</b>	4
1.1 Um pouco de história das minas	9
1.2 A situação na América Latina	13
1.3 Como assim, minas na América Latina?	15
<b>2 FOTOGRAFIA, TESTEMUNHO E MEMÓRIA</b>	18
<b>3 A “BARRIGA” DA MÍDIA</b>	22
<b>4 AS “FONTES OFICIAIS”</b>	38
4.1 <i>Landmine Monitor Executive Summary</i>	40
4.2 <i>Journal of Humanitarian Demining / Journal of Mine Action / Journal of ERW &amp; Mine Action</i>	52
<b>5 LUZES E SOMBRAS</b>	85
5.1 Imaginar revolucionar	93
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	103
Livros	103
Periódicos consultados	105
Artigos em periódicos	106
Sites consultados	108
Artigos em sites	109

## LISTA DE ABREVIATURAS

- AP – *Associated Press*
- CCCM – *Campaña Colombiana ContraMinas*
- CCM – *Convention on Cluster Munition* - Convenção para Munições Cluster
- CCW – *Convention on Certain Conventional Weapons* – Convenção Sobre Certas Armas Convencionais
- CICV – Comitê Internacional da Cruz Vermelha
- Cirec – Centro Integral de Reabilitação da Colômbia
- CISR – *Center for International Stabilization and Recovery* – Centro para Estabilização e Recuperação Internacional
- GICHD – *Geneva International Centre for Humanitarian Demining* – Centro de Desminado Humanitário de Genebra
- DoD – *Department of Defense* - Departamento de Defesa dos EUA
- dpi – *Dots per inch* – pontos por polegada, medida de resolução gráfica de imagens digitais
- EBC – Empresa Brasil de Comunicação
- ELN – Exército de Libertação Nacional da Colômbia
- ERW – *Explosive Remnants of War* – Explosivos Remanescentes de Guerras
- Farc – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
- HDIC – *Humanitarian Demining Information Center* – Centro de Informação para Desminagem Humanitária.
- ICBL – *International Campaign to Ban Landmines* - Campanha Internacional para o Banimento das Minas Terrestres
- JMA – *Journal of Mine Action* – Jornal das ações contra as minas
- LM – *Landmine Monitor* – Monitor de Minas Terrestres
- LSN - *Landmine Survivor Network* – Rede de Sobreviventes de Minas Terrestres
- MAG – *Mine Advisory Group* – Grupo Consultivo sobre Minas
- Maic – *Mine Action Information Center* – Centro de Informação para Ação Contra as Minas
- MgM – *Menschen gegen Minen* – Pessoas contra as Minas
- MRE – *Mine Risk Education* – Educação para o risco de minas

NPA – *Norwegian People's Aid* – Ajuda Popular da Noruega

OEA – Organização dos Estados Americanos

ONG – Organização Não Governamental

Otan - Organização do Tratado do Atlântico Norte

Paicma – Programa Presidencial para a Ação Integral contra Minas Antipessoal

Southcom – *United States Southern Command* – Comando Sul dos Estados Unidos

Unicef - *United Nations Children's Fund* – Fundo das Nações Unidas para a infância

Unita – União Nacional para a Independência Total de Angola

UXO - *Unexploded ordnance* – dispositivo explosivo não detonado

## INTRODUÇÃO

A cobertura de guerra é talvez o mais poderoso dos fetiches para os estudantes de jornalismo e, em especial, para aqueles interessados na fotorreportagem. O historiador português Jorge Pedro Sousa situa o próprio nascimento do fotojornalismo moderno no período entreguerras, quando surgiram “nomes quase míticos, como Robert Capa, que iria, posteriormente, salientar-se na cobertura da Guerra Civil da Espanha e da Segunda Guerra Mundial” (2002, p. 19). E em praticamente todos os conflitos no globo desde a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos, uma arma é constante ameaça a militares, civis e jornalistas: a mina terrestre<sup>1</sup>. Basta lembrar que o próprio Capa morreu vitimado pela explosão de mina na Guerra da Indochina em 1954, tendo sido, segundo consta, encontrado com as pernas dilaceradas, mas com a câmera ainda nas mãos.

Os fotógrafos de guerra herdaram o glamour que o ato de ir para uma guerra ainda desfrutava entre os antibelicistas, em especial quando a guerra parecia ser um desses raros conflitos em que uma pessoa consciente era compelida a tomar partido. (SONTAG, 2008, p. 32).

Como tantos outros fotógrafos, também eu busquei “um gosto de guerra” nas pegadas de Capa. Já no primeiro conflito que cobri com minha companheira Maria Eugênia Sá, em 2002 em Angola, pude ver de perto a dor das vítimas de minas. Mais do que isso, contudo, descobri em campo uma realidade diferente da retratada pelos noticiários das TVs e periódicos. A África real ia muito além dos estereótipos de fome-guerra-miséria ou animais-paisagens-povos-exóticos. Em coberturas posteriores em outros cantos do mundo, e mesmo no Brasil, muitas vezes me deparava com pautas, teoricamente, de profundo interesse jornalístico, para não dizer humano, mas invariavelmente fora das manchetes dos principais jornais e revistas. E em contextos de conflito armado, o terror das minas também se fazia

---

<sup>1</sup> Para este trabalho, optou-se pela utilização de uma nomenclatura tripla mina, mina terrestre e mina antipessoal, para designar todos os dispositivos explosivos acionados pela vítima, e portanto proibidos pelo Tratado de Ottawa, independentemente de terem sido fabricados com o objetivo de atingir veículos ou pessoas, de serem artesanais ou industriais, improvisados ou partes de outros explosivos remanescentes de guerra.

quase sempre presente. O ápice desse paradoxo (assuntos instigantes totalmente ignorados pelos meios de comunicação em massa) ocorreu durante reportagem sobre violência urbana na Colômbia, em 2004. Ao mostrar nosso livro com as fotos de Angola<sup>2</sup>, fui informado da gravíssima problemática das minas terrestres na América Latina, e em especial, na Colômbia, então terceiro país no mundo em número de novas vítimas por ano. Tratava-se de mais uma realidade invisível para a mídia.

Dessa descoberta, surgiu o *Projeto América Minada*<sup>3</sup>, uma iniciativa composta por um livro de fotografias trilingue; um documentário em vídeo; exposições fotográficas; dezenas de artigos e reportagens publicados no Brasil e no exterior; e palestras, entrevistas e debates. A ideia era dar visibilidade ao problema das minas no continente (oito países atualmente afetados), às pessoas e às entidades na luta para minimizar o sofrimento das vítimas e alertar as populações ameaçadas. Sem os holofotes da imprensa, não há como o grande público conhecer essa realidade. E sem conhecimento, não há pressão para mudanças.

*Imagens Mutiladas – Realidades e Invisibilidades Midiáticas*, insere-se no contexto do *Projeto América Minada*, porém pretende ir muito além dele. Mais do que simplesmente servir de outro veículo para a divulgação da questão das minas na América Latina, o objetivo deste trabalho é tentar entender melhor como se criam, se manipulam e se divulgam determinadas realidades e, por outro lado, como se ocultam, se subtraem e se tornam invisíveis outras realidades nos meios de comunicação em massa e, por consequência, no imaginário coletivo. Afinal, “toda visibilidade carrega em si a invisibilidade correspondente”. (BAITELLO Jr, 2005, p. 85).

Utilizando uma metodologia de pesquisa qualitativa interpretativa, o trabalho toma como ponto de partida o uso das fotografias de vítimas de minas,

---

<sup>2</sup> SOUZA, Vinicius; SÁ, Maria Eugênia. **Angola: a esperança de um povo**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 1ª ed., 2004.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

principalmente em dois exemplares de grandes veículos da mídia impressa brasileira (o jornal Folha de S.Paulo e a Revista O Globo, do periódico homônimo) e nas duas mais importantes publicações internacionais especializadas no assunto (o relatório anual *Landmine Monitor Report* e a revista do *Mine Action Information Center*, centro de pesquisas da Universidade James Madison, atualmente denominada *The Journal of ERW and Mine Action*). A pretensão do trabalho é analisar os efeitos que as imagens de vítimas latino-americanas de minas, ou mais propriamente sua ausência, nos veículos de comunicação em massa e na mídia especializada têm na criação do imaginário coletivo sobre essa problemática na América Latina. A partir daí, a dissertação analisa outras realidades invisíveis, de modo a tentar entender suas “falhas midiáticas” e traçar possíveis estratégias para inseri-las nos fluxos de informação que compõem a mídia em que vivemos.

Fotografias são onipresentes: coladas em álbuns, reproduzidas em jornais, expostas em vitrines, paredes de escritórios, afixadas contra muros na forma de cartazes, impressas em livros, latas de conservas, camisetas. Que significam tais fotografias? (...) O fato relevante para ele é que as fotografias abrem ao observador visões do mundo. (...) o universo fotográfico representa o mundo lá fora através deste universo, o mundo. A vantagem é permitir que se vejam as cenas inacessíveis e preservar as passageiras (...). Mas será verdade? (FLUSSER, 2009, p. 37).

## 1 AMÉRICA MINADA

Jhon (figura 1) e família viviam tranquilamente da agricultura de subsistência numa pequena propriedade no meio da floresta tropical, até que, sem maiores avisos, guerrilheiros invadiram a região, exigindo que os moradores aderissem ao movimento ou deixassem suas terras. Sem alternativa, um grupo de 28 pessoas decidiu fugir a pé, levando apenas o que conseguia carregar. Homens e mulheres, velhos e crianças se embrenharam pelas trilhas da mata. O jovem Jhon não conseguiu acompanhar o ritmo da caminhada e ficou um pouco para trás. Então viu uma bica d'água e resolveu se refrescar e descansar um pouco. Percebendo que o grupo começava a se distanciar, ele tentou correr, ouviu a explosão e caiu no chão. Por um tempo, não entendeu o que havia acontecido. Mas quando quis levantar, viu que seu pé esquerdo estava destroçado. Sentiu uma dor lascinante, mas não o suficiente para desmaiar. Os companheiros de jornada voltaram com o barulho e o encontraram rastejando e gritando. Os adultos se revezaram para carregá-lo por mais um dia e uma noite antes de chegarem à cidade mais próxima. Somente quando deu entrada no hospital, o corajoso menino de 13 anos se permitiu desfalecer. E acordou dois dias depois, já com a perna amputada. Menos sorte tiveram dois outros fugitivos do grupo, que morreram também vitimados por minas terrestres escondidas nas picadas.



Figura 1 – A imagem produzida em diapositivo por uma antiga câmera de médio formato (Agfabox) traz o motivo principal levemente fora de foco, mas evidencia a prótese na perna esquerda de Jhon e destaca ao fundo os perigosos caminhos que cortam as montanhas da floresta tropical. Em segundo plano, à esquerda, vemos um pé de café com frutos verdes, também denotando a origem colombiana da vítima. As folhas atrás da cabeça insinuam uma cora vegetal (louros da glória?). Foto de Vinicius Souza, Periferia de Medellín, Colômbia. Publicada em América Minada, página 19, porém nunca reproduzida em periódicos.

Freddy (figura 2) era um típico pastorzinho das montanhas. Numa manhã de sol, como quase todas em sua região, ele conduzia as poucas ovelhas do pai pelos caminhos áridos, à procura de alguma erva verde entre as pedras para alimentá-las. Nisso, viu um objeto semienterrado no solo arenoso. Aos 9 anos de idade, a curiosidade pelo brilho do artefato era irresistível. Ele o apanhou e apertou o botão daquilo que pensava ser um rádio. Mas não se ouviu qualquer música. O estrondo



ecoou longe e chamou a atenção dos familiares. Eles o encontraram atirado ao chão com o rosto e os braços queimados e cobertos de sangue. Tentaram reanimá-lo, mas parecia ser tarde demais. Os vizinhos vieram consolar a família, limpavam o corpo como puderam e o estenderam sobre a mesa do cômodo principal da casa simples para velá-lo. Por quase 16 horas, parentes e amigos choraram a morte do garoto. Mas ainda não era sua hora. Como que por milagre, ele finalmente se mexeu e foi levado às pressas para o hospital.



Figura 2 – A foto de Freddy Mendoza, numa composição clássica de motivo principal centrado e com todos os elementos em foco, traz uma grande quantidade de informações, de modo quase a dispensar a legenda. Nela temos os efeitos da explosão (as mutilações nas mãos e a cegueira representada pelos óculos escuros e pela bengala), a identidade linguística espanhola na camiseta (que também faz referência à luta pelos direitos das vítimas), o ambiente árido das montanhas peruanas e a torre com seu entorno minado (à direita na imagem), ameaçando as pessoas que vivem nas casas próximas (à esquerda). Foto de Maria Eugênia Sá, Periferia de Lima, Peru, 2005. Publicada no livro *América Minada*, nas páginas 44 e 45, e reproduzida em diversos periódicos, inclusive no *Journal of ERW and Mine Action* <<http://maic.jmu.edu/journal/13.1/focus/souza/souza.htm>>

Cego, sem dois dedos de uma mão e três da outra, sua vida no campo acabou. Atualmente ele mora na periferia da capital e se sustenta vendendo balas

nos ônibus com a ajuda de uma irmã menor, cuja infância, assim como a dele, se esvai no rastro da tragédia<sup>4</sup>.

Se não fosse pelo título deste capítulo, quem lesse o relato sobre Jhon Ferney poderia pensar que ele era um camponês cambojano fugindo do Khmer Vermelho no começo dos anos 1970 e vitimado por uma mina terrestre, norte-americana ou comunista, plantada no solo em um conflito que ultrapassou as fronteiras do Vietnã e atingiu toda a Indochina. Do mesmo modo, se não fossem os dizeres em espanhol em sua camiseta, muitos poderiam pensar que o acidente com Freddy Mendonza teria acontecido em algum esconderijo de Osama Bin Laden próximo ao *Caminho para Kandahar*, onde muletas e próteses caem do céu para as vítimas das minas terrestres. Também não se trata dos desertos do Curdistão, entre o Irã, o Iraque e a Turquia, onde até as *Tartarugas podem voar*. Nem sequer é uma *Terra de ninguém*<sup>5</sup>, disputada por etnias na antiga Iugoslávia. Ferney e Mendoza são jovens sul-americanos, nascidos na Colômbia e no Peru, respectivamente. E os encontros com as minas terrestres aconteceram em seus países de origem - no interior do departamento (estado) de Antioquia, no caso de Ferney; e nas montanhas peruanas de Junín, no de Mendoza.

O acidente de Jhon Ferney, que hoje mora em uma favela sem acesso ao tão midiaticizado teleférico que leva a algumas comunidades de Medellín, é apenas um entre centenas dos registrados oficialmente a cada ano na Colômbia. Desde o início da década o país está entre os que mais apresentam novas vítimas dessas armadilhas explosivas em todo o mundo, a cada ano. Entre 2005 e 2007<sup>6</sup>, a Colômbia liderou o ranking mundial, superando as duas nações que tradicionalmente

---

<sup>4</sup> Os primeiros parágrafos desse capítulo, com algumas pequenas alterações, foram escritos originariamente para um artigo com chamada de capa, intitulado *O perigo mora ao lado*, publicado na revista *Rolling Stone Brasil*, número 16, de janeiro de 2008. Disponível em: <http://www.rollingstone.com.br/edicoes/16/textos/o-perigo-mora-ao-lado/>. Acesso em: 25 jan. 2010.

<sup>5</sup> Os títulos em itálico fazem referência a três filmes recentes de ficção, ambientados respectivamente no Afeganistão, Iraque e Bósnia (países que passaram ou ainda passam por conflitos armados) e que têm a questão das minas como pano de fundo.

<sup>6</sup> Conforme informações dos relatórios anuais do *Landmine Monitor Report*. Disponíveis em: <http://www.lm.icbl.org/index.php>. Acesso em: 30 jan.2010.

se revezavam nessa posição, Afeganistão e Camboja, e deixando para trás outras regiões na África e na Ásia bem conhecidas por seus campos minados.

Contudo, parece que quanto mais se divulga por meio da ficção cinematográfica o perigo das minas terrestres na Europa Oriental e no Oriente Médio, coincidentemente mais as minas fazem vítimas na América Latina.

O trabalho com diagnósticos da contemporaneidade, sobretudo distanciados das modas e dos climas reinantes que procuram destacar apenas a faceta luminosa dos temas e objetos da comunicação, tem hoje como um de seus principais desafios a busca das invisibilidades, uma vez que a visão saturada com as intencionalidades da luz, tornou-se a princípio um sentido habilitado apenas para as superfícies iluminadas. A visão para os fenômenos crepusculares e muito mais ainda para a visão das realidades comunicacionais que se desenrolam nos “limiares semióticos” obscuros foram totalmente recalçadas por um saber determinístico completamente discrepante da natureza probabilística de seu objeto, os processos da comunicação. (BAITELLO, Jr, 2005, p. 85).

## 1.1 Um pouco de história das minas

Desde de seu aprimoramento durante a Guerra da Secessão nos Estados Unidos, no verão norte-americano de 1862 (CROLL, 1998), as minas terrestres fizeram parte de praticamente todos os conflitos no planeta, com milhões de vítimas. Contudo, devido à sua própria natureza de arma insidiosa escondida sob o solo, as minas continuam a matar e mutilar por décadas após o fim dos conflitos. E quando as guerras terminam, as baixas deixam de ser em sua maioria militares, para aumentar as estatísticas civis. Ao não fazer distinção entre alvos civis e militares e causar um dano desproporcional ao seu objetivo militar, as minas ferem alguns dos mais importantes princípios do Direito Internacional Humanitário, conjunto de leis popularmente conhecido como Convenção de Genebra<sup>7</sup>. Apesar desse fato, jamais se conseguiu implementar uma proibição internacional total do uso de minas por meio do Protocolo II da Convenção Sobre Certas Armas Convencionais – CCW (na sigla em inglês de *Convention on Conventional Weapons*), que regula o uso de armas de efeito indiscriminado. Desse modo, a comunidade internacional se viu diante da necessidade de produzir um novo instrumento internacional vinculante, para banimento das minas criadas para matar ou mutilar pessoas, as minas antipessoal.

Assim, em outubro de 1992, as ONGs *Handicap International*, *Human Rights Watch*, *Medico International*, *Mines Advisory Group*, *Physicians for Human Rights*, e *Vietnam Veterans of America Foundation*, fundam a Campanha Internacional para o Banimento das Minas Terrestres – ICBL (sigla em inglês de *International Campaign to Ban Landmines*)<sup>8</sup>. Quatro anos mais tarde (1996), o ministro das relações exteriores canadense, Lloyd Axworthy, lança um desafio público a governos e ONGs para que se assine no prazo de um ano um tratado definitivo de proibição do uso de minas antipessoal. Em 3 de dezembro de 1997, no Canadá, os primeiros Estados

---

<sup>7</sup> *Armas e Direito Internacional Humanitário*. Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Disponível em: <[http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/htmlall/section\\_ihl\\_weapons?OpenDocument](http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/htmlall/section_ihl_weapons?OpenDocument)>. Acesso em: 08 ago. 2009.

<sup>8</sup> *Campaign history. International Campaign to Ban Landmines*. Disponível em: <<http://www.icbl.org/campaign/history>>. Acesso em: 07 out. 2008.

Membros assinam a Convenção Sobre a Proibição de Uso, Estocagem, Produção e Transferência de Minas Antipessoal e sua Destruição, que passa a ser chamada de Tratado de Ottawa. Além dos deveres expressos em seu título, o Tratado prevê ainda a obrigação, por parte dos Estados Membros (atualmente 156 países e territórios), de prestar assistência às vítimas de minas. A iniciativa do Tratado conferiu à ICBL e à sua coordenadora, Jody Willians, o Prêmio Nobel da Paz de 1997 e, com isso, o assunto minas ganhou definitivamente espaço na mídia. Contudo, sua imagem segue deturpada, “desfocada”, e mostra apenas alguns lados (ou regiões) do problema.

Até o final de 2009, um total de 156 nações e territórios, entre os quais praticamente todos os países mais afetados pelas minas antipessoal, já haviam aderido ao Tratado de Ottawa e a lista de adesões cresce ano a ano. Desde o início do processo, destacou-se a necessidade de um cuidado maior com as pessoas que vivem em áreas afetadas por minas e isso fica claro no próprio texto do Tratado:

Os Estados Partes,

Determinados a pôr fim ao sofrimento de às mortes causadas por minas antipessoal, que matam ou mutilam centenas de pessoas todas as semanas, na sua maioria cidadãos inocentes e indefesos e principalmente crianças, obstruem o desenvolvimento econômico e a reconstrução, inibem a repatriação de refugiados e de pessoas deslocadas internamente e ocasionam outras consequências severas por muitos anos após sua colocação;(...)

Desejando fazer o máximo na prestação de assistência para o tratamento e a reabilitação, incluindo a reintegração social e econômica, de vítimas de minas, reconhecendo que uma proibição total das minas antipessoal seria também uma importante medida de construção de confiança;... Acordaram o seguinte: (...)

3. Cada Estado Parte em condições de fazê-lo proporcionará assistência para o tratamento e a reabilitação de vítimas de minas e a sua reintegração social e econômica, bem como para programas de conscientização sobre minas. Tal assistência poderá ser prestada por intermédio do sistema das Nações Unidas, de organizações ou instituições internacionais, regionais ou nacionais, do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, das sociedades nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho e de sua Federação Internacional, de organizações não governamentais ou em sua base bilateral.” (ICBL, 2008, p. 67-69).

Como se percebe, a preocupação com as vítimas e os sobreviventes de acidentes com minas antipessoal parece ter sido a força motriz por trás do principal

instrumento vinculante internacional para o banimento dessas armas. De fato, segundo Raquel Willerman (MATTHEW; McDONALD e RUTHERFORD, 2004), até 2000, estimava-se em mais de 300 mil o número de sobreviventes de acidentes ou incidentes com minas em todo o mundo. Somente naquele ano, mesmo reconhecendo-se um alto índice de sub-notificação, mais de oito mil novos casos foram oficialmente reportados. Em média, 80% dos sobreviventes são civis, sendo 25% crianças, e Willerman estima que menos de 10% dos sobreviventes de minas recebam tratamento médico e serviços de reabilitação apropriados.

Contudo, a discrepância entre a alegada preocupação com as vítimas e a real assistência recebida pelos sobreviventes não se dá apenas nos índices de pessoas atendidas de forma apropriada. Ela se dá também em outros campos, como o valor destinado à assistência às vítimas em relação ao dinheiro entregue a ações de desminagem. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, país responsável por praticamente um quarto das doações mundiais para ações contra minas, dos US\$ 123 milhões gastos em 2006 para a questão das minas, apenas US\$ 14,75 milhões foram destinados a programas de assistência às vítimas de conflitos como um todo, incluindo aí os sobreviventes de minas antipessoal (ICBL, 2007).

Vale ressaltar ainda, como um paralelo, a diferença entre os valores investidos pelos países doadores em nações que sofrem historicamente com a problemática das minas - como Afeganistão, Camboja, Líbano e territórios na África - em relação ao dispêndio financeiro em países latino-americanos, em especial na Colômbia. Apesar de contabilizar oficialmente 1.110 novas vítimas de minas e Explosivos Remanescentes de Guerras (*ERW*, sigla em inglês) em 2005<sup>9</sup>, 1.106 em 2006<sup>10</sup> e 895 em 2007<sup>11</sup>, a Colômbia figurava apenas em 10º lugar entre os destinos de doações de fundos para atividades antiminas em 2007, com um total de US\$ 8,8 milhões (ICBL, 2008). A título de comparação, o Camboja, com 352 vítimas listadas em 2007, recebeu US\$ 30,8 milhões para ações contra minas naquele ano. A

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.icbl.org/lm/2006/colombia.html#Heading339>>. Acesso em: 01 fev. 2010.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.icbl.org/lm/2007/colombia>>. Acesso em: 01 fev. 2010.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.icbl.org/lm/2008/colombia>>. Acesso em: 01 fev. 2010.

situação, contudo, é um pouco melhor do que em 2006, quando a Colômbia estava em 18º lugar no ranking de investimento, com US\$ 4,3 milhões, abaixo até mesmo da Nicarágua, que naquele ano registrou apenas sete vítimas e recebeu US\$ 5,7 milhões<sup>12</sup>. Em 2008, segundo os últimos dados disponibilizados pela ICBL<sup>13</sup>, a Colômbia, com 777 vítimas, seguia em 10º lugar (com US\$ 9,1 milhões), novamente atrás de Afeganistão (US\$ 105,2 milhões e 992 pessoas afetadas), Iraque (US\$ 35,9 milhões e 263 vítimas), Líbano (US\$ 28,2 milhões e 28 vítimas), Camboja (US\$ 28,1 milhões e 269 vítimas), Bósnia e Herzegovina (US\$ 23,6 milhões e 39 vítimas), Angola (US\$ 22,1 milhões e 52 vítimas), Etiópia (US\$ 18,9 milhões e 18 vítimas), Laos (US\$ 12,7 milhões e 100 vítimas) e República Popular do Congo (US\$ 12,4 milhões e 14 vítimas).

---

<sup>12</sup>Disponível em: <<http://www.icbl.org/lm/2007/nicaragua>>. Acesso em: 01 fev. 2010.

<sup>13</sup>Disponível em: <<http://www.icbl.org/lm/2009/lm>>. Acesso em: 01 fev. 2010.



## 1.2 A situação na América Latina

Na Colômbia, as minas são usadas há mais de 40 anos. Inicialmente utilizadas pelas forças armadas para proteger instalações militares e infraestrutura estratégica (assim como o exército do Peru fez nos anos 1990 em torno das torres de transmissão de alta tensão de modo a evitar ataques da guerrilha do Sendero Luminoso, e explosivos esquecidos seguem mutilando crianças como o menino Freddy, citado no início deste trabalho). Aos poucos, essa tecnologia foi sendo adotada pelas guerrilhas de esquerda, pelos grupos paramilitarparamilitares de direita (algumas vezes a serviço do próprio governo) e até por produtores e traficantes de drogas. Com os enfrentamentos cada vez mais violentos desde a década de 1990, apesar de o governo ter assinado o Tratado de Ottawa em 1997, a Colômbia passou a ser o único país das Américas, e talvez do mundo, onde se plantam novas minas diariamente, atingindo 31 de seus 32 departamentos. Não existe qualquer estimativa confiável do número de minas ativas sob o solo e não é possível se iniciar uma desminagem ampla enquanto não houver uma solução para a guerra civil<sup>14</sup>.

De janeiro de 1990 a junho de 2009, foram registrados pelo *Programa Presidencial para la Acción Integral contra Minas Antipersonal* – Paicma, da Colômbia, 4.289 acidentes com minas, causando a morte ou mutilação de 7.428 pessoas, sendo 34% civis.<sup>15</sup> Para a Campanha Internacional para o Banimento das Minas Terrestres – ICBL, a cifra real é sem dúvida ainda maior, pois somaria os 6.696 registros de vítimas entre 1999 e 2008 a um imenso número ignorado de vítimas civis cujos acidentes não foram reportados oficialmente, já que os militares possuem toda a capacidade de coletar (e talvez até de manipular) os dados sobre seus mortos e feridos. O número oficial de atingidos por explosões de minas em

---

<sup>14</sup> Informações coletadas em entrevistas com autoridades e representantes de ONGs na Colômbia (2004) e Peru (2005) para artigos, livro e documentário do *Projeto América Minada*. Disponível em: <<http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

<sup>15</sup> GALLEGOS, Pablo Esteban Parra. *The Journal of ERW and Mine Action*. Harrisonburg, VA, 2009. p. 52. Disponível em: <<http://maic.jmu.edu/journal/13.3/specialreport/gallego/gallego.htm>>. Acesso em 25 jan. 2010.



2008 foi de 777<sup>16</sup>, perdendo apenas para o Afeganistão (992 vítimas em 2008 e mais de 12 mil desde 1999).<sup>17</sup>

No entanto, esse não é um problema só da Colômbia e do Peru. No total, 13 nações nas Américas possuem ou possuíam recentemente campos minados em seu território e oito seguem tendo áreas ainda perigosas: Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Nicarágua, Peru e Venezuela. As justificativas por trás do uso de minas no continente variam de país a país. O Chile, por exemplo, usou para “preservar” as fronteiras durante a ditadura militar; a Argentina fez o mesmo e também plantou minas nas Ilhas Malvinas durante o conflito com a Inglaterra; Cuba usa para isolar a base estadunidense de Guantánamo; e a Venezuela para “proteger” suas bases próximas à Colômbia. Porém, ao longo do tempo, sua história quase sempre segue um roteiro bem conhecido em outras partes do mundo. Durante os conflitos, os militares em ação são as maiores vítimas desses artefatos explosivos, que custam em média entre US\$ 1 e US\$ 3 para serem colocados no chão e, portanto, podem ser rapidamente distribuídos por vastos territórios. Após os acordos de paz, como o custo de desminagem salta para US\$ 1.000 a US\$ 3.000 por mina e cada explosivo não destruído pode ficar ativo no solo por 50 a 60 anos, os governos têm dificuldade em fazer a limpeza dos campos minados, que permanecem por décadas ameaçando principalmente as populações civis, em especial os camponeses e crianças curiosas. É por isso que o Camboja e o Vietnã continuam entre os países mais afetados do planeta, apesar de não terem uma única nova mina plantada no solo há mais de 30 anos. Esse fato, entretanto, não pode por si só justificar a invisibilidade da questão das minas em outras regiões do planeta.

---

<sup>16</sup> *Landmine Monitor Report 2009*. Disponível em: <[http://www.lm.icbl.org/index.php/publications/display?act=submit&pqs\\_year=2009&pqs\\_type=lm&pqs\\_report=colombia&pqs\\_section=%232008\\_key\\_data#2008\\_key\\_data](http://www.lm.icbl.org/index.php/publications/display?act=submit&pqs_year=2009&pqs_type=lm&pqs_report=colombia&pqs_section=%232008_key_data#2008_key_data)>. Acesso em 25 jan. 2010.

<sup>17</sup> *Landmine Monitor Report 2009*. Disponível em: <[http://www.lm.icbl.org/index.php/publications/display?act=submit&pqs\\_year=2009&pqs\\_type=lm&pqs\\_report=afghanistan&pqs\\_section=%232008\\_key\\_data#2008\\_key\\_data](http://www.lm.icbl.org/index.php/publications/display?act=submit&pqs_year=2009&pqs_type=lm&pqs_report=afghanistan&pqs_section=%232008_key_data#2008_key_data)>. Acesso em 25 jan. 2010.

### 1.3 Como assim, minas na América Latina?

José Hamilton Ribeiro é um dos jornalistas mais conhecidos do Brasil. Seu livro mais recente, intitulado *O Repórter do Século*, é composto pelas sete reportagens de sua autoria ganhadoras do Prêmio Esso, um dos mais importantes do jornalismo brasileiro, e um artigo fundamental em sua carreira: “*Eu estive na guerra*”, o relato de sua cobertura da guerra do Vietnã. O livro traz na capa a mesma foto (Figura 3) que ilustra a capa da edição de maio de 1968 da revista *Realidade*, tirada pelo fotógrafo japonês Keisaburo Shimamoto, e que mostra o repórter caído no chão e ensanguentado logo após a explosão de uma mina terrestre, que causou a amputação de uma de suas pernas.



Figura 3 – A foto, certamente em diapositivo (slide) pela nitidez e qualidade das cores no seu original, mostra o jornalista ferido, ainda consciente, logo após o acidente, amparado por um colega ou militar.

A quantidade de sangue em seu rosto e sua mão esquerda trazem toda a carga dramática do momento, dispensando totalmente a explicação do ferimento (a perna cortada em tiras, como ele descreveu depois). Apesar de ser um civil, seus trajes são militares, o que se denota pela cor verde e pelo cinto. Ele poderia, assim, ser facilmente confundido com um soldado por tropas “inimigas” e, portanto, um “alvo legítimo”. De qualquer modo, é a “típica foto de guerra” que se espera de uma cobertura de conflito. Imagens como essa “traduziram” para o Ocidente a “realidade” da guerra.

Reproduzida nos livros do jornalista e em diversos periódicos, a foto está disponível também em <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/blog/?p=736>>. Foto de Keisaburo Shimamoto, Vietnã,

1968.

Como responsável por promover o lançamento em São Paulo do *Landmine Monitor Report 2007*, convidei Ribeiro para fazer parte do evento. Afinal ele é um dos poucos brasileiros, talvez o único jornalista, a vivenciar os efeitos de uma mina antipessoal. Confrontado com os dados do relatório, entretanto, ouvi dele uma frase espantosa: “fui convidado uma vez para ir à Colômbia para falar sobre minha experiência no Vietnã, e achei que eles poderiam ter algum problema com minas por causa da guerrilha, mas nunca imaginei que estivessem em primeiro lugar no mundo em número de vítimas!”

No prefácio do livro de fotografias *América Minada*<sup>18</sup>, o mundialmente renomado fotógrafo Tim Page, que cobriu conflitos no Laos, Camboja, Oriente Médio e Timor Leste, e também foi vítima de uma mina no Vietnã em 1969, atesta que somente por meio da obra “*temos as primeiras luzes sobre esse assunto na América Latina, despertando consciências*” (PAGE, in SOUZA e SÁ, 2007, p. 7). Nem mesmo ele, que participa de ações do *Mine Advisory Group* - MAG<sup>19</sup> no Sudeste asiático e nos Balcãs há mais de dez anos, tinha conhecimento da gravidade da situação em nosso continente, apesar de o MAG também atuar com Educação para o Risco de Minas – MRE (da sigla em inglês para *Mine Risk Education*) no departamento de Antioquia, o mais afetado por minas na Colômbia. Contudo, Ribeiro e Tim Page não são exceções entre profissionais de comunicação e imagem que teoricamente deveriam saber do problema das minas na América Latina, porém ignoram totalmente essa realidade. A *TV Brasil Canal Integración*<sup>20</sup>, emissora internacional da Empresa Brasil de Comunicação – EBC, produz desde 2005 um noticiário diário sobre a América do Sul, transmitido do Brasil para 19 países das Américas pelo sinal a cabo ou via antena parabólica. Por meio de contatos na sede do Comitê Internacional da Cruz Vermelha – CICV, em Brasília, marquei uma reunião com a diretoria de jornalismo do canal em abril de 2007, que resultou no apoio para a finalização e coprodução do documentário *América Minada*<sup>21</sup>. Quando comecei a

---

<sup>18</sup> <<http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas-livro-eng.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

<sup>19</sup> <<http://www.maginternational.org/>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

<sup>20</sup> <<http://www.canalintegracion.ebc.com.br/tvbrasil.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

<sup>21</sup> <<http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas-video.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

falar sobre o assunto que me levou a eles, fui interrompido pela frase: “Como assim, minas na América Latina? Como nós nunca ouvimos falar disso?”

A pergunta é exatamente essa. Por que nenhum deles, jornalistas experientes e conhecedores dos problemas políticos e militares no continente, nunca havia ouvido falar sobre campos minados na região? Como um fato tão alarmante pode ter ficado fora da mídia mundial e latino-americana por tanto tempo? E quais as consequências disso para a população das regiões afetadas? Uma parte da resposta talvez esteja nas reflexões sobre as mudanças no jornalismo, ocorridas ao longo do tempo e, em especial, nas últimas décadas.

A máquina informativa tem processos que são detonados por jornalistas – associados aos seus próprios vícios (clichês) e visões de mundo parciais e preconceituosas -, produz, ela mesma, a desinformação através de diversos procedimentos de intoxicação com informação e, além disso, dá margem a processos livres, incontroláveis, inadministráveis de mistificação e desinformação. (...) A desinformação ou a ausência de informação por força do excesso ocorre de várias maneiras. Em primeiro lugar pelo volume (...). O bombardeio informativo narcotiza o receptor, para torna-lo indiferente à própria notícia. Em segundo lugar, pelo *mimetismo*: quando um jornal, uma emissora de rádio ou televisão dão um *furo*, todos os outros os acompanham repercutindo a mesma notícia, numa reação orquestrada, contínua e geral. E quanto mais os *media* falam da mesma notícia, tanto mais verdadeira parece. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 113-114).

## 2 FOTOGRAFIA, TESTEMUNHO E MEMÓRIA

Antes de passar para a análise dos veículos de comunicação que tratam ou trataram do tema das minas terrestres, é importante conceituar um pouco as formas como a sociedade atual enxerga o “mundo real”<sup>22</sup>. Nosso imaginário é em grande parte formado por imagens-referência. Qualquer nova imagem/informação, para ser apreendida, deve sempre ser ligada ou estar associada a alguma outra imagem-referência anterior. Só que raramente essas imagens são “tomadas” em primeira mão. Em geral, não estamos fisicamente presentes no local e hora do “acontecimento histórico”, do “fato jornalístico”. As imagens que formam nosso imaginário nos são, portanto, transmitidas por algum tipo de meio, ou, usando um sinônimo, mídia<sup>23</sup>. Obviamente, quando se fala em imagem é preciso entendê-la num sentido muito mais amplo do que simplesmente a imagem visual, abarcando também imagens narrativas, emotivas, olfativas, tácteis, etc.

A rigor, mesmo quando estamos presentes fisicamente, a imagem não se “materializa” espontaneamente em nossas mentes. Ela precisa do que o teórico alemão da cultura Harry Pross chama de *mídia primária*: o corpo humano<sup>24</sup>. Precisamos do olho para ver, do ouvido para ouvir, da pele para sentir. Para Pross, todo suporte físico para uma imagem, seja a parede da caverna onde o homem primitivo desenhou uma cena de caça, o livro ou jornal de papel com textos e/ou fotos, ou mesmo um filme projetado na tela de cinema, é a chamada *mídia secundária*. Já quando a mensagem (ou imagem) necessita de equipamentos de codificação, transmissão e decodificação - como televisão, telefone, rádio ou internet

---

<sup>22</sup> Os conceitos presentes neste capítulo e as citações de autores foram apreendidos, em sua maioria nas aulas do programa de mestrado na Unip, em especial na disciplina *Mídia e Sincronização Social*, com o Prof. Dr. Milton Pelegrini, e no seminário avançado *Relações entre Noosfera e Mediosfera*, com a Prof. Dra. Malena Segura Contrera, além das aulas na disciplina de Pós-Graduação da ECA-USP, *Fotografia, Comunicação e Memória*, com o Prof. Dr. Boris Kossoy, cursada em 2007. Também apresentei boa parte do conteúdo desse capítulo aos alunos do *I Curso de Extensão em Jornalismo Popular e Alternativo*, promovido em dezembro de 2009 pelo grupo de pesquisas *Alterjor* da ECA-USP na aula *O Poder da Imagem - Reflexões sobre Fotografia e Documentário*.

<sup>23</sup> Conforme análises formuladas pelo Prof. Dr. Milton Pelegrini, em aulas ministradas na Unip em 2009.

<sup>24</sup> Conforme análises formuladas pelo Prof. Dr. Milton Pelegrini, em aulas ministradas na Unip em 2009.

- falamos de *mídia terciária*. Nesse contexto, no entanto, as fotografias têm um lugar especial.

O fluxo incessante de imagens (televisão, vídeo, cinema) constitui o nosso meio circundante, mas quando se trata de recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro; sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informações, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. Cada um de nós estoca, na mente, centenas de fotos, que podem ser recuperadas instantaneamente". (SONTAG. 2003, p. 23).

É nesse meio que hoje se propaga a cultura. É aí que se transmite as mensagens. E é para este meio que se cria as imagens. Todo universo apresentado midiaticamente/imageticamente, seja "real", seja ficcional, "vive" nesse ambiente. Na ficção, talvez seja mais fácil perceber a constante repetição dos mesmos elementos, com pequenas variações, reprisando e resignificando os mitos originais.

No jornalismo, também lida-se basicamente com os mesmos elementos, e de forma muito semelhante. A diferença é que, teoricamente, trata-se da realidade. Mas qual realidade? Considerando que não existe uma "verdade absoluta", apenas versões, interpretações ou pontos de vista sobre um fato, os teóricos da comunicação definem dois níveis de realidade existentes<sup>25</sup>: a primeira realidade, que seria a realidade do fato presenciado fisicamente com todos os detalhes e características inerentes à incrível capacidade de absorção e apreensão tridimensional da mídia primária (o corpo humano); e a segunda realidade, a realidade da representação, construída e transmitida/distribuída por meio de mídias mais limitadas (ou menos complexas) como as secundárias bidimensionais (fotografia e filme) ou unidimensionais (como a escrita e a narração oral, "lidas" linearmente), ou mesmo nulodimensionais, por aparelhos que simulam as outras mídias. É essa realidade midiaticizada que retorna à mídia primária. "Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontrem cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda

---

<sup>25</sup> Conforme análises formuladas pelo Prof. Dr. Boris Kossoy, em aulas ministradas na ECA-USP em 2007.

comunicação humana retornará a esse ponto”. (PROSS, 1972, p.28 *apud* BAITELLO Jr, 2005, p. 80).

Ora, como retorna ao corpo, retorna à primeira realidade, a imagem depende não somente da segunda realidade, porém mais ainda da construção do imaginário individual (e/ou coletivo) da pessoa que recebe e interpreta a mensagem/imagem. É preciso ter em mente que além dos suportes e linguagens, todo o “ciclo de vida” de uma imagem é uma longa sequência de intermediações, apropriações e manipulações ideológicas.

A recepção da imagem subentende os mecanismos internos de construção da interpretação, processo esse que se funda na evidência fotográfica e que é elaborado no imaginário dos receptores, em conformidade com seus repertórios pessoais culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos. (KOSSOY, 1999, p. 44-45)

A questão é que por estarmos envoltos desde o nascimento nesse universo de imagens pré-fabricadas, que por sua vez moldam ou mesmo programam (FLUSSER, 2008) nossa forma de ver o mundo, tendemos a acreditar que as imagens significam somente o que os meios secundários e terciários querem que acreditemos que elas significam. Apesar de ser uma realidade em si, no entanto, uma imagem, se realmente boa (bem construída culturalmente), pode ser no máximo uma boa metáfora de um referente. Por definição, as imagens jamais representam a totalidade de uma primeira realidade, mas por vezes chegam a refletir “realidades” totalmente diversas até mesmo de seu referente original.

A atenção pública é guiada pelas atenções da mídia – ou seja, de forma mais categórica, pelas imagens. Quando há fotos, uma guerra se torna “real”. Assim, o protesto contra a Guerra do Vietnã foi mobilizado por imagens. O sentimento de que algo tinha de ser feito a respeito da guerra da Bósnia foi construído a partir das atenções dos jornalistas (...) que trouxeram imagens de Sarajevo sitiada para o interior de milhões de salas de estar, noite após

noite, durante mais de três anos. Esses exemplos ilustram a influência determinante das fotos para definir a que catástrofes e crises nós prestamos atenção, com o que nos importamos e, por fim, que juízos estão associados a esses conflitos. (SONTAG, 2008, p. 87).

As imagens exógenas sem dúvida têm o poder de “tornar reais” os fatos ou, em outras palavras, de trazer para o nosso acervo interior informações sobre o mundo e a vida que, se não fosse pelas imagens midiaticizadas, seriam inacessíveis para a maioria das pessoas. O grande perigo, como alertam os filósofos europeus Vilém Flusser e Dietmar Kamper<sup>26</sup>, é que na profusão de imagens da mídia terciária no universo digital contemporâneo, essas imagens percam sua característica original de janela através da qual temos acesso a novos mundos de conhecimento, para se tornarem meros espelhos repetidores (ainda que com algumas alterações pontuais) de imagens que já fazem parte de nosso acervo cultural. Ao invés de adquirirmos novos conceitos que nos abram os horizontes, reforçamos os preconceitos arraigados e repassados *ad infinitum* pela indústria de comunicação em massa, cujo objetivo não é ampliar o conhecimento, mas, sim, obter lucro. O jornalismo não pode cair nessa armadilha fatal. Contudo, para isso, é fundamental que os criadores de imagens – fotógrafos, escritores, cineastas, jornalistas, etc - compreendam a natureza das imagens e analisem as intenções por trás de sua produção para manter os olhos sempre atentos ao novo, buscando sempre ângulos e abordagens diferentes, ainda que sobre temas bastante conhecidos e trabalhados. Somente assim é possível dar alguma visibilidade às realidades escondidas.

---

<sup>26</sup> Conforme análises formuladas pelo Prof. Dr. Milton Pelegrini, em aulas ministradas na Unip em 2009.



### 3 A “BARRIGA” DA MÍDIA

No caso específico da visibilidade que os meios de comunicação em massa no Brasil dão à problemática das minas terrestres na América Latina, o “efeito furo”, ou mimetismo a que se refere Marcondes Filho (2002, p. 113) teve pelo menos duas boas oportunidades nos últimos anos de “estimular” a mídia no país a “seguir o exemplo” e aprofundar reportagens ilustradas publicadas em dois veículos impressos de grande circulação. A primeira, foi um artigo de nossa autoria (minha e de minha companheira Maria Eugênia Sá), intitulado *Na Colômbia, minas atingem três por dia*<sup>27</sup>, que com os seus três boxes ocupou quatro quintos de página do caderno Mundo na edição de domingo, 18 de dezembro de 2005, do jornal *Folha de S.Paulo*, com tiragem próxima a 310 mil exemplares<sup>28</sup>, então a maior do país. Além do foco sobre a situação na Colômbia, na época terceira nação em número de novas vítimas de minas, a reportagem trazia um apanhado da questão das minas na América Latina e duas fotografias (figuras 4 e 5).

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas-folha.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

<sup>28</sup> Informações de tiragem fornecidas pelo Instituto Verificador de Circulação – IVC conforme artigo da publicação especializada Meio & Mensagem, disponível em: <<http://www.mmonline.com.br/noticias/noticiasOpinioao.mm?idArtigo=484>>. Acesso em: 30 jan. 2010.



Figura 4 – Na imagem publicada no jornal, na parte superior direita da folha, ocupando quatro colunas, a fotógrafa coloca o sofrimento da vítima em primeiro plano (a mão cobrindo o rosto da mulher que perdeu o marido na explosão de uma mina), mas não explicita as feridas. O olhar vago da filha em segundo plano e os túmulos vazios (esperando novas vítimas?) ao fundo no lado direito ajudam a compor o cenário da cidade mais atingida pelas minas em todo o país. A imagem também foi publicada, recortada para dar maior destaque à mãe e filha, em versão preto e branco na página 29 do livro *América Minada*. Maria Eugênia Sá, Cocorná, Colômbia, novembro de 2005



Figura 5 – A camisa verde e o corte de cabelo “escovinha” denotam a condição de militar do soldado Jairo Lopez, fotografado no hospital onde se recuperava. Se existe um *punctum*, como define Barthes (1984), na imagem, talvez seja o destaque que as pernas da menina dá à ausência das pernas do pai. Foto de Vinicius Souza, Bogotá, Colômbia, novembro de 2005. Publicada também no livro *América Minada*, página 41, e no artigo *Vítimas latinas são invisíveis para a mídia internacional*, na edição de verão de 2009 do *Journal of Mine Action*, disponível online em inglês em <<http://maic.jmu.edu/journal/13.1/focus/souza/souza.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

A segunda grande oportunidade do tema entrar de vez na mídia aconteceu também num domingo, 11 de novembro de 2007, quando a revista semanal do jornal *O Globo*<sup>29</sup> trouxe uma matéria de capa sobre o assunto (figura 6) e um artigo de sete páginas com oito fotos internas (figuras 7 a 12). Escrito pela jornalista Karla Monteiro, com imagens da fotógrafa Marizilda Cruppe, o artigo leva na capa o título de *Sangue*

<sup>29</sup> Infelizmente o artigo não se encontra disponível online. O site do jornal *O Globo* é <<http://oglobo.globo.com/>>.

*latino* e traz já na chamada a informação: “Dez anos depois do Tratado de Ottawa, a Colômbia é o país que abriga o maior número de vítimas de minas terrestres”.<sup>30</sup>



Figura 6 – A capa da edição nº 172 da Revista O Globo traz em tons de sépia a prótese em primeiro plano. Os sapatos simples e as calças puídas apontam para uma vítima pobre, como a maioria das vítimas de minas. A prótese de perna também simboliza a mutilação mais comum ocasionada pelas minas. Texto e imagem compõem uma mensagem simples e poderosa: pessoas pobres são vítimas hoje de minas na América Latina. Foto de Marizilda Cruppe, Colômbia, 2007.

Intitulado internamente *Explosão de tristeza*, o artigo também apresenta sobre o título, com destaque, a informação de que “país lidera o ranking de vítimas de minas terrestres”. O texto não se ocupa do uso de minas pelos militares e associa os acidentes principalmente à atuação das guerrilhas e do tráfico de drogas. Seu foco,

<sup>30</sup> A informação não é correta, já que leva a crer que no país há mais pessoas vivendo com as sequelas de acidentes com minas do que em outras nações que sofrem historicamente com o problema. O critério do ranking do *Landmine Monitor* é o número de novas vítimas (mortos ou mutilados) por ano e, não, o número total de sobreviventes ao longo dos anos.



no entanto, está nas pessoas retratadas e nas histórias de seus acidentes. Nesse sentido, o espaço e o tratamento dedicados às fotografias é parte fundamental do trabalho.

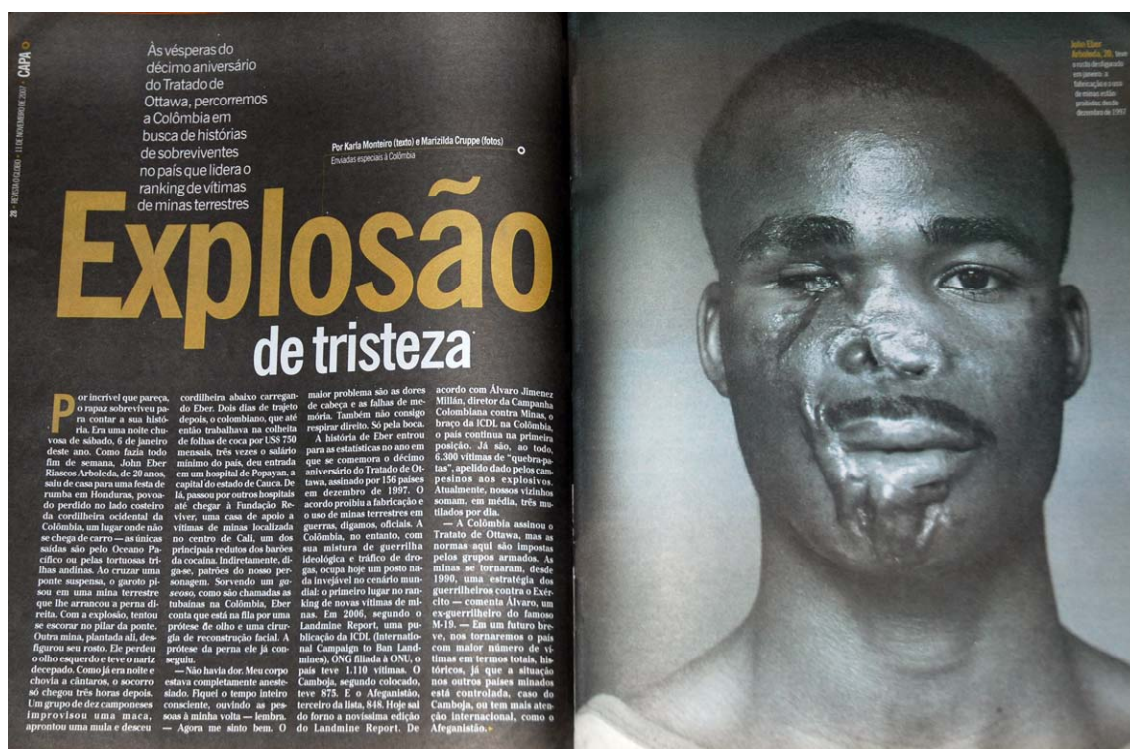


Figura 7 – As mutilações na face de John Eber Arboleda, associadas ao título *Explosão de tristeza*, em uma foto de página inteira, obviamente têm o objetivo de chocar o leitor “logo de cara”. Todas as outras fotografias da reportagem são de menor impacto. Foto de Marizilda Cruppe, Colômbia, 2007.

Essa escolha pelos retratos, como não podia deixar de ser, traz suas consequências, para o bem e para o mal.

O retrato fotojornalístico existe, antes do mais, porque os leitores gostam de saber como são as pessoas que aparecem nas histórias. A difícil tarefa do fotojornalista ao retratar alguém consiste em procurar não apenas mostrar a faceta física exterior da pessoa ou do grupo em causa, mas também em evidenciar **um traço** de sua personalidade (individual ou coletiva, respectivamente). A expressão facial é sempre muito importante no retrato, já que é um dos primeiros elementos de comunicação humana. (...) A questão da pose também é pertinente. Alguns fotojornalistas pedem aos sujeitos que retratam o favor de posarem, outros, não. Com a pose pode ganhar-se em capacidade de se impor um sentido à imagem e em valor documental o que se perde em naturalidade. A decisão cabe ao fotojornalista, mas este pode deixar isso ao critério do retratado (será identicamente revelador da sua personalidade). (SOUSA, 2002, p. 121-122).

Sobre esse assunto, vale também citar Barthes:

A Foto-retrato é um campo cerrado de forças. Quatro imaginários aí se cruzam, aí se afrontam, aí se deformam. Diante da objetiva sou ao mesmo tempo: aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga, e aquele de que ele se serve para exibir sua arte. Em outras palavras, ato curioso: não para de me imitar, e é por isso que, cada vez que me faço (que me deixo) fotografar, sou infalivelmente tocado por uma sensação de inautenticidade, às vezes de impostura (como certos pesadelos podem proporcionar). (BARTHES, 1984, p. 27).

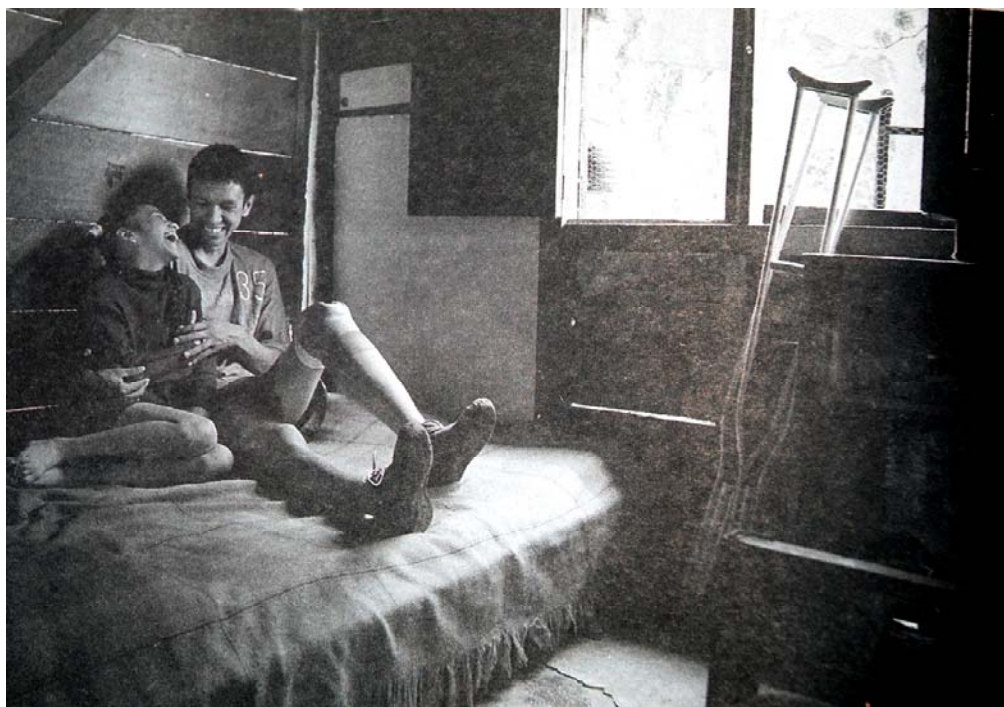


Figura 8 – As expressões de alegria em Jair Parra e sua irmã, também corroboradas no texto, ajudam a amenizar a impressão da foto anterior. A vida continua e “o menino que jogava basquete” e queria ser policial, agora pensa em “estudar para virar técnico em mecânica”, para alívio da mãe. As muletas cuidadosamente encostadas na janela da casebre de madeira, contudo, não permitem que o “leitoeiro” da imagem se esqueça da mutilação. Foto de Marizilda Cruppe, Colômbia, 2007.

Quando optam por dar preferência às imagens em relação ao texto, que ocupa das oito páginas do artigo apenas uma inteira e três parcialmente, os produtores da matéria (além da jornalista e da fotógrafa, os editores e diagramadores) fazem a escolha de informar os seus leitores por meio das fotografias, como Sousa afirma ser o principal objetivo do fotojornalismo (Sousa, 2002) e abrem caminho para a natureza mágica das fotos, como afirma Flusser, determinar o que é a realidade das minas na Colômbia.

O receptor pode recorrer ao artigo de jornal que acompanha a fotografia para dar nome ao que está vendo. Mas ao ler o artigo, está sob influência do fascínio mágico da fotografia. Não quer explicação sobre o que viu, apenas

confirmação. Está farto de explicações de todo o tipo. Explicações nada adiantam se comparadas com o que vê. Não quer saber sobre causas ou efeitos da cena, porque é esta e não o artigo que transmite a realidade. E como tal realidade é mágica, a fotografia não a transmite; é ela a própria realidade. (FLUSSER, 2009, p. 57).

Marcondes Filho também trata dessa questão quando fala sobre atual fase do jornalismo, que ele chama de “*quarto e último jornalismo*”:

A precedência da imagem sobre o texto muda a importância da matéria escrita e a submete a leis mais impressionistas e aleatórias: a aparência e a dinamicidade da página é que se tornam agora decisivos. Dentro dessa mesma nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imagetivamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser “informar-se sobre o mundo” para ser “surpreender-se com pessoas e coisas”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 31).

Todas as fotos da reportagem, exceto a da parte de baixo da página 34 (figura 12), onde aparece apenas a prótese, explicitam as mutilações, como se fosse necessário apontar exatamente como as minas atingiram fisicamente as vítimas. Parece ser o que Marcondes Filho chama de “imagetivamente impressionante” e o que outros autores chamariam de “apelo ao exótico” ou até mesmo de busca à “curiosidade mórbida” das pessoas comuns. E, sem dúvida, uma estratégia também comercial, já que o jornal é vendido nas bancas e sua revista dominical traz anúncios em boa parte de suas páginas.

É uma imagem chocante, e esta é a questão. Recrutadas como parte do jornalismo, contava-se com as imagens para atrair a atenção, o espanto, a surpresa. Como dizia o antigo lema da revista *Paris Match*, fundada em 1949: “O peso das palavras, o choque das fotos”. A caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor. (SONTAG 2008, p. 23-24).





Figura 9 – Novamente a mutilação em primeiro plano. Mas o ponto principal da foto parece ser o perigo iminente. A mãe segura o braço da filha para que ela não saia. A filha olha para a perna amputada da mãe, como que com medo de também sofrer um acidente. A legenda conta que a mina que a vitimou estava a apenas 60 metros de sua cozinha, cuja porta provavelmente é a que está no fundo da imagem. Foto de Marizilda Cruppe, Colômbia, 2007.

Um outro ponto interessante na análise das imagens apresentadas pela Revista O Globo é a opção pelo tratamento em preto e branco das fotos da matéria, diferentemente de todas as demais imagens da revista. O motivo mais simples para isso seria uma possível “tradição” da fotografia documental em PB, uma “escola Sebastião Salgado”. Seria assim, talvez, um gesto “natural”, sem uma intenção explícita da fotógrafa ou do editor, não se sabe de quem foi a decisão, de dizer “algo



mais” com isso. Como profissionais, contudo, não se lhes pode atribuir uma “inocência” sobre os efeitos de suas decisões, sejam editoriais ou estéticas.

Flusser, no entanto, traz uma explicação muito mais interessante para essa escolha. Para ele, como as fotografias não são o referente (ou a primeira realidade,) e, sim, uma representação (ou segunda realidade), quanto mais “parecidas”, mais fidedignas ao referente, menos “confiáveis”, e críveis seriam.

As fotografias em preto e branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto e branco, porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos. (FLUSSER, 2009, p. 39).

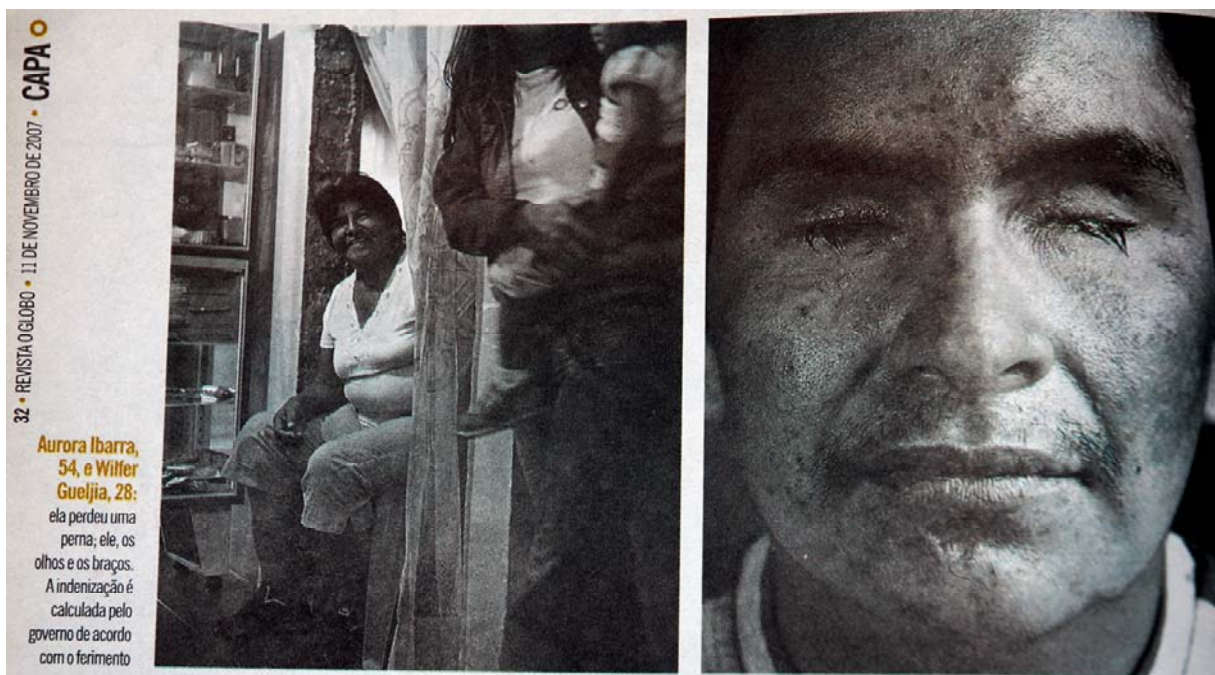


Figura 10 – Duas imagens um pouco mais sutis na exibição das mutilações. Sem a legenda, um leitor desatento, e atrapalhado pela baixa resolução da imagem em PB na folha de papel jornal, poderia não perceber a prótese na perna direita da sorridente Da. Aurora e, talvez, pensasse que Wilfer está apenas de olhos fechados. Foto de Marizilda Cruppe, Colômbia, 2007.

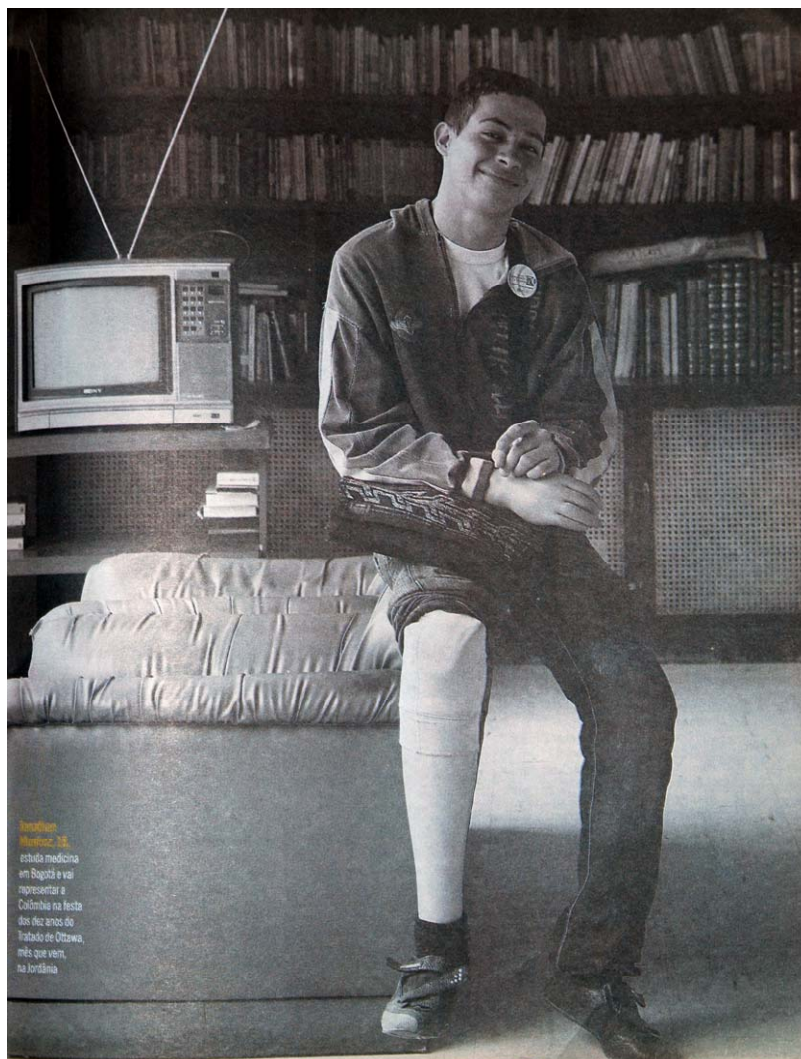


Figura 11 – Mais uma foto de página inteira, a quarta da reportagem, se contarmos a capa. A legenda explica que o filho de camponês agora estuda medicina (daí talvez a relação com os livros ao fundo) e que iria para a Jordânia representando as vítimas de minas na Colômbia. O texto não conta como foi o acidente, apenas que perdeu a perna seis anos antes (e não fala da perda do braço que na foto aparece claramente como prótese) e que sua vida “cambiou” totalmente (teria, então, sido “bom” para ele?). Foto de Marizilda Cruppe, Colômbia, 2007.

De qualquer modo, é evidente o esforço e a dedicação da jornalista e da fotógrafa, e mesmo de seus editores se foi o caso de seu envio oficial pelo jornal, de irem à Colômbia para produzir as narrativas e fotografias que compõem a imagem do problema das minas naquele país, apresentada na revista. Isso é especialmente importante em um contexto de enxugamento das redações, queda nas vendas

dos periódicos tradicionais<sup>31</sup> (que por questões de custo, geralmente optam por publicar em seus cadernos de análise externa quase que unicamente informações e fotografias provenientes de agências internacionais com as quais mantém convênios) e contratação de “funcionários” na categoria *freelance* (MARCONDES FILHO, 2000).

Sem sua presença física, tomando em primeira mão as informações (primeira realidade), a possibilidade de inclusão de erros de apuração, deturpações e preconceitos no resultado final da reportagem, o que conseqüentemente afetaria a percepção dos leitores sobre o problema das minas no país, certamente seria bem maior.

Conseqüência do processo de informatização da atividade, fato é que a vida de jornalistas tem se tornado cada vez mais difícil. O trabalho aumentou, o contingente foi reduzido, as responsabilidades se tornaram mais individuais. Aos poucos a mística do *contrapoder* se esvai. Chantageados pelo desemprego, os jornalistas de posição intermediária na empresa e os precários (frilas, repórteres-redatores, focas) perdem rapidamente o fascínio da profissão. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 30).

---

<sup>31</sup> A vendagem de *O Globo* caiu de 334.098 unidades, em 2000, para 260.869, em 2009, segundo informações do Instituto Verificador de Circulação – IVC coletadas pelo autor para o artigo Gigantes com pés de barro - *A queda da chamada grande mídia e a ascensão da mídia livre*, apresentado no 5º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero em ago. de 2009.



Figura 12 – Três elementos interessantes na composição da página. Apesar da pose com a mutilação exposta (como em todas as imagens anteriores), a página mostra um ambiente de trabalho (a fábrica) e o produto desse trabalho. A prótese isolada, contudo, é bastante diferente da utilizada pela vítima. Isso pode denotar que as próteses fabricadas por ele não têm a mesma qualidade das importadas que usa. O box *Um pouquinho de Brasil* contextualiza a situação do país em relação ao problema das minas e também tenta atrair alguma identificação do leitor brasileiro com o tema. Fotos de Marizilda Cruppe, Colômbia, 2007.

Para finalizar a análise do artigo publicado na *Revista O Globo* torna-se indispensável citar a efeméride da publicação. Ora, 11 de novembro de 2007 é exatamente a data (e isso aparece inclusive no texto da matéria) de lançamento do



*Landmine Monitor Report 2007*<sup>32</sup>, o único da série histórica a trazer em sua capa a fotografia de um sobrevivente de mina colombiano, apesar da Colômbia já ocupar havia dois anos, na ocasião, o primeiro posto em número de novas vítimas por ano. A “coincidência” de fatos poderia ter estimulado pelo menos as empresas de mídia das *Organizações Globo* – maior e mais poderoso conglomerado do setor no Brasil com rádios e TVs em todo o território nacional além do jornal, agência de notícias, portal de internet, empresas de TV por assinatura e uma editora de livros e revistas - a reproduzir o material em outros meios e a produzir novas reportagens e informações sobre o assunto. A matéria da Revista O Globo, contudo, não teve qualquer repercussão maior dentro do grupo e sequer foi disponibilizada na Internet. Se isso tivesse acontecido, provavelmente outros grupos de mídia teriam seguido a pauta da Globo e talvez hoje a percepção dos brasileiros sobre a questão das minas no continente fosse diferente.

Se a “grande mídia” não pauta a “grande mídia” e são raros os repórteres com independência e capacidade para buscarem sozinhos a informação em campo, uma outra opção pode ser procurar as “fontes oficiais”, entidades que teoricamente teriam todo o interesse e, quem sabe, até os contatos e meios financeiros para uma divulgação eficiente das “imagens corretas” da questão de minas em todo o planeta.

Mas, de volta ao jornalismo, no tratamento das notícias desenvolveu-se uma oposição consistente entre comunicação e informação. Comunicação passou a se aplicar às formas de “fabricar fatos”, de criar notícias, de seduzir jornalistas (...) para fatos suficientemente atraentes para cativá-los e e fazê-los transformar em notícia. É a prática que desenvolvem assessorias de imprensa de empresas, partidos políticos, pessoas importantes, líderes e religiosos, etc. Eles se valem de estratégias sofisticadas e de muita verba para levar material de imprensa a jornalistas, para que eles “comprem”, isto é, o desenvolvam e publiquem. Em contrapartida, a informação seria aquilo que os jornalistas buscam por si mesmos, que não ganham de graça, que dá trabalho e que se torna notícia pela sua própria natureza. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 107).

Possivelmente, a questão das minas na América Latina teria todas as condições de impor-se, “por sua própria natureza” como notícia e se enquadra no

---

<sup>32</sup> Disponível em:

[http://www.lm.icbl.org/index.php/publications/display?act=submit&pqs\\_year=2007&pqs\\_type=lm&pqs\\_report=&pqs\\_section](http://www.lm.icbl.org/index.php/publications/display?act=submit&pqs_year=2007&pqs_type=lm&pqs_report=&pqs_section).>. Acesso em: 31 jan. 2010.

que Marcondes Filho (2002) chama de “consenso no meio jornalístico”, já que é “espetacular”, traz emoção e testemunho, além de ser um “acontecimento excepcional”. Tanto isso é verdade, que apenas uma vez teve essa sugestão de pauta recusada por um veículo de comunicação. Contudo, não foram poucas as ocasiões em que editores de outras publicações disseram ter interesse no material, mas absolutamente nenhuma verba para pagar por ele.



Figura 13 – Primeira matéria da seção *Focus* em edição dedicada à questão das minas nas Américas Central e do Sul, o artigo ocupou quatro páginas e trouxe quatro fotos, além de uma pequena foto dos autores. A imagem na parte superior da página à direita (13 da revista) traz na legenda a história do menino Clavijo, que perdeu um pé num acidente com mina, quando seguia o pai numa caçada. A legenda e a presença da muleta dispensam a exibição da mutilação. A imagem no canto inferior direito já foi analisada como figura 2 nesta dissertação. Fotos de Maria Eugênia Sá, Colômbia 2004 e Peru 2005.

Esse foi o caso, inclusive, do artigo *Latin Victims are Invisible to the International Media*<sup>33</sup> (*Vítimas latinas são invisíveis para a mídia internacional - figuras 13 e 14*), publicado em agosto de 2009 pelo *The Journal of ERW and Mine*

<sup>33</sup> Disponível em <<http://maic.jmu.edu/journal/13.1/focus/souza/souza.htm>> e versão em português em <<http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas-jma2.html>>. Acessos em 02 fev. 2010.

*Action*<sup>34</sup>, revista especializada na questão de minas e explosivos remanescentes de guerras, que apesar de bancada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos e pelo Departamento de Defesa norte-americano, não custeou sequer a tradução do texto para o inglês.



Figura 14 – A foto da página à esquerda, também publicada no livro *América Minada*, ocupando as páginas 26 e 27, é um dos meus exemplos prediletos de como retratar as vítimas de minas sem explicitar as mutilações. A composição segue a clássica “regra dos terços” (SOUSA, 2002, 80) em que se dividindo a imagem em terços verticais e horizontais, os pontos de intersecção das linhas seriam os polos de atração visual. No caso, o olhar “buscaria” a mão da menina no rosto da mãe, enquanto que o rosto da filha estaria quase que perfeitamente centralizado na foto e a flor vermelha de plástico do lado direito ajudaria a contrabalancear as flores na estampa da camisa materna. A imagem da página à direita já foi analisada como figura 5 e publicada quatro anos antes no jornal *Folha de S.Paulo*. Fotos de Maria Eugênia Sá e Vinicius Souza, Colômbia 2004.

Desse modo, chega-se novamente ao impasse capitalista de que ou as ONGs, entidades e governos interessados na correta exposição da situação de minas no continente bancam a produção e a divulgação de material de imprensa, ou corre-se um enorme risco deste modelo deturpado fixado hoje no imaginário coletivo global, perpetuar-se até que, daqui a dez ou 15 anos, o número de mutilados na Colômbia

<sup>34</sup> A publicação será analisada a partir do próximo capítulo.

seja tão imenso que não poderá mais ser “escondido” pelas agências de notícias focadas nos conflitos norte-americanos no Oriente Médio. Por parte do atual governo colombiano, e aparentemente também do estadunidense, não se pode esperar qualquer apoio, muito pelo contrário. Afinal, o vice-presidente da República da Colômbia, Francisco Santos Calderón, cujo gabinete é responsável pelo *Programa Presidencial para la Acción Integral contra Minas Antipersonal* – Paicm, e seu primo, o ex-ministro da defesa<sup>35</sup> Juan Manuel Santos, pertencem à família proprietária do maior jornal diário do país, o *El Tiempo*<sup>36</sup>, único de circulação nacional e com cerca de 450 mil de exemplares por dia, e da principal revista semanal colombiana, a *Cambio*<sup>37</sup>. Se fosse para haver um esforço massivo de divulgação midiática do problema, ainda que culpando somente as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Farc ou outras guerrilhas, isso já teria ocorrido.

A consciência do sofrimento que se acumula em um elenco seletivo de guerras travadas em terras distantes é algo construído. Sobretudo na forma como as câmeras registram, o sofrimento explode, é compartilhado por muita gente e depois desaparece de vista. Ao contrário de um relato escrito – que, conforme sua complexidade de pensamento, de referências e de vocabulário, é oferecido a um número maior ou menor de leitores –, uma foto só tem uma língua e se destina potencialmente a todos (...) Algo se torna real – para quem está longe, acompanhando o fato em forma de “notícia” – ao ser fotografado. (SONTAG, 2008, p. 21-22).

---

<sup>35</sup> Ele renunciou em maio de 2009 para poder disputar as eleições presidenciais de 2010 se o atual presidente Álvaro Uribe Vélez não conseguir mudar novamente a Constituição do país para concorrer a um terceiro mandato.

<sup>36</sup> <<http://www.eltiempo.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

<sup>37</sup> <<http://www.cambio.com.co>>. Acesso em: 05 fev. 2010.



#### 4 AS “FONTES OFICIAIS”

A repercussão do Tratado de Ottawa e do Prêmio Nobel da Paz entregue à *Campanha Internacional pelo Banimento das Minas Terrestres* – ICBL em 1997 levou vários meios de comunicação a prestarem mais atenção à questão das minas antipessoal e de suas vítimas. Conseqüentemente, aumentou bastante o número de fotografias de sobreviventes de incidentes com minas terrestres publicados nos jornais e revistas nos últimos 13 anos. A própria ICBL criou nos anos seguintes à premiação, duas publicações para divulgar as atividades da instituição, progressos na implementação do Tratado de Ottawa e relatar a situação das minas em todo o mundo: o boletim *Landmine Update* (depois chamado *ICBL News*) e o relatório *Landmine Monitor*. Tendo como membros do comitê editorial as entidades *Mines Action Canada*, *Handicap International*, *Human Rights Watch* e *Norwegian People's Aid*, o LM publica anualmente os dados coletados por sua equipe de pesquisadores distribuídos pelo mundo todo. Normalmente, esses pesquisadores fazem parte de ONGs locais que lidam com a questão das minas, mas recebem também uma verba da ICBL. Já as imagens publicadas são enviadas sempre graciosamente por seus autores, que podem ser os próprios pesquisadores, colaboradores de outras ONGs humanitárias, amadores ou mesmo fotógrafos profissionais, vinculados ou não a agências de notícias ou meios de comunicação, com interesse pessoal na questão das minas.

Apesar de até hoje não ter assinado o Tratado de Ottawa, por considerar que não deve abrir mão de uma arma da qual possa sentir necessidade no futuro, os Estados Unidos da América permanecem há décadas como o Estado que mais dinheiro aplica em ações antiminas (ICBL, 2007). Por isso, no mesmo ano de lançamento do Tratado, 1997, o Departamento de Estado norte-americano - DoD estimulou a publicação de um periódico específico, o então chamado *Journal of Humanitarian Demining* (depois chamado de *Journal of Mine Action* e atualmente *The Journal of ERW and Mine Action*), produzido pelo agora *Mine Action Information Center* (MAIC) da Universidade James Madison, na Virginia. Da mesma forma como

o LM, o *Journal* não paga por colaborações externas. Contudo, a cada edição lança um *Call for Papers* (pedido de artigos), dirigido principalmente à comunidade acadêmica, em especial a pesquisadores e desenvolvedores de tecnologias para desminagem. Seu corpo editorial fixo é formado quase em sua totalidade por estudantes de diversas áreas da Universidade James Madison. Também são frequentes os artigos, e imagens em geral amadoras, de profissionais ligados a organizações estatais como o próprio DoD e o Paicm, multilaterais como a Organização das Nações Unidas – ONU e a Organização dos Estados Americanos – OEA e ONGs que lidam com a questão das minas, vinculadas ou não à ICBL. São raros os jornalistas profissionais que colaboram com o *Journal*, mas não é incomum fotógrafos profissionais cederem imagens à revista, especialmente para ilustração da capa.

São esses os dois principais veículos “oficiais” de comunicação sobre a questão das minas no mundo todo, ambos dependentes de colaboração voluntária por “interessados na causa” para compor o panorama imagético do problema no planeta. O LM, como a única publicação a fazer um levantamento sistemático sobre os números de acidentes, vítimas, financiamentos e atuação de cada um dos países afetados por minas ou que tenham atuação nesse setor, é fonte primordial da maior parte dos dados e cifras apresentados em qualquer matéria sobre o assunto, publicada em qualquer veículo de comunicação, em qualquer parte do mundo. Já o *Journal*, é a única publicação periódica com espaço aberto exclusivamente para discussões, opiniões e artigos técnicos e científicos sobre o tema. Dessa forma, são veículos que se complementam na criação de uma imagem global das minas terrestres. E como ambos possuem versões *online* além das impressas, essa imagem é “democratizada” globalmente, estando disponível a qualquer profissional de comunicação, estudante ou interessado, a apenas um “clique” de distância. Se a visão que o mundo tem hoje dos campos minadas na América Latina é equivocada, e assim me parece, não se pode tirar parte considerável da responsabilidade por isso dessas duas publicações, ainda que se leve em conta seus objetivos mais amplos e as pressões políticas e financeiras às quais certamente estão expostas.

#### 4.1 *Landmine Monitor Executive Summary*

O *Landmine Monitor Report* é lançado sempre no final do ano, com os dados referentes ao ano anterior, simultaneamente em quatro versões: os dados completos (impresso em forma de livro com mais de mil páginas), o *Executive Summary* (em formato revista com as principais informações do relatório e a versão mais fartamente ilustrada com fotografias e cerca de 100 páginas), em CD-ROM (encartado no *Executive Summary*) e *online*. Nas edições do *Executive Summary*, publicadas desde 1999 por iniciativa da ICBL<sup>38</sup>, quase sempre com fotos de vítimas de minas nas capas, em duas ocasiões os retratados foram latino-americanos. As versões *online* do relatório publicadas anualmente trazem apenas os dados e textos para pesquisa, sem fotos. No entanto, a por meio do endereço eletrônico da ICBL é possível fazer *downloads* praticamente completos (às vezes faltam mapas ou a contracapa) das edições em papel, no formato Adobe PDF. Contudo,, nem sempre a qualidade das imagens no PDF, especialmente nas primeiras edições, é suficiente para sua publicação nesta dissertação.

Em sua primeira edição<sup>39</sup>, como não podia deixar de ser, a capa trazia imagens de um menino cambojano, Chorb Bun Heng, fotografado por Nic Dunlop<sup>40</sup> quatro anos antes, em 1995. Dunlop é um fotógrafo irlandês *freelance* coautor, junto com Paul Davis, do livro *War of the Mines*, sobre a devastação econômica causada pelas minas no Camboja. Nas fotos internas destacam-se as imagens de vítimas africanas e asiáticas, apesar de a edição já trazer a informação de que a Colômbia era então o único país das Américas onde ainda se plantava minas e a ter o maior problema no continente, junto com a Nicarágua. Somente no ano seguinte<sup>41</sup>, a publicação traria as primeiras imagens da Colômbia, a foto de uma “*quiebrapatas*” na página 20 e de uma vítima no departamento de Bolívar, na página 23, ambas tiradas pela ativista Luz Piedad Herrera, então na Unicef e que mais tarde seria diretora do

---

<sup>38</sup> <<http://www.icbl.org/>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>39</sup> <<http://www.icbl.org/lm/1999/>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

<sup>40</sup> <<http://www.nicdunlop.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

<sup>41</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2000/>>. Acesso em 09 ago. 2009.

Observatório de Minas da Vice-Presidência da República da Colômbia. A imagem da página 23, em preto e branco, traz uma senhora de pele escura sentada na ponta de uma cadeira e com uma criança em seu colo. Como ela está de saia, fica evidente a amputação, sem prótese, a um palmo abaixo do joelho esquerdo. A legenda explica que se trata de uma sobrevivente de acidente com mina, segurando a neta, residente no município de Simiti, departamento de Bolívar, na região do litoral caribenho da Colômbia. Mas não há qualquer menção sobre seu nome ou como ocorreu o acidente. O relatório de 2000, traz ainda pela primeira vez no sumário executivo, a publicação do número de vítimas oficiais no país em 1999-2000: 98<sup>42</sup>. Longe, portanto, das mais de mil pessoas vitimadas no Camboja<sup>43</sup>, porém quase o dobro das cerca de 50 vítimas estimadas então pela Cruz Vermelha nicaraguense<sup>44</sup>.

O LM 2001<sup>45</sup> tem uma das mais belas imagens (figura 15) de toda a série na capa: a foto em tons de sépia de um menino agachado ocupando o lugar do membro mutilado entre a perna sã de um adulto e sua muleta, com outra vítima em uma cadeira de rodas em segundo plano. A edição em PDF, disponível no site da ICBL para *download*, o entanto, não traz mais informações além do crédito para a fotógrafa norte-americana Corinne Dufka, impedindo a confirmação da nacionalidade das vítimas. Por meio do ativista Gustavo Oliveira Vieira, da Campanha Brasileira Contra as Minas, que possui um exemplar impresso do relatório, foi possível constatar que de fato trata-se de sobreviventes de minas salvadorenhas, em foto tirada em 1988, cujos nomes, contudo, não foram publicados sequer na versão impressa.

---

<sup>42</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2000/colombia#Heading5945>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>43</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2000/cambodia#Heading7482>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>44</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2000/nicaragua#Heading5433>>. Acesso em 09 ago. 2009..

<sup>45</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2001/>>. Acesso em 09 ago. 2009.

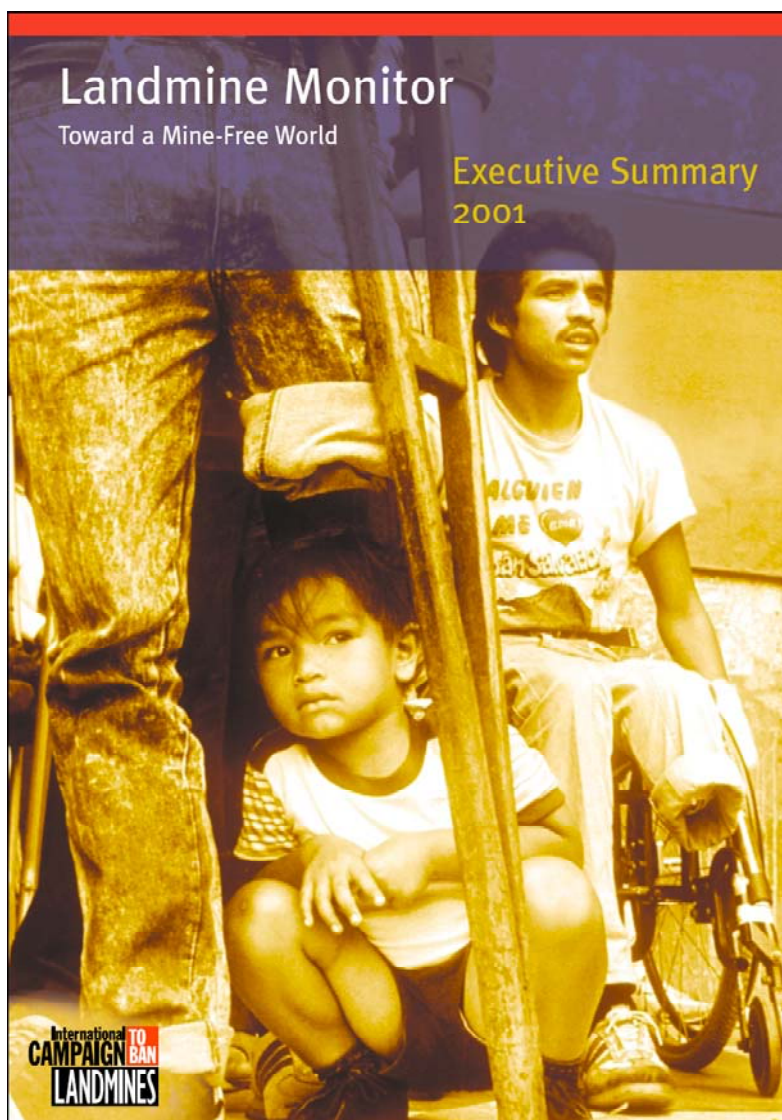


Figura 15 – A imagem traz diversos elementos informativos para sua contextualização, como as amputações aparentes e os dizeres em espanhol da camiseta de uma das vítimas demonstrando que provavelmente se trata de um cidadão salvadorenho. A presença da criança agachada quebra um pouco a dramaticidade da cena, trazendo alguma leveza mas ao mesmo tempo denotando que o menino também poderia ter sido uma vítima. O fato de que nenhum dos fotografados olha diretamente para a câmera trás a sensação de uma foto “não posada” e, portanto, aparentemente mais “fiel” aos fatos. Foto de Corinne Dufka, El Salvador, 1988.

Com formação em assistência social, área em que atuou por dez anos nos EUA e depois na América Central, Corinne passou a se interessar por fotografia cobrindo a ação dos esquadrões da morte em El Salvador. Seus *frilas* a fizeram ser

contratada pela *Reuters* como fotógrafa profissional entre 1989 e 1999<sup>46</sup>, cobrindo 17 conflitos armados nas Américas, Europa e África, onde atua hoje como pesquisadora sênior da divisão africana da *Human Rights Watch* focada em Serra Leoa, Costa do Marfim e Guiné. Também ela foi vítima de uma mina terrestre durante sua cobertura da Guerra da Bósnia, na antiga Iugoslávia. Por seu trabalho, ela recebeu diversos importantes prêmios de fotografia e jornalismo, incluindo o *IWMF Courage in Journalism* de 1997, oferecido pela *International Women's Media Foundation*. Em entrevista ao site da fundação, Corinne conta que trocou de profissão após os ataques terroristas às embaixadas dos Estados Unidos em Nairobi e na Tanzânia em 1998. Ela havia saído da capital do Quênia em um avião apenas dez minutos antes dos ataques. Ao saber do ocorrido, ela se pegou reclamando do “azar” de não estar lá na hora, e só depois pensou nas vidas perdidas de seus compatriotas e dos funcionários africanos. Foi então que ela teria entendido como os anos de cobertura de guerras haviam afetado seu julgamento da realidade e decidido usar sua experiência para ajudar diretamente as vítimas de conflitos, e não apenas retratando-os para a mídia.

Apesar de a imagem de capa do LM 2001 trazer uma foto de vítimas em El Salvador, não foi possível, no entanto, quantificar no relatório o número oficial de atingidos por acidentes com minas naquele país entre 2000 e 2001, sendo que a estimativa mais pessimista dava conta de 25 pessoas atingidas<sup>47</sup>. Nas páginas internas do *Executive Summary*, há apenas uma foto de destruição de minas na Argentina (p. 1), uma de placa alertando sobre a presença dessas armas no Chile (p. 23), uma de doações de próteses usadas (p. 7) e uma de fabricação de próteses (p. 35), ambas na Nicarágua. Há uma única foto de vítima no continente, de autoria do fotógrafo Stephen Petegorsky na página 34, mostrando o sobrevivente nicaraguense Marlon Sirias e seu filho tirada em janeiro de 2000. Dessa data até a junho de 2001, foram reportadas 23 vítimas na Nicarágua<sup>48</sup>, enquanto que a Colômbia já registrava

---

<sup>46</sup> Informações a partir do site <<http://www.iwmf.org/article.aspx?c=articles&id=392>>. Acesso em: 02 fev.2010.

<sup>47</sup> <[http://www.icbl.org/lm/2001/el\\_salvador/#Heading7011](http://www.icbl.org/lm/2001/el_salvador/#Heading7011)>. Acesso em: 09 ago., 2009.

<sup>48</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2001/nicaragua/#Heading7392>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

oficialmente no mesmo período mais de 200 vítimas<sup>49</sup>, sem no entanto ter qualquer imagem que refletisse o problema nas páginas do relatório.

Depois da única foto de vítima colombiana na edição do LM de 2000, levaria cinco anos para outras imagens de sobreviventes de minas no país serem expostas no relatório. As fotografias em preto e branco, de autoria dos ativistas Magali Ortiz e Camilo Solano, ambos da *Campaña Colombiana ContraMinas – CCCM*, irão surgir somente nas páginas 55 e 56 do *Landmine Monitor Report Executive Summary 2005*<sup>50</sup>. Foi nesse ano que o país tomou a ponta no ranking mundial de vítimas de minas, com 1.373 pessoas atingidas entre janeiro de 2004 e agosto de 2005<sup>51</sup>. A primeira foto traz um sobrevivente não identificado participando de uma “oficina de treinamento vocacional”, segundo a legenda, em um centro de reabilitação da cidade de Bucaramanga. Mas não é possível distinguir que tipo de atividade ele realiza. A segunda, de Solano, mostra duas pessoas (Mariano Bustamante e Alfredo Avila), durante uma sessão de reabilitação física no Hospital Roosevelt de Bogotá. A legenda, contudo, não indica qual deles é o senhor sem parte do braço direito realizando exercícios na piscina e qual é o rapaz que o sustenta por trás, e nem se esse moço também é um sobrevivente de minas, ou não. Da mesma forma, não há qualquer informação sobre onde e como ocorreu/ocorreram o/os acidente/acidentes.

Na edição do LM no ano seguinte, 2006, estava claro que ninguém tiraria tão cedo o lugar da Colômbia no topo da “disputa” pelo número de vítimas, mesmo assim o relatório optou por novamente retratar uma sobrevivente cambojana na capa<sup>52</sup>, a estudante Phoas Yek, clicada pelo ativista da *Handicap International*, C. Rebotton. A única imagem de latino-americanos, de autoria do fotógrafo Cameron Macauley da *Landmine Survivors Network*, mostrava na página 7 um jogo de futebol entre mutilados salvadorenhos. Somente na edição de 2007 uma vítima colombiana, Fransiney Chau Grisalez (figura 16), coordenador da CCCM em Caquetá, ganharia

---

<sup>49</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2001/colombia/#Heading6721>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>50</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2005/>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>51</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2005/colombia.html#Heading412>>. Acesso em: 09 ago.2009.

<sup>52</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2006/>>. Acesso em: 09 ago. 2009.



uma capa do LM pelas lentes do também ativista antiminas Camilo Solano<sup>53</sup>.

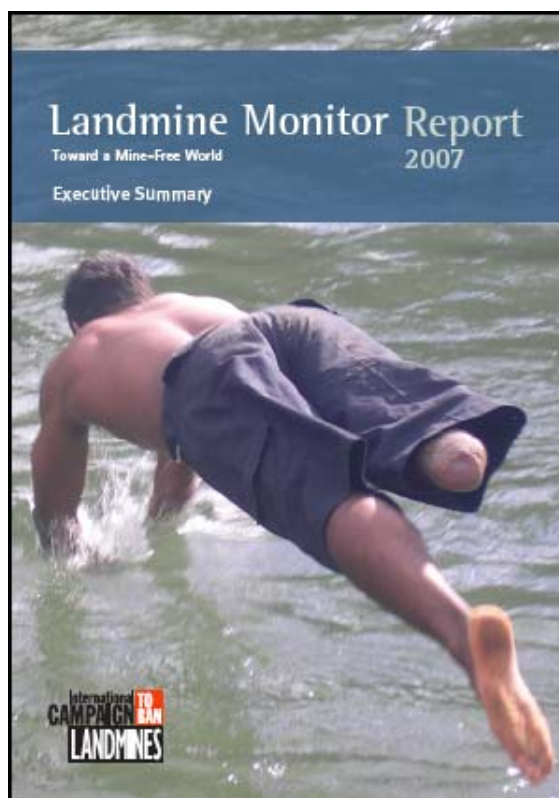


Figura 16 – Mesmo trazendo de forma bastante explícita a mutilação de Franciney, a foto não é de forma alguma depreciativa, já que mostra um aparente momento de lazer (um mergulho em rio ou lago?). O enquadramento também é perfeito, utilizando praticamente toda a diagonal do quase quadrado abaixo da faixa com o título do relatório. Outro ponto de destaque é a sensação de movimento conseguida com a baixa velocidade de exposição. Foto de Camilo Solano, Caquetá, Colômbia, dezembro de 2006.

Na mesma edição, apareceriam outras duas fotos de vítimas colombianas nas páginas 34 (figura 17) e 43 (esta com apenas 4cm X 2,5cm, de autoria de um dos componentes do conselho diretor da *Mine Action Canadá* mostrando um sobrevivente de UXO não identificado, mas claramente desconfortável, sentado numa escada com a bandagem cobrindo a amputação acima do joelho esquerdo e com a muleta encostada ao lado) e um nicaraguense na página 45 (figura 18), de autoria do fotógrafo da AP Esteban Felix, baseado na Nicarágua e que,

<sup>53</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2007/>>. Acesso em: 09 ago. 2009.



recentemente, cobriu boa parte da “estada” do presidente deposto de Honduras, Manuel Zelaya, na embaixada do Brasil em Tegucigalpa.



© CIREC, Setembro 2006

*Landmine survivors  
train for a soccer  
game used to raise  
awareness about the  
dangers of mines  
in Colombia.*

Figura 17 – A imagem em preto e branco, como todas as internas do LM, provavelmente por questões de custo de impressão e não por opção estética ou ideológica, não tem indicação do autor (aparece apenas como © CIREC, Setembro 2006) e nem a identificação dos rapazes fotografados. Apesar de não ser uma publicação com o objetivo narrar as histórias dos sobreviventes de minas, não há justificativa para colocar como “fotógrafo” e detentor do *Copyright* o Centro Integral de Reabilitação da Colômbia.



*Landmine survivor  
at a prosthetic  
workshop in  
Managua, Nicaragua.*

Figura 18 – Fotografia experiente da *Associated Press*, Esteban compõe a foto com delicadeza. As linhas horizontais da barra e do banco direcionam o olhar para a falta do pé. A prótese “em repouso” equilibra o rosto pousado no braço, mas o pé no chão dá firmeza ao conjunto. Contudo, o sobrevivente não foi identificado. Foto de Esteban Felix/AP, Manágua, Nicarágua, novembro 2006.

É significativo que os destituídos de poder não sejam designados nas legendas. Um retrato que se exime de designar seu tema torna-se cúmplice, ainda que inadvertidamente, do culto da celebridade que inflou um apetite insaciável pelo tipo oposto de fotografia: assegurar só aos famosos a menção de seus nomes rebaixa os demais a exemplos representativos de suas ocupações, de suas etnias, de suas aflições. (SONTAG. 2003, p. 67 -68).

Na edição do LM lançada em 21 de novembro de 2008<sup>54</sup>, a imagem de capa é a de um sapador buscando as últimas minas que ainda restam na Albânia antes do prazo final, de 2010, acordado entre o país e a ICBL, de autoria do fotógrafo Joseph Wenkoff. Nas páginas internas do Sumário Executivo aparecem apenas três fotos de vítimas de minas nas Américas: dois salvadorenhos (na mesma foto, novamente de um jogo de futebol entre mutilados), um único colombiano e uma pessoa cuja nacionalidade não foi informada na legenda. Isso, num ano em que se registrou acidentes com minas em seis países do continente latino-americano: Chile, Colômbia, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Peru. Para termos de comparação, sete fotos de vítimas asiáticas aparecem na publicação, sendo que em quatro delas são mostrados cambojanos acidentados.

<sup>54</sup> <<http://www.icbl.org/lm/2008/>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

Na edição mais recente do relatório, lançada em novembro de 2009, temos mais uma vez um sobrevivente de mina na capa, o jovem afegão Farid Ahmad, de 16 anos, trabalhando na oficina de conserto de bicicletas da família em Cabul. Nada mais justo, já que o país tomou novamente a dianteira do ranking, superando a Colômbia em 215 vítimas de minas. A imagem foi realizada por Nasret Rezayee, de quem não há qualquer informação se é fotógrafo profissional, ativista ou simpatizante da causa. Em sua parte interna, o relatório traz nove imagens de América Latina, o maior número na série histórica, sendo três retratando sobreviventes de minas. O motivo talvez seja a realização, na época do lançamento, da II Conferência de Revisão do Tratado de Ottawa, na cidade colombiana de Cartagena das Índias, levando toda a comunidade de ação contra as minas ao país sulamericano. No entanto, a “coincidência” da ultrapassagem do Afeganistão para o primeiro lugar na lista de acidentes tirou um pouco da visibilidade do problema na Colômbia.

A primeira imagem de vítima colombiana no LM 2009 aparece ainda no prefácio da publicação, na página v (figura 19). A segunda, na página 25, novamente é creditada unicamente à Cirec (figura 20), assim como a última é creditada apenas à CCCM (figura 21).



Figura 19 – Imagem clicada pelo diretor da ONG – *Survey Action Center - SAC*, mostra uma pesquisadora da ICBL conduzindo entrevista com sobrevivente de acidente com mina, conforme a legenda. É interessante o contraste de sua jaqueta branca em comparação com o cinza das roupas da vítima e dos uniformes camuflados dos soldados que os circundam como se os estivessem detendo (ou protegendo?). Ao fundo, as fitas de isolamento demarcam uma área suspeita de possuir minas. Foto de Mike Kendellen, fevereiro 2009.



*Landmine survivors and their families celebrate the 10th anniversary of the Mine Ban Treaty's entry into force in Colombia.*

© CIREC, March 2009

Figura 20 – Típica foto de grupo uniformizado para “demonstrar amplo apoio” a uma questão, no caso, o aniversário de dez anos de entrada em vigor do Tratado de Ottawa. Obviamente recortada para dar a sensação de panorâmica e não ocupar espaço na página com elementos que não interessam à mensagem que se quer passar.

No caso de fotografias que serão veiculadas pelos meios de comunicação o *processo de construção da representação* não se finaliza com a materialização da imagem através do processo de criação do fotógrafo. (...) É o que poderíamos chamar de *pós-produção*, isto é, quando a imagem se vê objeto de uma série de “adaptações” visando sua inserção na página do jornal, da revista, do cartaz, etc. Tratam-se de alterações físicas em sua forma, como por exemplo, os “cortes” ou mutilações que se fazem em seu formato original com o objetivo de que ela simplesmente “se encaixe” em determinado espaço da página, ou que mostre apenas parte do assunto, segundo algum interesse determinado do editor. (KOSSOY, 2002, p. 54).



*Landmine survivor speaks with an NGO worker in Colombia.*

© Campanha Colombiana contra Minas, 2009

Figura 21 – A imagem mostra bem as condições de vida do sobrevivente, provavelmente um camponês ainda vivendo em área rural. As linhas verticais dos batentes da porta, da muleta, das tabuas do casebre e da cerca atrás do pesquisador da ONG, com um fundo claro bem ao centro superior dão um bom equilíbrio à composição. Novamente, não há o crédito para o fotógrafo nem a identificação das pessoas.

Em sua trajetória de 11 edições, o *Landmine Monitor Report* tem cumprido seu objetivo de monitorar os dados sobre a situação das minas em todo o mundo e o atendimento ou não dos estados-parte às determinações do Tratado de Ottawa. Em termos de imagens, contudo, há um claro desequilíbrio entre o número de vítimas de minas por país e a presença de fotos desse país na páginas internas da publicação. Nas capas há uma distribuição é mais equânime pelas regiões do globo, mas que



não corresponde exatamente aos países com mais vítimas. Até aqui, as capas foram destinadas da seguinte forma: Oriente Médio (Colinas de Golã 2000 e Afeganistão 2009), África (Angola 2002 e 2005), Ásia (Índia 2003 e Camboja 1999 e 2006), Leste Europeu (Tchetchênia 2004 e Albânia 2008) e América Latina (El Salvador 2001 e Colômbia 2007).

Em números totais de vítimas entre 1999 e 2008<sup>55</sup>, não cabe comparar o tamanho da tragédia no Afeganistão (12.069), no Camboja (7.300) e na Colômbia (6.696) com regiões como as Colinas de Golã, Tchetchênia, Albânia e El Salvador que sequer aparecem na lista de 16 Estados com mais de mil pessoas vitimadas nesse período. Mesmo a Índia, com 2.931 vítimas, e Angola, com 2.664, têm menos vítimas do que, por exemplo, o Iraque (5.184) que nunca “mereceu” uma capa do relatório. Será possível que não existam fotos de sobreviventes de minas no Iraque que possam retratar corretamente a situação no país? O conflito no nesse território, desde a invasão capitaneada pelos Estados Unidos, não é um dos “eleitos” para maior destaque da mídia? Mesmo com o Iraque tendo assinado o Tratado de Ottawa em 2008 e registrado oficialmente 263 (um número claramente subestimado), o “espaço imagético” para o país é de apenas duas fotos: uma de destruição de estoque de minas na região do Curdistão (página 7) e outra, de uma conferência para a implementação do Tratado. Apenas a título de comparação, no LM 2009 aparecem cinco fotos de atividades antiminas na Albânia, sendo uma foto de vítima, apesar de não ter sido registrado qualquer acidente com mina naquele país em 2008.

Portanto, se é verdade que as fotos de capa do LM são escolhidas a dedo, muitas vezes cedidas graciosamente por fotógrafos premiados, também não se pode negar que elas causam uma distorção na forma como o problema é apresentado ao público. Isso sem falar na falta de créditos para os fotógrafos e de identificação dos fotografados, em especial nas páginas internas. Nesse quesito, porém, o outro veículo “oficial” sobre a questão das minas leva essa falha a um nível bem superior...

---

<sup>55</sup> <[http://lm.icbl.org/index.php/publications/display?url=lm/2009/es/mine\\_casualties.html#casualties\\_from\\_1999%E2%80%932008](http://lm.icbl.org/index.php/publications/display?url=lm/2009/es/mine_casualties.html#casualties_from_1999%E2%80%932008)>. Acesso em: 03 fev. 2010.

#### **4.2 *Journal of Humanitarian Demining / Journal of Mine Action / Journal of ERW & Mine Action***

Revista em língua inglesa publicada a partir de 1997, mesmo ano da assinatura do Tratado de Ottawa, pelo então *Humanitarian Demining Information Center* - HDIC (atualmente *Center for International Stabilization and Recovery* – CISR) da Universidade James Madison da cidade de Harrisonburg no estado da Virginia, EUA, o primeiro número do *Journal*<sup>56</sup>, datado simplesmente como Verão de 1997, traz definidos já na apresentação os objetivos da publicação:

Esta nova publicação *online* tem seu foco na segurança e eficiência da identificação, destruição e erradicação das minas antipessoal ao redor do mundo. O jornal, publicado três vezes ao ano, traz edições com informações sobre desminagem humanitária incluindo limpeza de campos minados; conscientização sobre minas; técnicas e métodos de treinamento; programas de desminagem com auxílio de cães; identificação de campos minados; pesquisa, marcação e gerenciamento; avaliação de programas em outros países; suporte logístico para operações de desminagem; métodos de manipulação, transporte, estocagem e descarte de minas; técnicas de tratamento para ferimentos por mina; gerenciamento de traumas; medicina de campo; e informação pública e relação com a imprensa. (MAIC, 1997)

Como se vê, não existe sequer a palavra vítima ou sobrevivente de minas que, obviamente, não era, então, uma prioridade da publicação. Interessante observar ainda o objetivo explícito de publicar informações sobre “métodos de manipulação transporte, estocagem e descarte de minas”, ações que seriam vetadas aos Estados Partes do Tratado de Ottawa, que começou a receber assinaturas apenas alguns meses depois. De fato, o primeiro número da publicação traz na capa e na maior parte das matérias as ações antiminas desenvolvidas pelos EUA, que até hoje não assinaram o Tratado de Ottawa, sendo um dos dois únicos Estados nas Américas, junto com Cuba, a manter-se fora do acordo.

---

<sup>56</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/1.1/index.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.



Em seu primeiro artigo, intitulado “O Departamento de Defesa dos EUA e o papel do *Journal of Humanitarian Demining*”<sup>57</sup>, o autor Robert Cowles, diretor de políticas de desminagem e de minas antipessoal do escritório de assistência da Secretaria de Defesa para Operações em Conflitos de Baixa Intensidade, agradece à diretoria do HDIC da Universidade James Madison pela criação do *Journal* e enumera as áreas em que o Departamento de Defesa dos EUA pode contribuir na cobertura deste “vasto problema internacional”, novamente sem citar a assistência às vítimas. Aliás, ao contrário. Ele define como um dos importantes princípios do DoD, a ajuda para “melhorar a capacidade das populações para viver em ambientes minados, por meio de programas de conscientização e informação pública”.

É somente a partir do artigo “As Nações Unidas e a ação humanitária contra as minas”<sup>58</sup>, de Stephane Vigie, da unidade de políticas de desminagem da ONU, que começa a ser lembrada na revista a necessidade de atendimento às vítimas. Ainda assim, em todo o primeiro número da publicação, não há uma única foto e nenhuma menção a problemas com minas na América Latina, apesar dos EUA terem conhecimento das centenas de vastos campos minados que então já existiam na Nicarágua, Guatemala, El Salvador, Chile, Peru e Colômbia.

A primeira menção sobre a América Latina surge no segundo número do *Journal*, em fevereiro de 1998<sup>59</sup>, num artigo comentando a ênfase da ONG *Norwegian People's Aid* na cooperação internacional para os esforços de desminagem em todo o mundo<sup>60</sup>. No artigo, Kirk St. Amant conta como a NPA começou a expandir suas atividades em várias regiões do globo nos anos 1980, incluindo África, Oriente Médio e América Latina. Mais adiante, ainda na edição 2.1, num relatório de atividades das Operações de Desminagem Humanitária das Forças de Operações Especiais dos EUA, temos a descrição da atuação do grupo norte-

---

<sup>57</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/1.1/contents/address.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>58</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/1.1/articles/unart.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>59</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/2.1/home.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>60</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/2.1/npa.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

americano programada para 1998 no Peru, Equador, Guatemala, Nicarágua, Honduras e Costa Rica.

Na edição de número 2.2 do *Journal of Humanitarian Demining*, de junho de 1998, aparece a primeira foto tirada na “América Latina”. Trata-se uma explosão controlada nas Ilhas Malvinas, ou Falklands, no artigo “Melhorando o processo de desminagem”<sup>61</sup>, de autoria do Major Colin King. Não há uma identificação clara de quem foi o fotógrafo. A primeira foto de uma vítima de mina aparece também neste número, no artigo “Um verdadeiro sobrevivente: Ken Rutherford”<sup>62</sup>, escrito pelo então editor do *Journal*, Davey Ahearn. O texto conta a história do fundador da *Landmine Survivor Network* (atualmente *Survivors Corps*), que, aliás, assumiu em fevereiro de 2010 a direção do CISR<sup>63</sup>, e traz uma fotografia que mostra, segundo a legenda, Rutherford, um adolescente chamado Zarko, a famosa ativista antiminas Princesa Diana, outro rapaz de nome Malic e o cofundador da LSN Jerry White, todos sentados sobre um tronco de árvore (figura 22).



Figura 22 – O mais interessante dessa foto não está na imagem em si, mas sim na arqueologia de sua construção cultural. Clicada por um fotógrafo “quase oficial” da realeza britânica, a imagem associa a celebridade pop da figura da Princesa Diana a adolescentes sobreviventes da guerra da Bósnia e aos fundadores de uma associação de vítimas de minas, tudo num bucólico cenário campestre. O objetivo parece claro: dar um destaque ainda maior a Rutherford. Foto de Ian Jones, Bósnia, 1997.

<sup>61</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/2.2/features/king.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>62</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/2.2/profiles/ruther.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2010.

<sup>63</sup> <<http://maic.jmu.edu/HOMIE/CISR PR - Dennis retiring.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2010.

A Princesa de Gales, aliás, emprestou por diversas vezes a sua imagem para passar a mensagem sobre o perigo das minas terrestres e a necessidade de se banir seu uso em todo o mundo e de fato prestou um grande serviço à causa, pelo qual é lembrada até hoje. A associação do fundador da rede de sobreviventes de minas à figura real certamente atraiu maior atenção ao artigo e à própria LSN. Talvez ciosos da responsabilidade em divulgar a imagem de uma personalidade de tamanho destaque, apenas um ano após sua morte, não faltou o crédito do fotógrafo Ian Jones<sup>64</sup>, que fez e ainda faz vários dos retratos oficiais da família real inglesa. Mesmo retratando os sobreviventes de minas com a dignidade que merecem, a foto traz pela primeira vez o que seria um padrão para fotos de vítimas na publicação: a explicitação das mutilações.

De uma forma geral – e, mais especificamente, em matérias políticas ou ideológicas -, a imagem que será aplicada em algum veículo de informação é sempre objeto de algum tipo de “tratamento” com o intuito de direcionar a leitura dos receptores. Ela é reelaborada – em conjunto com o texto – e aplicada em determinado artigo ou matéria como comprovação de algo ou, então, de forma opinativa, com o propósito de conduzir, ou melhor dizendo, *controlar* ao máximo o ato de *recepção* numa direção determinada: são, enfim, as interpretações pré-construídas pelo próprio veículo que irão influir decisivamente nas mentes dos leitores durante o *processo de construção da interpretação*. (KOSSOY, 2002, p. 55).

Com certeza, o engajamento de personalidades de grande presença e atração midiática é uma outra possibilidade de dar maior visibilidade ao drama vivido pelas pessoas que moram em áreas afetadas por minas terrestres. Porém, como tradicionalmente, a problemática das minas na África, Ásia e Oriente Médio sempre teve um destaque maior nos meios de comunicação em massa, gerando a “imagem” de que é somente ali que existe o problema, chega a ser “natural” que celebridades em busca de holofotes, e a indústria do entretenimento em geral, busquem nesses lugares uma certeza de “retorno de investimento” em sua imagem pessoal ou institucional, mesmo que isso continue retroalimentando as deformações e preconceitos sobre a real situação de vítimas de minas no mundo.

---

<sup>64</sup> <<http://www.ianjonesphoto.co.uk>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

Na construção de um conjunto de imagens, sejam elas pertencentes ao universo icônico visual ou sonoro, sejam elas pertencentes a outros universos (verbais, performáticos, olfativos, gustativos), é notável a utilização de imagens precedentes como referência e como suporte de memória. (...) Ou seja, toda imagem se apropria das imagens precedentes e bebe nelas ao menos parte de sua força. (...) A força de uma imagem provém de seu lastro de referências a outras tantas imagens. (...) A máxima publicitária tão propalada, cada vez mais nos nossos dias, segundo a qual “nada se cria, tudo se copia” apenas faz repetir procedimentos já conhecidos na história das imagens. A grande diferença é apenas dada pelo poder distributivo de penetração dos aparatos da mídia terciária, as máquinas de imagens. As imagens apresentadas pelos mídia contemporâneos terminam por possuir um alto teor de referência a outras imagens que se referem a ainda outras, construindo uma “perspectiva em abismo”, segundo E. P. Cañizal, que se perde em imagens remotas de insondáveis resquícios arqueológicos. (BAITELLO, Jr, 2005, p. 95)

Assim, a Princesa Diana, por exemplo, jamais visitou os mutilados por minas na Nicarágua. Angelina Jolie não procurou órfãos para adotar entre os familiares de vítimas no Peru. E nem um centavo do dinheiro arrecadado em 2007 com a venda pela *No More Landmines* de 20 mil pares de sapatos de artistas como Elton John, Ewan McGregor, Daniel Radcliffe e Robin Williams<sup>65</sup> ajudou os centenas de acidentados anualmente na Colômbia. E talvez seja esse o motivo porque Angola é sempre lembrada quando se pensa em minas, apesar de ter registrado oficialmente em 2008 “apenas” 6,7% (52 pessoas) do número de vítimas da Colômbia no mesmo ano (777).

A partir de 1999, o *Journal of Humanitarian Demining* muda de nome para *Journal of Mine Action* e, apesar de manter a numeração anterior, passa por uma completa revisão gráfica com a impressão de fotos na capa. Os editores também começam a solicitar aos colaboradores autores de artigos que enviem fotografias originais ou digitalizadas com “no mínimo” 300 dpi de resolução. A publicação continua quadrimestral e voltada principalmente a governos, entidades e pessoal envolvido em ações de desminagem humanitária. No entanto, passa a ter um foco maior na educação para risco de minas e assistência às vítimas. Atualmente o *Journal of ERW & Mine Action* é produzido pelo *Mine Action Information Center – Maic*, ainda pertencente à Universidade James Madison. A revista impressa tem tiragem de 1500 exemplares, dois terços dos quais são enviados para fora dos

---

<sup>65</sup> <<http://www.landmines.org.uk/news.php?newsID=41>> Acesso em: 05 fev. 2010.

Estados Unidos. A versão *online* do *Journal*, segundo informação disponível no próprio *website* do veículo, recebe anualmente cerca de 135 mil visitas únicas. Para esta dissertação foram consultadas as versões impressas das edições 9.1 (2005), 9.2 (2006), 10.1 (2006), 10.2 (2007), 11.1 (2007), 12.1 (2008), 12.2 (2008), 13.1 (2009) e 13.3 (2009). Para as edições anteriores à 9.1, de 2005, foram usadas sempre as versões *online* da revista, disponíveis no endereço web <<http://maic.jmu.edu/journal/index/past1.htm>>.

Apesar da mudança gráfica e de nome, o *Journal* segue utilizando pouco e mal as fotografias. Desenhos técnicos, imagens de equipamentos e fotos de equipes de desminagem, continuam sendo a tônica da publicação. Ainda assim, no artigo “Moçambique: ficha do GTZ IHDD”<sup>66</sup>, de autoria do Dr. U. Weyl, na edição 3.1, do primeiro trimestre de 1999 e foco na África, a foto de uma menina não identificada vítima de uma mina em Moçambique merece destaque por sua delicadeza e por ser uma das poucas a não mostrar explicitamente as mutilações. Infelizmente, assim como a vítima, o autor da fotografia também não é identificado, levando a supor que seja o próprio autor do artigo. De fato, o rigor com o crédito ao fotógrafo não é uma das prioridades da publicação, aparentemente mais preocupada com os assuntos técnicos do trabalho de desminagem. Na edição 10.1<sup>67</sup>, de agosto de 2006, por exemplo, sequer o crédito da foto da capa foi anotado para a fotógrafa Maria Eugênia Sá, e não houve nem ao menos a correção da falha no número 10.2, de dezembro de 2006, apesar do pedido expresso da fotógrafa à editora da revista.

Retornando à linha cronológica de análise das fotografias publicadas no *Journal of Mine Action*, temos, ainda na edição 3.1, o artigo “Uganda: fundo mundial para reabilitação”<sup>68</sup>, de autoria de Ted Silver, onde, novamente em imagens sem crédito do fotógrafo, temos a clássica cena dos pacientes não identificados, em um hospital ou centro de recuperação, mostrando as próteses e/ou as mutilações em seus membros inferiores, por vezes com médicos ou mesmo provavelmente o próprio

---

<sup>66</sup> <[http://maic.jmu.edu/journal/3.1/profiles/gtz\\_weyl/gtz\\_weyl.htm](http://maic.jmu.edu/journal/3.1/profiles/gtz_weyl/gtz_weyl.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>67</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/index/past10.htm>> Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>68</sup> <[http://maic.jmu.edu/journal/3.1/profiles/wrf\\_silver/wrf\\_silver.htm](http://maic.jmu.edu/journal/3.1/profiles/wrf_silver/wrf_silver.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2009.

autor do artigo apontando o local dos ferimentos. É visível no rosto dos fotografados o constrangimento pela situação.

Em geral, os corpos com ferimentos graves que aparecem em fotos publicadas são da Ásia ou da África. Essa praxe jornalística é herdeira do costume secular de exibir seres humanos exóticos – ou seja, colonizados: africanos e habitantes de remotos países da Ásia foram mostrados, como animais de zoológico, em exposições etnológicas montadas em Londres, Paris e outras capitais europeias, desde o século XVI até o início do XX. (SONTAG, 2008, p. 62).

A edição 3.3 do *Journal of Mine Action*<sup>69</sup>, do terceiro trimestre de 1999 é dedicada principalmente às vítimas de minas antipessoal, tema estampado já em sua capa (figura 22), onde são apresentadas cinco fotos de sobreviventes de minas. A escolha das imagens segue a preferência por se explicitar as mutilações e os médicos cuidando dos feridos. A única imagem que destoa um pouco dessa visão é a do canto superior esquerdo da capa, onde três pessoas conversam sentadas em um jardim. Ainda assim, os sobreviventes de minas terrestres mostram suas mutilações e próteses, como se a imagem tivesse que, necessariamente, provar que se trata de vítimas de minas. Essa foto também é a única em que os retratados, por serem pessoas atuantes na questão das minas, podem ser identificados como os dois membros fundadores da LSN (Ken Rutherford e Jerry White), além de Sua Majestade a Rainha Noor, da Jordânia, outra celebridade de destaque no meio e que faz parte do conselho de diretoria da instituição. Infelizmente a versão *online* disponível da publicação não traz os créditos das fotos, tornando impossível saber se os fotógrafos, amadores ou profissionais, foram devidamente identificados pelo menos na publicação em papel.

---

<sup>69</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/3.3/>>. Acesso em: 09 ago. 2009.



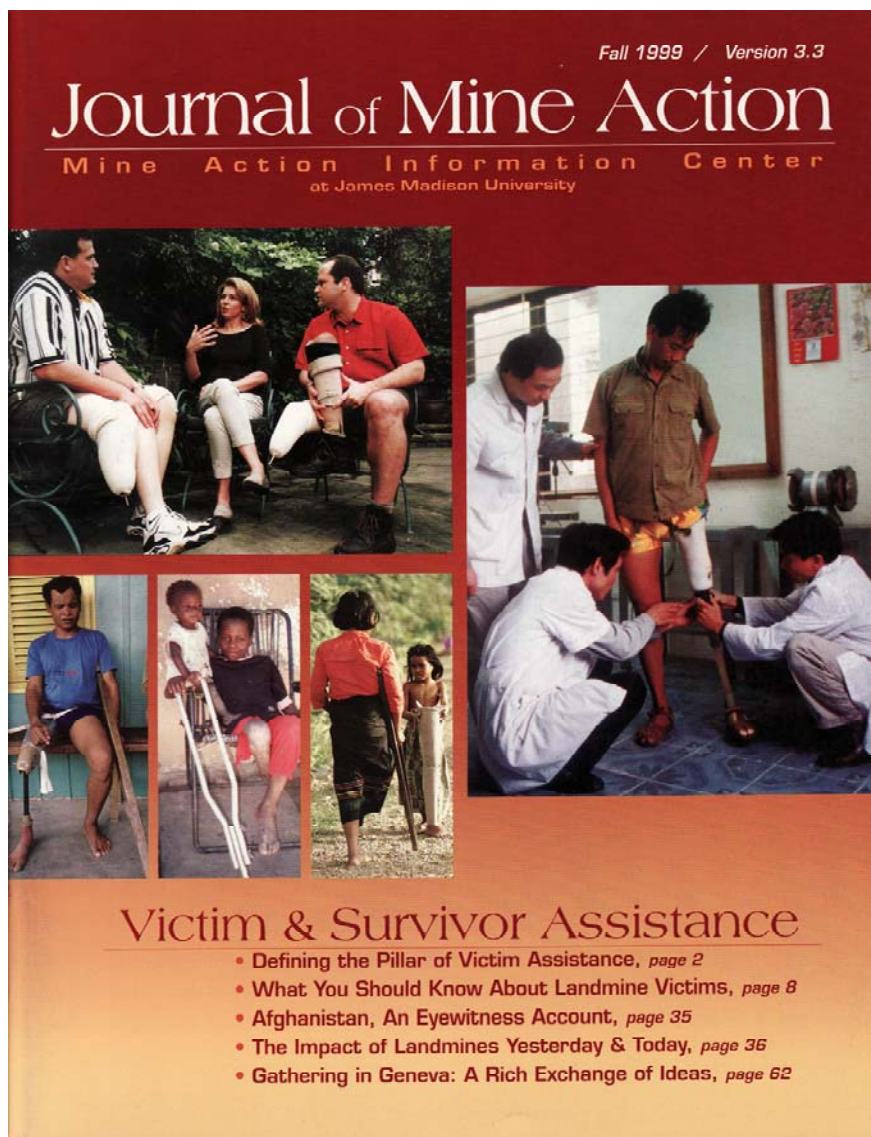


Figura 23 – Na foto superior à esquerda, os fundadores da LSN parecem ouvir lições da princesa da Jordânia, já que é ela que tem a boca aberta e gesticula como que apontando para si mesma (conta a “sua experiência”?). Não há sentido no fato deles segurarem suas próteses. Na foto da direita, os médicos (?) com feições orientais (Indochina?) regulam o joelho artificial da vítima em uma oficina, o que se denota pelo esmeril ao fundo. Já o conjunto das três fotos à esquerda tem como harmonia e ponto de equilíbrio a posição levemente inclinada das muletas, sendo duas de madeira nos lados e uma de metal ao centro. Não se percebe qualquer “assistência” às vítimas, todas com o olhar perdido da falta de esperança. Mais uma vez não há crédito para os fotógrafos nem a identificação dos fotografados.

Ainda na edição 3.3, logo no primeiro parágrafo do primeiro artigo, “Definindo o pilar da assistência às vítimas”<sup>70</sup>, a ativista Sue Eitel, da LSN, esclarece que até o final de 1995, a problemática das vítimas de minas realmente não fazia parte de

<sup>70</sup> <[http://maic.jmu.edu/journal/3.3/focus/va\\_eitel.htm](http://maic.jmu.edu/journal/3.3/focus/va_eitel.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2009.



qualquer agenda política. “Hoje, no entanto, ela é reconhecida como um dos três pilares da ação contra as minas, definidos pelas Nações Unidas como sendo: identificação e limpeza de campos minados, educação para risco de minas e assistência às vítimas”. A autora reconhece, entretanto, que o tema só ganhou relevância devido ao Prêmio Nobel recebido pela ICBL e pelo envolvimento da falecida Princesa Diana. Em seguida, é novamente publicada a mesma foto da princesa de Gales ao lado de Ken Rutherford e Jerry White. Ironicamente, dessa vez não aparece na imagem o crédito ao fotógrafo Ian Jones...

O “padrão bermuda”, ou as pernas as calças levantadas, segue por toda a edição, assim como a falta de crédito aos fotógrafos, as situações constrangedoras e a não identificação das vítimas. Com exceção dos ativistas antiminas, todas as outras fotos são de vítimas no Sudeste Asiático (especialmente Camboja), África e Afeganistão. Não há menções sobre sobreviventes de minas nas Américas, a não ser norte-americanos (como o próprio Rutherford, vitimado por uma mina na Somália em 1993), veteranos de guerra ou pessoal de desminagem acidentado.

Nas edições seguintes do JMA, o padrão se mantém com poucas exceções. Na revista de número 4.2, de junho de 2000, por exemplo, o artigo “Sobreviventes de minas na América Central: a necessidade de agir na Nicarágua”<sup>71</sup>, do Dr. Willian F. Boyce, diretor do grupo avaliação de programa social da Universidade Queen’s, no Canadá, a questão nicaraguense é apresentada em toda a sua complexidade e urgência de ação. Também são reproduzidas duas fotos do próprio Dr. Boyce devidamente identificadas. As imagens, porém, não trazem vítimas, e sim pessoal de desminagem exercendo sua atividade. A questão que fica, então, é: por quê as outras fotos não trazem essas informações essenciais?

Ainda assim, parece que finalmente, e aos poucos, a publicação começa a dar mais atenção à questão das fotografias. Tanto que na edição 4.3, a última de 2000, na entrevista intitulada “Ação integral contra minas: uma abordagem coletiva para a

---

<sup>71</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/4.2/Features/Nicaragua/nicaragua.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

conscientização sobre as minas”<sup>72</sup> - em que a jornalista do Maic Margaret Busé conversa com o então gerente de ações comunitárias do MAG, Andy Wheatley (hoje delegado de ação contra minas do CICV e autor do artigo sobre o problema das minas na América Latina e a resposta do CICV à questão para o livro de fotografias *América Minada*) - são publicadas cinco fotografias do fotógrafo Sean Sutton<sup>73</sup> tomadas em Angola pouco antes do final da guerra civil, que durou de 1975 a 2002 e deixou milhões de minas plantadas no solo. As imagens de Sutton, fotógrafo ligado ao MAG e à agência Panos Press, foram devidamente creditadas e legendadas no *Journal*. Profissional experiente, com muitos anos de atuação em várias partes do mundo, ele lançou em 2007 um livro de 144 páginas somente com imagens relacionadas à questão das minas naquele país africano (*Angola: a journey through change*) com textos da ativista Heather Mills e do fotógrafo de guerra Tim Page. A imagem do menino angolano se equilibrando precariamente sobre o apoio da muleta com a perna mutilada (figura 24), apesar de trazer explícita a mutilação, é delicada em seu conjunto e traz outros elementos informativos sobre a situação em que vive o menino e não fere a sua dignidade. Esta é uma das grandes diferenças entre se trabalhar com fotos de profissionais ou contar apenas com boa vontade de ativistas que podem ter “sorte” numa ou outra imagem.

---

<sup>72</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/4.3/focus/MAG/MAG.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>73</sup> <[http://www.lightstalkers.org/sean\\_sutton](http://www.lightstalkers.org/sean_sutton)>. Acesso em: 04 fev. 2010.



Figura 24 – Composições espacial e cromática equilibradas para trazer uma série de informações na imagem. Os tons quentes de preto da pele, vermelho das roupas e marrom do chão apontam para o calor africano. O chão de terra batida e o que aparenta ser um forno de barro ao fundo mostram as dificuldades da vida de sobrevivente de minas equilibrando-se precariamente na fina muleta, mas acompanhado de outras crianças, como o pequeno que pousa carinhosamente a mão sobre sua coxa. Foto de Sean Sutton, Angola, 1999.

Para efeito de comparação, ainda na edição 4.3, vale citar o artigo “Fortalecendo as pessoas por meio da conscientização sobre minas na América Latina”<sup>74</sup>, do pesquisador Juan Carlos Ruan. Curioso notar que, apesar do título, o artigo não traz qualquer informação sobre a situação na Colômbia, abordando apenas Costa Rica, Honduras, Nicarágua, Guatemala, Peru e Equador. A matéria apresenta quatro imagens creditadas e legendadas tomadas na Costa Rica e Honduras. Aparentemente, duas fotos são do próprio Ruan e duas de uma pessoa chamada Leda Marin (uma das fotos que estou atribuindo a Ruan, na verdade, possui com o mesmo corpo de fonte e junto à legenda a expressão “c/o Leda Marin”, e, abaixo, no lugar do crédito e em itálico, a marcação “*photo c/o Juan Carlos Ruan*”). Infelizmente,

<sup>74</sup> <[http://maic.jmu.edu/journal/4.3/focus/Latin%20America/Latin\\_America.htm](http://maic.jmu.edu/journal/4.3/focus/Latin%20America/Latin_America.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2009.

mais uma vez a qualidade das fotos disponíveis na versão *online* da revista é tão baixa que não viabiliza sua reprodução. Mas basta dizer que algumas imagens trazem a data impressa em vermelho típica de câmeras portáteis automáticas com filme para papel colorido e ampliadas num quiosque de “revelação em uma hora”. Como diz Kossoy (2002), as fotografias são representações construídas culturalmente. Desse modo, quando maior a capacidade de formular a mensagem que se quer passar por meio da linguagem fotográfica, mais fidedigno é seu resultado em relação à intenção do autor.

Para fotografar, o fotógrafo precisa, antes de mais nada, conceber sua intenção estética, política, etc., porque necessita saber o que está fazendo ao manipular o lado *output* do aparelho. A manipulação do aparelho é gesto *técnico*, isto é, gesto que articula conceitos. O aparelho obriga o fotógrafo a transcodificar sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-la em imagens. Em fotografia, não pode haver ingenuidade. Nem mesmo turistas ou crianças fotografam ingenuamente. (FLUSSER, 2009, p. 31-32).

Nesse caso, ao contrário do que apregoam Barthes (1984) e Sontag (2008), as fotografias amadoras não seriam “mais fieis” à “realidade objetiva” e nem trariam para o leitor do periódico uma sensação de serem “menos manipuladoras”. São, de fato, menos informativas. Especialmente quando o veículo não é um jornal diário que comprou uma foto amadora de um acontecimento importante, para o qual não mandou um fotógrafo e, sim, publicações que servem de referência sobre o assunto aos próprios jornalistas.

Na fotografia de atrocidades, as pessoas querem o peso do testemunho sem a nódoa do talento artístico, tido como equivalente à insinceridade ou à mera trapaça. Fotos de acontecimentos infernais parecem mais autênticas quando não dão a impressão de terem sido “corretamente” iluminadas e compostas porque o fotógrafo era um amador ou – o que é igualmente aproveitável – adotou um dos diversos estilos sabidamente antiartísticos. Ao voarem baixo, em termos artísticos, essas fotos são julgadas menos manipuladoras – hoje todas as imagens de sofrimento amplamente divulgadas estão sob suspeita – e menos aptas a suscitar compaixão ou identificação enganosas. (SONTAG, 2008, p. 26-27).

Ano a ano, ainda que de forma inconstante e irregular pelos artigos de cada edição, melhoram, de um modo geral, a qualidade das fotos publicadas no *Journal*.

Na edição 5.1<sup>75</sup>, por exemplo, encontramos um artigo fartamente ilustrado com fotografias que complementam as informações do texto, das legendas e vão além. Em “Fotografando a tragédia: minas terrestres e vítimas”<sup>76</sup>, o fotógrafo australiano Tim Grant<sup>77</sup> conta a sua experiência pessoal sobre o tema, fala sobre a importância de se fotografar as vítimas para revelar a quem vê as fotos o horror dos ferimentos provocados pelas minas (figuras 25, 26 e 27).

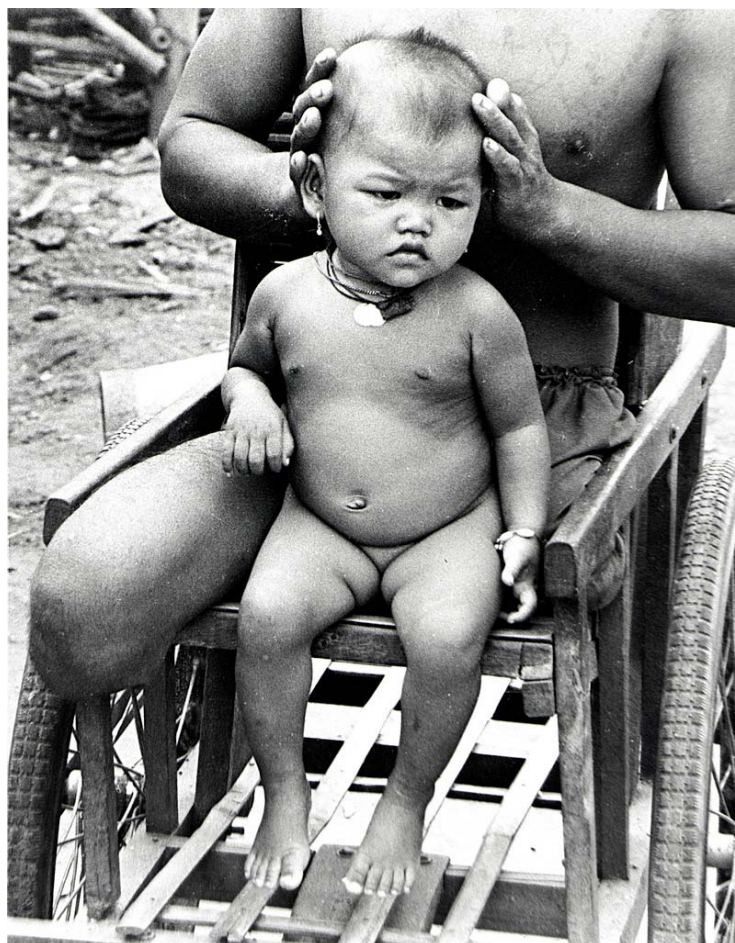


Figura 25 – A imagem em preto e branco mostra, e ao mesmo tempo deixa de mostrar, um pai orgulhoso de sua criança enfrentando as dificuldades de ser um sobrevivente de acidente com mina terrestre em um campo de refugiados. As pernas pequenas da criança pendendo para fora da cadeira de rodas tornam ainda mais impressionante a falta das pernas paternas. Foto de Tim Grant, fronteira entre Camboja e Tailândia, 1986.

<sup>75</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.1/Focus/Reuben%20McCarthy/mccarthy.html>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>76</sup> <[http://maic.jmu.edu/journal/5.1/Focus/Tim\\_Grant/grant.html](http://maic.jmu.edu/journal/5.1/Focus/Tim_Grant/grant.html)>. Acesso em: 09 ago. 2009.

<sup>77</sup> <<http://members.iinet.net.au/~pictim/mines/photos/mines.html>>. Acesso em: 04 fev. 2010.



Figura 26 – Já nesta foto, o grupo de amigos mutilados ri e se diverte jogando cartas num centro de recuperação apesar de seus ferimentos e mutilações. A situação obviamente é muito triste, mas mesmo assim o espírito humano da esperança permanece ardendo. Foto de Tim Grant, fronteira entre Camboja e Tailândia, 1991.

Posteriormente, outras fotos de Tim Grant foram cedidas e usadas em material de divulgação sobre a questão das minas por entidades como o CICV. Será que se os editores do *Journal* procurassem um pouco não encontrariam outros fotógrafos profissionais com material do mesmo nível sobre a América Latina?





Figura 27 – A terceira imagem do artigo, e única colorida, é talvez a mais triste. Ela mostra um jovem monge budista de apenas 16 anos, mutilado em um acidente quando voltava de uma festa de casamento. A extensão dos ferimentos e o olhar de medo e dor são evidentes. O contraste das cores na imagem com a foto em PB que o menino segura, de um monge com o braço praticamente na mesma posição que ele, completam o quadro. Foto de Tim Grant, fronteira entre Camboja e Tailândia, 1995.

Em agosto de 2001, portanto quatro anos após o início da publicação, o *Journal of Mine Action* finalmente decide lançar uma edição com foco em seu próprio



continente. A edição 5.2<sup>78</sup> (figura 28) traz como título *Minas Terrestres na América Central e do Sul*. A esta altura, os trabalhos de desminagem na América Central já estavam bastante adiantados e caíam os índices de acidentes. Por outro lado, aumentavam os casos no Peru e especialmente na Colômbia, que em poucos anos assumiria a ponta no ranking de países com mais novas vítimas por ano. Diferente de outras edições anteriores, a capa não mostra vítimas, mas, sim, três meninos trepados em uma árvore. A mensagem não é clara. Pode tanto significar o perigo que correm em se acidentar e não mais poderem subir em árvores, como sugerir que o terreno está limpo e que portanto as crianças podem brincar à vontade.

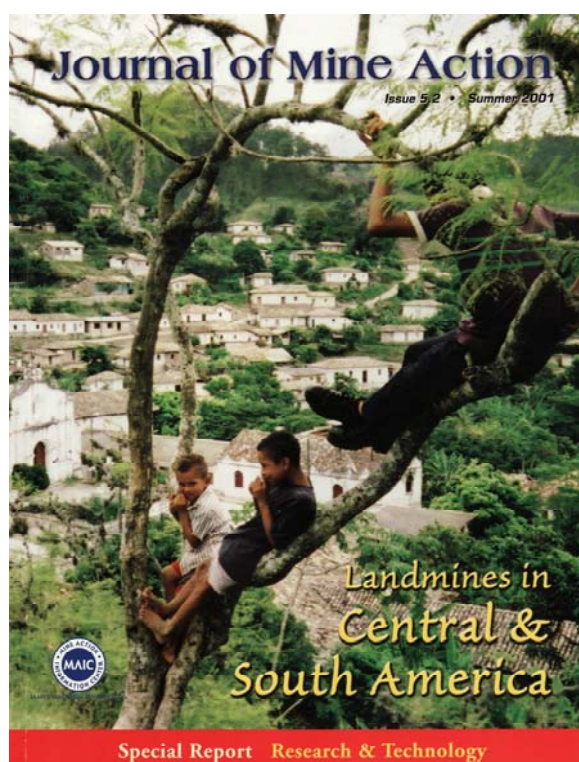


Figura 28 – Esquecendo-se o título, qual o significado e que informações podem trazer essa imagem para questão das minas na América Latina?

Já no primeiro artigo da edição<sup>79</sup>, escrito pela equipe do próprio Maic, temos uma descrição das atividades do *Southcom*, o comando norte-americano para desminagem no Sul do continente. Em destaque antes do texto, vemos um quadro dizendo, em tom triunfal, que o *Southcom* tem programas de desminagem

<sup>78</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.2/>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>79</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/MAIC.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

humanitária em vários países da América Central e que, com a ajuda da Organização dos Estados Americanos, o comando tem sido capaz de fazer progressos para tornar a área livre de minas. Mais adiante, o texto cita o programa existente desde 1998 para ajudar a desminar a fronteira entre o Peru e o Equador, porém não diz nada sobre os campos minados ao redor de mais de duas mil torres de transmissão de energia elétrica que cortam o Peru e até hoje são os maiores responsáveis pelas vítimas naquele país, assim como não faz qualquer menção à tragédia das minas na Colômbia. Obviamente, o artigo também não fala da recusa dos EUA em assinar o Tratado de Ottawa.

O segundo artigo é da própria OEA<sup>80</sup> e fala sobre seus programas de desminagem em todo o Continente. Contudo, a problemática na Colômbia é totalmente ignorada, e o país somente é citado, assim como o Brasil, como tendo enviado consultores em desminagem para ações conjuntas principalmente na Nicarágua e em Honduras. O artigo traz ainda a primeira foto de uma vítima latino-americana, o menino Marion Orozco, de 10 anos, que segundo a legenda perdeu uma perna abaixo do joelho, um braço abaixo do cotovelo e o olho esquerdo. Não há qualquer indicação de onde o menino vive, de como foi o acidente e nem que quem tirou a fotografia. Sabe-se apenas que ele tem uma prótese na perna direita, um gancho na mão esquerda e que a foto foi gentilmente cedida pela OEA.

Se as palavras silenciam sobre o que não interessa informar, as imagens são igualmente ‘cegas’ em relação a certos fatos ou podem mostrá-los apenas sob ângulos em que nada se percebe além de composições esteticamente programadas. Essas manipulações aparentemente inocentes – que podem ser entendidas como ‘interpretações’ – são inerentes à produção da representação fotográfica e, portanto, compõem a trama do documento: essa ambiguidade permeia a história da fotografia e do jornalismo. (KOSSOY, 2007, p. 105-106).

Somente no artigo “Unicef na América Latina”<sup>81</sup>, o oitavo no sumário da revista, a Colômbia aparece pela primeira vez como um país que merece atenção especial da entidade. A matéria cita a senhora Nidya Quiroz, conselheira regional

---

<sup>80</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/jamieperales.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>81</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/maryrubby2.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

para emergências na América Latina, informando que no ano 2000, a cada cinco dias em média, uma criança foi ferida ou morta por mina na Colômbia e que, ainda assim, a Unicef acreditava que este número seria apenas uma pequena parte do problema real. A Unicef pretendia editar um vídeo com testemunhos de vítimas para alertar a população, mas aparentemente este projeto não foi adiante. Apesar do destaque para a Colômbia no texto, as duas únicas fotos do artigo trazem uma atividade de conscientização sobre minas em El Salvador e uma vítima de mina na Nicarágua.

O próximo artigo da edição é específico sobre a situação na Colômbia<sup>82</sup>, mas escrito por uma funcionária do Maic, e não um pesquisador em campo no país e nem ao menos um colombiano. Já quase no final do texto, quando Jenny E. Lange descreve a “ameaça da minas”, ela cita fontes do exército colombiano que dizem ter encontrado duas minas fora da cidade, apenas duas horas antes da visita programada de um senador e um embaixador dos EUA. Com base nisso, ela concluiu que “apesar deles não serem os alvos intencionais, poderiam ter sido vítimas dessas minas, o que demonstra que qualquer inocente poderia ser atingido”. Contando apenas com fontes oficiais do governo, não é de se estranhar que o artigo traga somente uma pequena foto de tropas da Farc e outra do exército limpando um terreno supostamente minado pelo *Ejército de Liberación Nacional* - ELN, ambas creditadas apenas como “c/o AP<sup>83</sup>”.

E é em torno de clichês, em realidade, que se estrutura a parte majoritária das notícias. E jornalistas, como todas as pessoas, selecionam os fatos novos e os classificam a partir de seus próprios estereótipos. Assim, eles se tornam atores privilegiados da manutenção de ideias, verdadeiros *agentes conservadores da cultura*, visto que têm acesso a meios de divulgação em massa de suas ideias (e preconceitos). Operar clichês é incomparavelmente mais cômodo, mais fácil, mais simples (...) acima de tudo, o clichê constrói antecipadamente a notícia: jornalistas não partem para o mundo para conhecê-lo; ao contrario, eles tem seus modelos na cabeça e saem pelo mundo para reconhecê-los (e reforçá-los). Assim constroem os relatos com as pessoas-símbolos, “aqueles que de fato representam o assunto”, os bons contadores de histórias, ficando satisfeitos por encontrar de fato, no real, aquilo que eles já tinham em suas cabeças. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 109).

---

<sup>82</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/colombia.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>83</sup> Cortesia da Associated Press.

As fotos de vítimas latino-americanas só irão aparecer com um pouco mais de destaque no artigo “Assistência às vítimas na América Central: um esforço regional”<sup>84</sup>, escrito pelo mesmo Juan Carlos Ruan que havia redigido e ilustrado a matéria “Fortalecendo as pessoas por meio da conscientização sobre minas na América Latina” na edição 4.3. Dessa vez, no entanto, ele deixou a câmera de lado, ou os editores do JMA decidiram por bem utilizar imagens novamente creditadas somente como “c/o AP”. Cada fotografia traz uma pequena legenda descrevendo o que se vê e deste modo ajudando a entender melhor a situação vivida por essas pessoas (figuras 29, 30, 31, 32 e 33).



Figura 29 – Nessa primeira foto, descobrimos que além de ter sido vítima de uma mina em 1988, o Sr. Esteban Santo Hernandez também tornou-se um desabrigado por causa de uma terremoto em El Salvador e, por isto, vivia na época em um campo de refugiados chamado "El Cafetalon". A composição da imagem, escondendo o rosto do Sr. Hernandez enquanto toma banho, mostrando as muletas e próteses apoiadas na tenda e o grande número de barracas em profundidade, demonstra a difícil situação não somente do Sr. Hernandez, mas também de centenas de pobres refugiados por outros motivos que não as minas.

---

<sup>84</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/juancarlosruan.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.



Figura 30 – Na segunda imagem, temos o Sr. Jorge Escobar, que perdeu a perna em um acidente com mina em 1990, sentado em frente à sua casa em Manágua, capital da Nicarágua. A postura rígida em que se apoia no chão com os braços esticados se contrapõe à atitude relaxada da criança encostada no muro, quebrando um pouco o peso da situação.



Figura 31 – A foto mostra um antigo guerrilheiro vítima de mina, Salvador Santamaría Rivera, ajudando a ajustar uma prótese no cotoco de um “veterano de guerra”, atingido por uma mina M-16. A legenda não diz em que país vivem os dois, mas está carregada de ideologia, como se ele estivesse aos pés do militar ferido pedindo perdão por sua posição política durante o conflito.

Outras fotos semelhantes à figura 31 na mesma edição do *Journal* são publicadas no artigo “Assistência às vítimas: instituições internacionais, ONGs e governos trabalhando juntos”<sup>85</sup> (figura 32), onde vemos mais um ex-guerrilheiro e vítima de mina, Manuel de Jesus Orellana, trabalhando em um centro ortopédico na fabricação de próteses infantis; e no artigo “Ajudando a Guatemala: Organização dos Estados Americanos, Unidade para a Promoção da Democracia, Programa de Ação

<sup>85</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/NGO.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

Contra Minas na América Central”<sup>86</sup>, com uma imagem (figura 33) que mostra vários ex-combatentes feridos durante a guerra na Guatemala sentados na praça central da capital do país. O artigo relata a ajuda da OEA na “promoção da democracia”, mas não fala nada sobre a atuação dos EUA na desestabilização desses países.

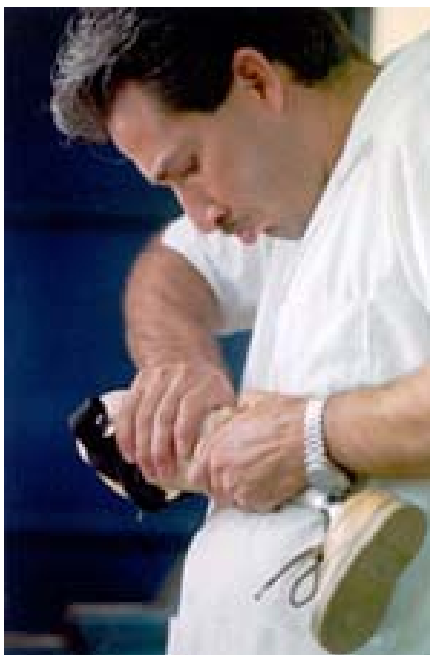


Figura 32 – A utilização dessas imagens, também creditadas apenas como “c/o AP”, podem demonstrar uma inclinação política da revista em afirmar que “antigos guerrilheiros podem se emendar”. Sempre, é claro, com o auxílio da OEA e dos EUA.



Figura 33 – A profusão de próteses e a dificuldade em se levantar do senhor de camisa branca mostram a devastação causada pela guerra na vida das pessoas. Ao mesmo tempo talvez as imagens possam passar a mensagem de que eles “sofreram o que mereciam”, antes de ganharem a “redenção”.

<sup>86</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/McDonoughCase.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2009.



O *Journal of Mine Action* 6.2, de agosto de 2002, traz novamente a África como foco. Contudo, sem uma contribuição mais efetiva de fotógrafos profissionais como Sean Sutton, que havia cedido algumas imagens para a edição 4.3, a revista tem poucas fotos que merecem destaque. Uma das exceções, por fugir do lugar-comum, é a imagem (figura 34) de autoria do famoso fotógrafo profissional sul-africano Guy Tillim<sup>87</sup>, cedida pela ONG alemã *Menschen gegen Minen* (MgM). A foto ilustra o artigo “Um pé que dança: Angola abraça o futuro”<sup>88</sup>, de Joe Lokey e Ken O’Connell, ambos da MgM, sobre a esperança na melhoria de vida dos angolanos após a assinatura do tratado que paz que seguiu à morte do líder da União Nacional para a Independência Total de Angola - Unita, Jonas Savimbi, no início de 2002.



Figura 34 – Imagem de grande impacto e bem construída plasticamente, traz uma sensação de profundidade por causa das linhas que partem dos lados inferiores da foto para a parte central. As pegadas na terra do lado esquerdo fazem o contraponto com as próteses e muletas sobre o túmulo sem lápide, denotando a falta de recursos financeiros da família do morto. O céu ao fundo, dividido entre luz e sombra, pode representar esse momento de transição pelo qual passa o país. Foto de Guy Tillim, Luanda, Angola, 2000.

<sup>87</sup> <<http://www.michaelstevenson.com/contemporary/artists/tillim.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

<sup>88</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/6.2/focus/joelokey/joelokey.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

A foto de Tollim prova indiscutivelmente que mostrar as mutilações de forma explícita não é a única forma de se produzir imagens que sensibilizem as pessoas. Por sua qualidade, a imagem foi posteriormente reproduzida em materiais de divulgação sobre o problema das minas, livros e exposições do autor, artigos, etc.

A próxima edição do *Journal*, destacando a assistência a vítimas de minas é a de número 6.3<sup>89</sup>, de dezembro de 2002. Apesar da expressiva foto de capa (figura 35), de autoria do fotógrafo da AP Giovanni Diffidenti<sup>90</sup>, vencedor do prêmio fotográfico internacional *One Vision* de 2006, nas imagens internas da edição não há quase o que se destacar.

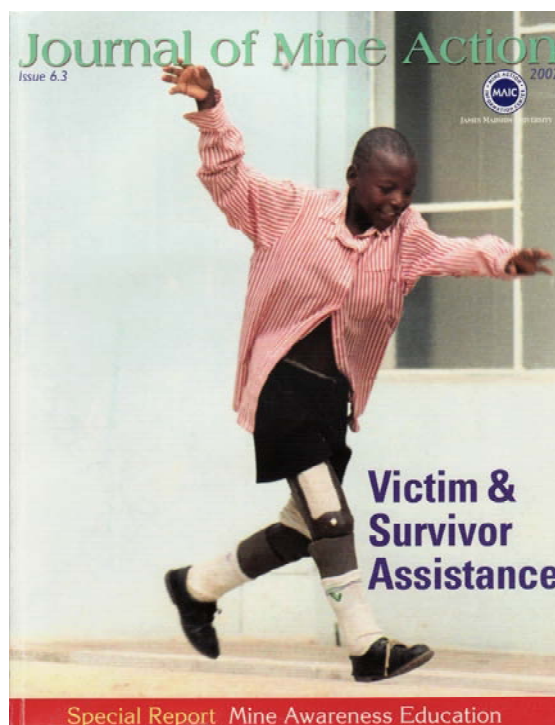


Figura 35 – Apesar de a maior parte do trabalho de Giovanni apresentado em seu *website* ser de imagens em preto e branco, ele (ou o editor) escolheu uma foto em cores para a capa do *Journal*. Na versão *online* da revista não é possível saber local ou data da fotografia. Entretanto, o mais provável é que tenha sido tirada em um dos países africanos por onde o fotógrafo passou retratando a questão das minas. Alegre e com bastante movimento, dá leveza ao assunto. Foto de Giovanni Diffidenti.

<sup>89</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/6.3/>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>90</sup> <<http://www.giovannidiffidenti.com/aboutme.asp>>. Acesso em 09 ago. 2009.

Praticamente todas as outras fotografias da edição 6.3, que trazem sobreviventes de minas, deixam explícitas as mutilações e próteses. Quando retratam ativistas antiminas como Ken Rutherford, são coloridas e alegres, mostrando que a vida continua após os acidentes e que a pessoa pode ser completa mesmo perdendo algum membro, como na imagem em que aparece o fundador da LSN, com uma jovem de vestido estampado<sup>91</sup>, com quem mais tarde ele se casaria e teria quatro filhos, segundo a legenda.

As demais fotos continuam seguindo o padrão de mostrar, prioritariamente, centro de recuperação, médicos apontando onde os membros foram amputados, bermudas, calças levantadas, próteses à mostra, mutilações, pobreza, etc. Algumas já haviam sido publicadas em edições anteriores. Às vezes, aparece o nome do fotógrafo, em outras, apenas a indicação da ONG ou agência de notícias que cedeu a imagem. Muitas imagens produzidas pelos próprios autores dos artigos e pouquíssimas por fotógrafos profissionais. O Sudeste Asiático (em especial o Camboja), África e Oriente Médio (principalmente o Afeganistão) continuam sendo as regiões mais fotografadas.

Os editores de fotografia das revistas e jornais tomam, todos os dias, decisões que consolidam o instável consenso acerca dos limites do conhecimento do público. Muitas vezes suas decisões são cunhadas como julgamentos a respeito do “bom gosto” – sempre um critério repressivo quando invocado por instituições. (SONTAG, 2008, p. 59).

A edição 6.3 traz uma única fotografia de vítima na América Latina<sup>92</sup>, novamente na Nicarágua, e nenhuma menção sequer à situação na Colômbia, que a esta altura já tinha assinado o Tratado de Ottawa havia dois anos e vivenciava o rápido crescimento no número de vítimas de minas (cerca de 90% dos acidentes com minas no país ocorreram depois de 2000). A foto da vítima nicaraguense que ilustra o artigo, tirada em um centro de reabilitação, não traz o crédito do fotógrafo e nem o

---

<sup>91</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/6.3/focus/rutherford/rutherford.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>92</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/6.3/notes/hyman/hyman.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

nome da mulher. Os dois nomes que constam da legenda são do tradutor da OEA, Nocksoly Acevedo, e o do ativista da *Global Care Unlimited*, Mark Hyman.

Com a Costa Rica se declarando território livre de minas em 2002 e a Nicarágua chegando próxima a esse patamar, diminuem ainda mais as menções à América Latina nas edições do *Journal* de 2003. Além disso, os números 7.1 e 7.3 têm foco em equipamentos, técnicas e tecnologias para desminagem, dando portanto muito pouco espaço para informações e artigos sobre vítimas. A edição 7.2, de agosto de 2003, por sua vez, é dedicada ao problema das minas nas regiões da Europa Oriental e Cáucaso, que, ao contrário da América Latina, receberam grandes investimentos, principalmente dos EUA, para operações de desminagem depois da Guerra do Kosovo e dos ataques da Organização do Tratado do Atlântico Norte - Otan que fragmentaram a antiga Iugoslávia. Também há poucas fotografias de vítimas de minas nessa edição.

A partir de 2004, o *Journal of Mine Action* passa a ser editado semestralmente, com uma edição fechando no início da ano (*winter issue*) e outra em agosto (*summer issue*). Com as invasões e ocupações norte-americanas no Afeganistão (2001) e Iraque (2003), esses países ganharam progressivamente mais espaço na revista. A edição de número 8.1, focada na ação de desminagem militar, é um claro exemplo disso. Já na edição 8.2<sup>93</sup>, de agosto de 2004, os destaques voltam a ser a América Central e a América do Sul, com imagens de vítimas latino-americanas desde a capa (figura 36).

---

<sup>93</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/8.2/>>. Acesso em 09 ago. 2009.

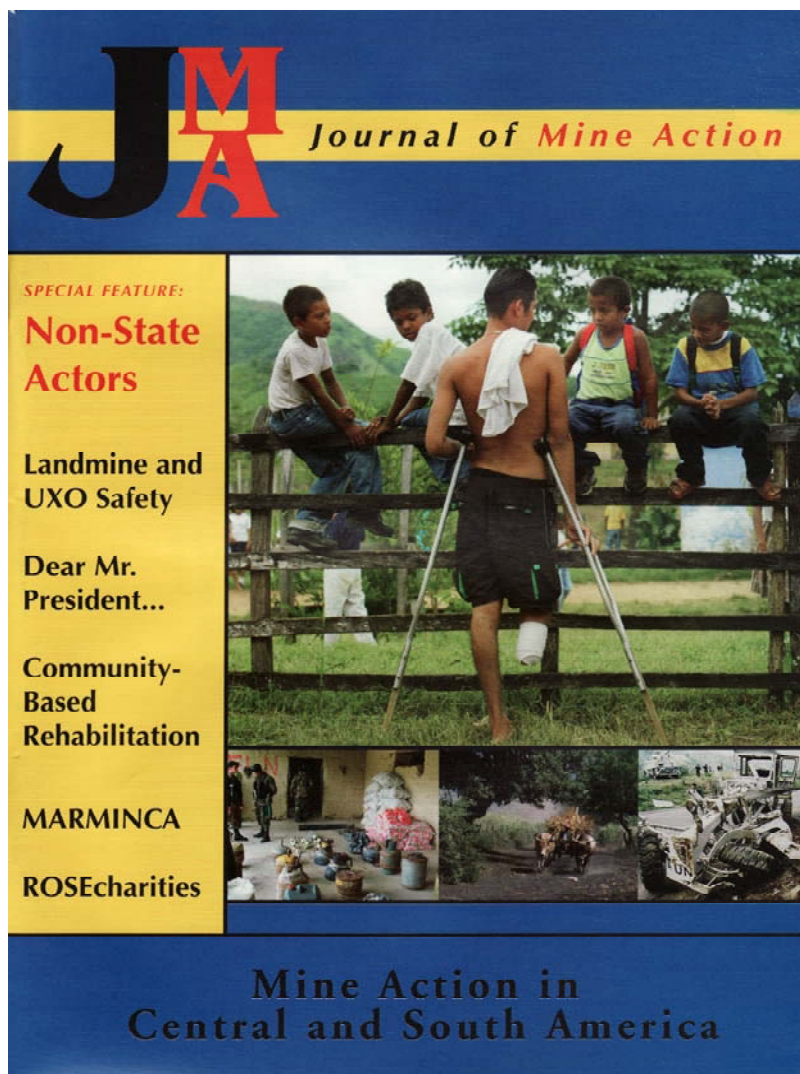


Figura 35 – Como sempre, na versão *online* da revista não é possível ter informações sobre locais ou datas ou autores das fotografias. Nessa imagem digital, especificamente, a qualidade não permite sequer distinguir exatamente o que é retratado nas três fotografias da parte de baixo (apesar de a foto à esquerda parecer tratar de artefatos explosivos improvisados). A foto superior, entretanto, traz uma sensação de firmeza no rapaz amparado pelas muletas oblíquas, enquanto os demais parecem equilibrar-se precariamente sobre a cerca de madeira, o que é interessante já que o “natural” seria o amputado ter menos equilíbrio que os sãos.

Pela primeira vez, a situação na Colômbia aparece de forma mais completa, no artigo “*Colômbia: ação contra minas e conflito armado*”<sup>94</sup>, escrito pelo diretor da unidade socioeconômica do Centro de Desminado Humanitário de Genebra – GICHD, Eric Filippino. No texto, o especialista traça um panorama do uso de minas no país, por todos os atores armados envolvidos num conflito de mais de 40 anos, e

<sup>94</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/8.2/focus/filipino.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.



questiona os dados oficiais sobre o impacto dessas armas na população civil. Entretanto, na única imagem (figura 36) do texto, novamente sem o crédito do fotógrafo, não fica claro pela legenda se os mortos que se encontram no chão foram ou não vítimas de minas terrestres, apesar de o oficial que passa por cima dos corpos segurar um detector de metais normalmente utilizado no país para buscar minas enterradas.



Figura 36 – Essa é a mais forte de todas as imagens já mostradas no *Journal*. Nenhuma outra fotografia publicada na revista expõe corpos. Os soldados são identificados como tal pelo uniforme com a bandeira da Colômbia nos braços. As máscaras servem tanto para protegê-los do provável cheiro de putrefação como para não permitir sua identificação como pessoas. Aos mortos, no entanto, não se preservou o mesmo “direito”, denotando serem, provavelmente, guerrilheiros.

No primeiro artigo específico sobre vítimas de minas<sup>95</sup>, novamente do Sr. Juan Carlos Ruan, duas fotos amadoras tiradas, como sempre, pelo próprio autor do texto, trazem o nicaraguense sobrevivente de minas Francisco Peralta que, segundo a legenda, tornou-se carpinteiro com a ajuda da OEA. No artigo seguinte, “Ação integral contra as minas no Equador”<sup>96</sup>, o autor Guillermo E. Leal também apresenta uma foto de sua autoria retratando o sobrevivente de minas Victor Solano realizando um trabalho de terapia ocupacional em um centro de reabilitação. Mais uma vez, a mutilação e a prótese de braço são evidenciadas na imagem. A foto é bastante semelhante à realizada por Michael Lundquist, diretor executivo do Polus Center, em

<sup>95</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/8.2/focus/ruan2.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>96</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/8.2/focus/leal.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.



seu artigo “Desenvolvimento e implantação de programa de reabilitação baseado na comunidade na América Central”<sup>97</sup>. Nela, o diretor executivo do *Disability Leadership Center*, Emmanuel Alonso, participa do planejamento de uma nova clínica em Manágua. Apesar de ambos estarem utilizando um braço artificial nas imagens, Alonso não está “fazendo terapia” e, sim, exercendo sua atividade profissional. Ele é, portanto, retratado com mais dignidade.

Voltando à ordem cronológica do *Journal*, a próxima edição analisada é a 9.1, de janeiro de 2005<sup>98</sup>. Em sua capa (imagem 37) temos uma composição artística sobre uma imagem produzida pelo fotógrafo documental *freelancer* armênio German Avagyan<sup>99</sup>, que, aliás, teve a história sobre seu interesse no assunto de minas contada na página 65 dessa edição do JMA<sup>100</sup> e que na edição *online* traz, além da foto de capa e de uma imagem do próprio fotógrafo, mais três fotos de sobreviventes de minas na Armênia e em Karabakh.

Vencedor do prêmio especial para fotografia social da *Hasselblad Foundation* e do concurso de fotografia documental da *Fifty Crows Foundation*, ambos realizados em 2002, Avagyan retrata com rara beleza a pequena Armine Yeghiazaryan, que perdeu um braço na explosão de uma mina próxima à vila de Bagratashen, na Armênia. Se não fosse a prótese, seria impossível distinguir a menina de qualquer outra de sua idade.

---

<sup>97</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/8.2/focus/lundquist.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>98</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/9.1/>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>99</sup> <<http://www.hermanavakian.com/>>. Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>100</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/9.1/Notes/dombrower2/dombrower2.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.



Figura 37 – A foto originalmente em PB, mas trabalhada em uma versão “sépia” na revista, mostra o braço artificial da menina Armine Yeghiazaryan, mas também uma expressão serena, enquanto segura com carinho seu bichinho de pelúcia. Sem dúvida, trata-se de uma infância violentada pela tragédia das minas, mas a dignidade e a inocência não foram perdidas. Basta notar o cabelo cuidadosamente arrumado, a fivela em formato de flor, o brinco delicado e os babados no vestido. A composição na capa da revista, no entanto, “envelhece” a foto, o que pode levar à ideia de que o problema de minas já estaria “superado”. Foto de German Avagyan, Bargratasher, Armênia, 2002 ou 2003.

Já nas páginas internas da revista, o padrão volta a ser a publicação de fotografias amadoras, produzidas em geral pelos próprios autores dos artigos que são, via de regra, funcionários burocráticos ou médicos de entidades ligadas à comunidade de ação contra as minas. Um exemplo é o artigo “O componente de assistência às vítimas implementado pela OEA”<sup>101</sup>, escrito pelo coordenador nacional da entidade na Nicarágua, Carlos Orozco, no qual são expostas três fotos de sobreviventes de acidentes com minas tiradas pelo próprio autor, todos em atividade

<sup>101</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/9.1/Notes/orozco/orozco.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

numa clínica de reabilitação. Como as imagens têm baixa resolução para a reprodução, aqui se apresentará somente uma (imagem 38) e apenas para traçar uma comparação com outra foto (imagem 39) publicada na edição de número 10.1, de agosto de 2006, que ilustra o artigo “Entendendo as obrigações para com as vítimas de minas expressas no Tratado de Ottawa”<sup>102</sup>, de Kerry Brinkert, gerente da Unidade de Suporte à Implementação da Convenção de Banimento das Minas Antipessoal do GICHD. Com isso, pretende-se exemplificar a importante diferença entre fotografias profissionais e amadoras.



Figura 38 – A foto do sobrevivente de mina Jacinto Hernandez, aprendendo a profissão de sapateiro no Instituto Nacional de Tecnologia da Nicarágua, foi tomada de cima para baixo. Jorge Pedro Sousa (2002) chama esse ângulo de Plano Picado e informa que esse tipo de tomada tende a desvalorizar o motivo fotografado. Se não bastasse isso, a foto corta parte do topo da cabeça de Hernandez. O corte é ainda mais acentuado na reprodução em papel, no canto superior direito da página, onde praticamente não se vê o cabelo do fotografado. Foto de Carlos Orozco, Manágua, Nicarágua, 2004 ou 2005.

<sup>102</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/10.1/notes/brinkert/brinkert.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.



Figura 39 – Exatamente ao contrário da imagem anterior, apesar de os fotografados estarem em seus ambientes de trabalho, praticamente na mesma posição, com próteses semelhantes e camisas de cor azul e manga curta, nessa imagem a fotógrafa optou por fazer o que Sousa chama de Plano Contrapicado, ou seja, de baixo para cima, valorizando o motivo retratado. Os detalhes da farinha na mão do aprendiz de padeiro, Marco Antonio Joaquín, e do leve sorriso que esboça também fazem contraponto ao semblante preocupado de Hernandez. Foto de Maria Eugênia Sá, Popayán, Colômbia, 2004.



O *Journal of Mine Action* 10.2, do inverno de 2006, tem como foco o perigoso legado dos Explosivos Remanescentes de Guerra (ERW na sigla em inglês). De toda a série histórica da publicação, esta é a edição com maior número de fotos de crianças feridas em cama de hospital. A sequência é no mínimo trágica. Ela começa com uma foto (figura 40), de autoria do fotógrafo da AP Mohamed Zaatari, mostrando o menino libanês Abbas Abbas, de apenas seis anos, gravemente ferido por uma das milhares de submunições *cluster*<sup>103</sup> atirada pelo exército israelense durante o conflito contra o grupo Hezbollah em junho de 2006 e que continuam até hoje ameaçando a vida e a saúde dos camponeses e crianças que vivem no Sul do Líbano<sup>104</sup>.

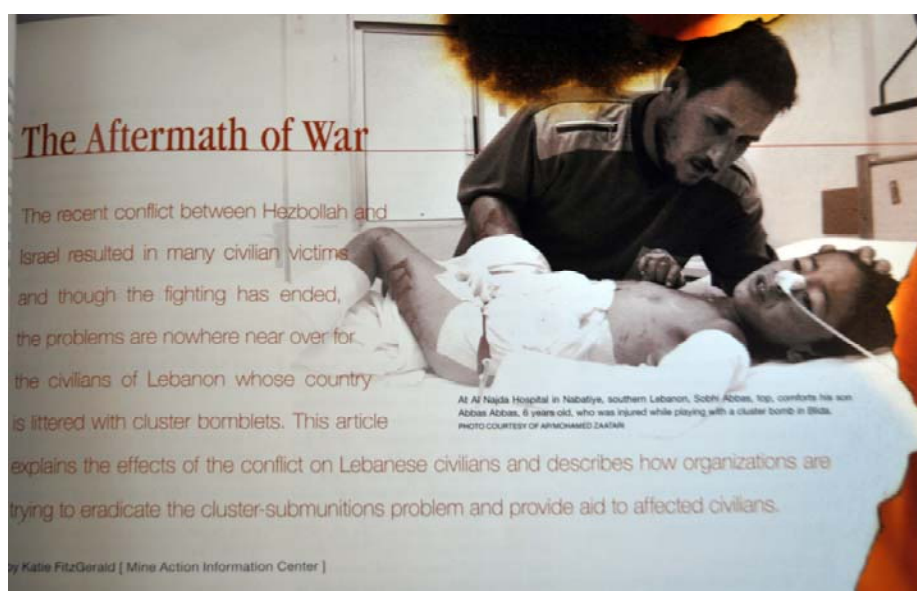


Figura 40 – O pai acalma e ampara o pequeno Abbas Abbas que sofre em um leito de hospital. As sondas, bandagens e falta de roupas na criança denotam o tipo de ferimentos que uma submunição *cluster* pode causar e a necessidade de cuidados médicos que requerem. Foto de Mohamed Zaatari, Líbano, 2006.

Apesar de forte, a imagem de Abbas Abbas talvez precise ser mostrada para denunciar a utilização de outras armas indiscriminadas, além das minas, que seguem matando e mutilando populações civis décadas depois de encerrados os conflitos, como acontece ainda hoje no Laos e no Camboja, com as bombas *cluster* lançadas

<sup>103</sup> A imprensa brasileira tem chamado essas armas indevidamente de "bombas de fragmentação". Na verdade, uma bomba *cluster* não solta "pedaços" de si mesma, mas sim centenas de submunições explosivas que podem ou não detonar em contato com o solo. Quando algumas dessas submunições não explodem, elas transformam a área sobre a qual foram lançadas em um campo minado de fato, impedindo o seu uso pelas populações que ali vivem.

<sup>104</sup> <<http://maic.jmu.edu/journal/10.2/focus/fitzgerald/fitzgerald.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

pelos EUA na década de 1970. Mas não existe um consenso se esse tipo de imagem realmente estimularia uma chance da comunidade internacional ganhar força para proibir seu uso.

Quando ainda não eram comuns as imagens diretas da realidade, pensava-se que mostrar algo que precisava ser visto, trazer mais para perto uma realidade dolorosa, produziria necessariamente o efeito de incitar os espectadores a sentir – a sentir mais. Num mundo em que a fotografia foi posta, talentosamente, a serviço de manipulações consumistas, não se pode ter como algo líquido e certo o efeito de uma foto de uma cena lúgubre. Em consequência, os fotógrafos e ideólogos da fotografia moralmente atentos tornaram-se cada vez mais preocupados com a exploração do sentimento (piedade, compaixão, indignação) na fotografia de guerra e com as maneiras rotineiras de provocar emoções. (SONTAG, 2008, p. 68).

O maior “problema” é que os mesmos atores que trabalham a questão das minas (como por exemplo a ICBL e o próprio *Journal*) estão à frente das iniciativas da Convenção para Munições Cluster - CCM<sup>105</sup>, para banir as bombas cluster. Com isso, a abordagem da questão das bombas cluster está virando para si todos os holofotes disponíveis e obscurecendo, como diz Baitello Júnior (2005), a “antiquada” questão das “velhas” minas terrestres na América Latina. Isso fica evidente na própria mudança recente no nome da revista do Maic, que desde sua edição 13.1, do segundo semestre de 2009, apesar de trazer como tema principal as minas na América Central e do Sul, chama-se *The Journal of ERW and Mine Action*, cujo novo logotipo destaca a palavra *Journal* e coloca em corpo de texto dez vezes menor a expressão “*mine action*”.

---

<sup>105</sup> O tema das bombas *cluster* chegou de forma mais forte à mídia com o grande uso dessas armas durante os ataques da Otan no Kosovo, onde o CICV estima que perto de 30 mil das cerca de 300 mil submunições lançadas permaneçam ativas no solo. Em 2008, as manchetes mundiais novamente trouxeram o tema devido ao uso das *cluster*, tanto pelo exército russo como pelas forças georgianas, durante o breve conflito em torno das regiões separatistas da Ossétia do Sul e da Abkhazia. Com o sucesso do Tratado de Ottawa, as entidades humanitárias que lidam com o tema decidiram iniciar o processo para um novo instrumento internacional vinculante semelhante para banimento das bombas e munições *cluster*. O chamado Processo de Oslo abriu o Tratado Cidadão para as assinaturas internacionais em dezembro de 2008 – Mais informações disponíveis em: <http://www.stopclustermunitions.org/>. Acesso em 08 ago. 2009.



## 5 LUZES E SOMBRAS<sup>106</sup>

Cerca de seis milhões de judeus foram mortos durante a Segunda Guerra Mundial pelo regime nazista. Evidências desse fato podem ser facilmente pesquisadas nos diversos “Museu do Holocausto”, em países como EUA, Alemanha, Israel e até Argentina. A construção da imagem global desse massacre contra um povo foi realizada de maneira rápida, consciente e eficiente pelos vencedores da guerra no Ocidente. Um dos resultados foi que poucos anos após o fim dos conflitos, a ONU impôs aos palestinos a criação do Estado de Israel, com suas terras desocupadas da população original por meio de assassinatos e ações de terror, que criaram os primeiros campos de refugiados nos países vizinhos. Em 1967, com a Guerra dos Seis Dias, a área ocupada se ampliou à Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jerusalém Oriental, Península do Sinai e Colinas de Golã, situação que permanece praticamente inalterada até hoje (com exceção da devolução do Sinai ao Egito em 1982) e segue sendo denunciada pela própria ONU há mais de 40 anos. Apesar desses fatos, foi atribuída aos palestinos, em primeiro lugar, e atualmente a todos os muçulmanos, a imagem de “terroristas”. Entretanto, como ponto focal da cobertura da imprensa mundial, foi “impossível” negar aos palestinos a imagem de um povo que luta por um Estado independente, posição essa que lhes garante alguma simpatia internacional, apesar da pesada propaganda em contrário. Esta luta pode ser simbolizada imagetivamente tanto pelas fotos de meninos atirando pedras contra tanques, como pelo Kafieh (tradicional lenço palestino usado pelo falecido líder palestino Yasser Arafat).

O território da Caxemira (figura 41) vive “de fato” uma situação muito semelhante, inclusive com coincidência de datas. Em 1947, na esteira dos movimentos de libertação do Império Britânico, definiu-se que o governador de cada Estado do subcontinente indiano deveria decidir se seu território faria parte da Índia

---

<sup>106</sup> Até esse ponto da dissertação, eu me propus a analisar as imagens de vítimas de minas veiculadas nos meios de comunicação, para tentar entender de que maneira elas teriam contribuído, ou não, na percepção global sobre o problema. A partir deste capítulo, quando falo de outras realidades escondidas, penso que seria mais interessante simplesmente expor imagens que tiveram pouca ou nenhuma veiculação na mídia e deixar aos leitores a tarefa de analisá-las como lhes convir.

ou do Paquistão baseado em três fatores: contiguidade territorial, religião predominante e vontade expressa da população<sup>107</sup>. Apesar de ter uma longa fronteira com o Paquistão e mais de 90% da população muçumana, o Estado da Caxemira era governado pelo marajá hindu Hari Singh, que pretendia tornar a região autônoma dos dois países.



Figura 41 - Mais de 90% da população são muçumanos – foto Maria Eugênia Sá – Srinagar, Caxemira, 2004

Mas o território foi invadido por tropas paquistanesas pelo lado Ocidental, o que “legitimou” a entrada do exército indiano pelo Sul e pelo Leste, dando início à primeira guerra entre essas nações e à ocupação do território, que permanece até hoje ignorando as dezenas de resoluções da ONU para um plebiscito popular que

---

<sup>107</sup> As informações apresentadas aqui foram conseguidas por meio de alguma literatura, incluída na bibliografia, mas principalmente nas diversas entrevistas realizadas na Caxemira em 2004 que resultaram em artigos e fotos publicadas em revistas como *Carta Capital* (disponível em: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/caxemira-cc.html>). Acesso em: 09 fev. 2010), *Caros Amigos* (disponível em: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/caxemira-ca.html>). Acesso em: 09 fev. 2010) e *Caminhos da Terra* (disponível em: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/caxemira-ct.html>). Acesso em: 09 fev. 2010).

resolveria a questão. No mesmo ano da Primeira Intifada palestina (1987), as fraudes nas eleições regionais na parte da Caxemira ocupada pela Índia levaram à criação de movimentos separatistas, alguns armados, e à prática de atentados terroristas contra as tropas de ocupação (mais de um milhão de soldados que não comungam/comunicam da língua, comida, religião ou cultura caxemir). Até a recente invasão do Iraque pelos EUA, este era o território com o maior índice de ações suicidas em todo o mundo e segue tendo milhares de presos políticos, denúncias de prisões arbitrárias, tortura, estupros em massa, etc. Todavia, a imagem que se apresenta majoritariamente na mídia é simplesmente de um conflito entre Índia e Paquistão, raramente mostrando as posições dos separatistas (há pelo menos 13 grupos diferentes, com diversas estratégias e interesses) e muito menos as ações dos exércitos de ocupação sobre o povo caxemir. Com seu território ocupado por três potências nucleares (a China também ocupa uma parte) e um soldado estrangeiro para cada grupo de dez habitantes, o grito e da autodeterminação não consegue ultrapassar as montanhas do Himalaia.

Esse povo, no entanto, não é o único sem um Estado próprio. Os sinti (ou sinto) e roma (ou rom), chamados pelos ocidentais de ciganos (figura 42), também não possuem uma pátria, assim como os curdos divididos entre Iraque, Irã, Turquia e Síria. O território da Romênia, onde ainda se concentra boa parte dos roma e sinti, jamais teve um governo cigano. A perseguição dessa população por motivos políticos, culturais, étnicos e raciais data de sua entrada na Europa e coincide com a vitória do Império Otomano sobre o Império Bizantino. A data, contudo, é só uma coincidência. Eles não vieram com os conquistadores, e sim fugindo da perseguição que então sofriam na região onde hoje estão a Índia e o Paquistão. Entretanto, foi na Alemanha nazista que os roma e sinti foram um dos grupos humanos, únicos junto aos judeus e doentes mentais, escolhidos para o extermínio total na denominada “Solução Final”.

Assim como os judeus, os sinti e roma foram massacrados às centenas de milhares. No entanto, enquanto é possível levantar nos arquivos o nome, a família, o local e a forma de execução ou tipo de morte de praticamente todos os cerca de seis

milhões de judeus que pereceram sob o nazismo, não há sequer um levantamento mais próximo do número real de ciganos mortos pelo Terceiro Reich. A “melhor” estimativa disponível foi dada somente em 1997 (os estudos sobre o massacre dos ciganos só foram iniciados em 1972) pelo Dr Sybil Milton, historiador sênior do *U.S. Holocaust Memorial Research Institute* em Washington: algo entre 500 mil e um milhão e meio de vidas perdidas até 1945<sup>108</sup>. Há, portanto, uma “margem de erro” de um milhão de assassinatos. Não existem museus do holocausto roma e sinti, nunca houve reparações aos sobreviventes e muito menos ofertas de territórios sob proteção de nações hegemônicas. Assim como não há *best-sellers* ou *blockbusters* narrando seu sofrimento. Um dos motivos além do nomadismo é que, ao contrário da tradição das escrituras e, depois, da literatura e do cinema hebraicos, os ciganos nunca conseguiram unificar os mais de cem dialetos romani numa gramática comum e nem consolidar um dicionário geral. Não têm, desse modo, uma memória coletiva grafada, um registro forte, uma mídia para contar sua história. Falta-lhes a imagem para servir de referência a eles próprios e ao imaginário coletivo.

---

<sup>108</sup> É bastante difícil conseguir informação em português sobre o holocausto roma e sinti. Em geral, as informações sobre o tema são colocadas em notas de rodapé ou citadas no corpo dos textos de forma semelhante à dada à perseguição nazista aos homossexuais e comunistas, não mostrando seu diferencial que é o caráter racista. Uma das poucas fontes são os textos de Ian Hancock, diretor do Centro de Documentação e Arquivos Roma da Universidade do Texas em Austin, EUA.



Figura 42 - Menino cigano em antigo gueto judeu – foto Maria Eugênia Sá – Terezin, República Tcheca, 2004.

Certamente existem centenas ou milhares de outros “fatos históricos” que jamais ganharam as manchetes, fotos, filmes, dramatizações, painéis de discussões ou bibliografias recebidas por um simples acidente aeronáutico ou a vitória de um time de futebol em um campeonato nacional. Isso para não falar na divulgação massiva de fotos e vídeos de telecelebridades efêmeras de “*reality shows*”. Não obstante, esses fatos sem imagens atingem diretamente e diariamente milhões de pessoas no mundo todo.

É possível citar diversos outros exemplos com os quais eu e minha companheira Maria Eugênia nos deparamos pessoalmente nos últimos anos, muitas vezes de maneira acidental, entre eles:

- O Brasil é proporcionalmente o país com a maior incidência de novos casos de hanseníase (figura 43) em todo o mundo, com cerca de 40 mil

casos por ano, e segundo em números totais, perdendo apenas para a Índia<sup>109</sup>;



Figura 43 - Muitos hansenianos ainda escondem a doença com medo do preconceito – foto Maria Eugênia Sá – Bragança Paulista, Brasil, 2003.

- Mais de 85% das mortes por arma de fogo na Colômbia não têm qualquer relação com guerrilhas ou tráfico de drogas (figura 44), que ocupam a maior parte das manchetes naquele país e na mídia mundial<sup>110</sup>;

---

<sup>109</sup> Tivemos o primeiro contato com a questão da hanseníase em Angola em 2002, onde paradoxalmente soubemos da situação no Brasil. Não existe justificativa de saúde pública para a incidência de tal número de casos no país, já que a doença tem seu tratamento gratuito e cura definidos há vários anos e está praticamente erradicada do restante da América Latina. Acompanhamos e pesquisamos a questão no Brasil por dois anos e conseguimos publicar, em 2005 um artigo de capa na *Revista da Folha*, (disponível em: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/hansen-folha.html>). Acesso em: 09 fev. 2010), com um bom apanhado de dados sobre a doença no Brasil e no mundo. Para as imagens, entretanto, por motivo de economia, o jornal decidiu usar uma fotografia de sua própria equipe.

<sup>110</sup> Conseguimos essa informação em 2004, com profissionais da ONG Médicos Sem Fronteiras que entrevistamos na Caxemira, onde possuem um excelente trabalho de saúde mental com a população que sofre de *stress* permanente devido à ação dos exércitos ocupantes e grupos guerrilheiros. Alguns





Figura 44 - Jovens feridas por balas perdidas em baile na periferia –foto Maria Eugênia Sá – Cali, Colômbia, 2004

- A cidade murada de Terezin, na República Tcheca, famosa por ter sido um gueto judeu que serviu de “cenário” para uma visita e “documentários” forjados pelos nazistas com o objetivo de “provar” à Cruz Vermelha que os judeus “estavam sendo bem tratados”, tornou-se depois da Guerra um campo de concentração controlado pelos russos, onde foram presos e executados

---

também haviam prestado serviço na Colômbia, onde a ONG tinha um trabalho de atendimento às vítimas de violência urbana. O mote serviu para a nossa primeira viagem à Colômbia, ainda em 2004, que resultou em artigos e fotos publicados nas revistas *Caros Amigos* (disponível em: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/colombia-ca.html>). Acesso em: 09 fev. 2010) e *Carta Capital* (disponível em: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/colombia-cc.html>). Acesso em: 09 fev. 2010), além de uma exposição no V Fórum Social Mundial, em 2005, (disponível em: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/fsm.html>). Acesso em: 09 fev. 2010).

homens, mulheres, crianças e idosos simplesmente por sua origem germânica<sup>111</sup>.

As fotos de atrocidades tanto ilustram como corroboram. (...) E, é claro, atrocidades que não estejam garantidas em nossa mente por imagens fotográficas bem conhecidas, ou das quais simplesmente temos poucas imagens – o extermínio total do povo hereró na Namíbia, decretado pela administração colonial alemã, em 1904; o ataque japonês contra a China, em especial o massacre de quase 400 mil pessoas e o estupro de 80 mil chinesas em dezembro de 1937, o chamado Estupro de Nanquim; o estupro de cerca de 130 mil mulheres ou meninas (das quais 10 mil cometeram suicídio) pelos oficiais soviéticos vitoriosos, deixados à solta por seus oficiais comandantes, em Berlim, em 1945 -, parecem mais remotas. Essas são lembranças que poucos se deram ao trabalho de reivindicar. (SONTAG, 2008, p. 72).

A pergunta que se impõe, então, é: qual a diferença entre os “fatos históricos” que ganham fortes representações dentro do imaginário coletivo global e aqueles renegados às notas de rodapé e objetos de estudo em pesquisas acadêmicas sem maior publicidade? E mais, como esse imaginário tem sido construído tradicionalmente e quais as possibilidades atuais de se influir nesse processo? Podem os meios alternativos e a evolução da telemática servirem como ferramentas de inclusão de novas informações e discussões no imaginário coletivo?

---

<sup>111</sup> Passamos duas semanas na cidade em um workshop de fotografia em 2001 que resultou na exposição fotográfica *Reminiscências de Terezin* (disponível em: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/terezin.html>). Acesso em: 09 fev. 2010). Na época, os sobreviventes germânicos do campo russo começavam um processo para busca de indenizações junto ao governo tcheco. O assunto, contudo, era quase um tabu e infelizmente já não possuímos os jornais tchecos que traziam essas histórias e nem conseguimos espaço na imprensa brasileira para publicar esse material. Ainda assim uma breve menção ao episódio aparece atualmente no verbete *Theresienstadt concentration camp* da Wikipedia “*After the victory of the Allies in 1945, Theresienstadt was used by Czech partisans and former inmates to hold German SS personnel and civilians as retaliation for their atrocities*”. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Theresienstadt\\_concentration\\_camp](http://en.wikipedia.org/wiki/Theresienstadt_concentration_camp). Acesso em 04 jul. 2009.

## 5.1 Imaginar revolucionar

Enquanto não estivermos imersos no universo das imagens sintéticas apregoado por Vilém Flusser (2008), no qual desprezaremos o mundo “objetivo” e nossos corpos físicos aos cuidados de robôs automatizados e nos concentraremos na concretude da subjetividade (superficialidade), criando colaborativamente e dialogicamente as imagens-sonhos nas quais viveremos, temos apenas duas opções neste mundo pré-cibernético: ou somos criaturas passivas, consumindo as imagens técnicas (textos, narrativas, fotos e vídeos) que nos são apresentadas pelos “meios de comunicação” unidirecionais (especialmente o cinema, a televisão, o rádio e os portais de Internet, mas também os jornais e revistas hegemônicos) e somos consumidos por elas (BAITELLO Jr, 2005); ou nos tornamos criadores ativos, produzindo novas informações e imagens, e principalmente distribuindo-as introduzindo-as nos grandes fluxos de informações de modo a influir na percepção geral que a humanidade tem de si mesma. E, com sorte, talvez impulsionando alguma ação sobre a realidade objetiva.

A nossa situação face às imagens é esta: as imagens projetam sentidos sobre nós porque elas são modelos para o nosso comportamento. Devemos entusiasmar-nos, para em seguida codificar nosso entusiasmo em determinados gestos. Os modelos funcionam porque mobilizam em nós tendências recalcadas, e porque paralisam as nossas faculdades críticas e adormecem a nossa consciência. Passamos a vivenciar, valorar, conhecer e agir como sonâmbulos ou como fantoches. Quando conseguimos mobilizar nossas faculdades críticas a fim de nos emancipar da hipnose, as nossas críticas não atingem a vivência concreta. [...] Nossos gestos passam doravante não apenas a se constituir como reações às imagens, mas passam a dirigir-se igualmente rumo às imagens. [...] As imagens apanham os nossos gestos graças a determinados aparelhos (câmeras, marketing, pesquisas de “opinião pública”) e os transcodificam em programas: nutrem-se de gestos que elas próprias provocaram. [...] Queremos e fazemos o que as imagens querem e fazem, e as imagens querem e fazem o que nós queremos e fazemos. Efetivamente, podemos vivenciar desde já e em toda a parte tal circuito fechado. [...] Imagens mostram determinados comportamentos (amorosos, consumidores) os quais querem que sigamos, e nós queremos segui-los e queremos também que as imagens os mostrem. No entanto, o circuito fechado não pode ser efetivamente fechado. Deve ser “alimentado” de fora para não cair na entropia, como sistema fechado. E, de fato, podemos observar quais as fontes que alimentam a circulação aparentemente fechada. (FLUSSER, 2008, p. 60-61).

Para entendermos os mecanismos de seleção das imagens que nos são apresentadas, é preciso retrocedermos na história da cultura e analisarmos seu processo de construção<sup>112</sup>. Conforme Edgar Morin<sup>113</sup>, a cultura surge com a consciência da morte. É a partir desse momento, exatamente para evitar o medo do vazio, do nada (o *horror vacui* a que se referia Dietmar Kamper<sup>114</sup>) que se seguiria à morte, que o homem começa a reconstruir mentalmente as imagens dos acontecimentos passados e difundi-las (primeiro oralmente e depois por meio de outras formas de representação) a outros. Essas imagens de um passado vivenciado individualmente ou em conjunto por um grupo de pessoas constituem os primeiros vínculos de uma protossociedade que sobrevive a seus integrantes pela repetida “comunicação” aos novos membros do “fato partilhado”. Assim, a cultura humana seria o ambiente comunicacional onde vivemos.

Com o correr dos anos e a evolução das linguagens, representações e outros sistemas de comunicação passamos a alimentar uma nova esfera (noosfera)<sup>115</sup> que se sobrepõe à nossa original (biosfera), carregada de signos, símbolos, imagens e mitos. Seres sem uma existência corpórea objetiva, que vivem simplesmente de nossa crença neles, mas que nem por isso deixam de ter uma influência concreta sobre nossas vidas. Afinal, os entes da noosfera não são somente os seres mitológicos como fadas, ninfas e unicórnios, mas também os arquétipos de Jung, as ideias, as religiões, as crenças e as ideologias, como capitalismo e comunismo.

---

<sup>112</sup> Os conceitos apresentados aqui e as citações de autores foram apreendidos, em sua maioria, nas aulas do programa de mestrado na Unip, em especial na disciplina *Mídia e Sincronização Social*, com o Prof. Dr. Milton Pelegrini, no seminário avançado *Relações entre Noosfera e Mediosfera* com a Prof. Dra. Malena Segura Contrera e no seminário internacional *Sociedad de la información y escritura mediática: la transformación comunicativa y la ciudadanía activa: Europa/ América Latina*, com o Prof. Dr. Pérez Tornero, da Universidade Autônoma de Barcelona. Também apresentei boa parte do conteúdo desse capítulo no artigo *Imaginar Revolucionar: estratégias para influenciar e influir nos fluxos de informação*, publicado na *Revista Alterjor* número 00, do *Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo da ECA-USP*. Disponível para download em: <http://www.usp.br/alterjor/edicoes%20anteriores.html>> Acesso em 09 ago. 2009.

<sup>113</sup> De acordo com análises formuladas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Malena Segura Contrera, em seminário ministrado na Unip em 2009.

<sup>114</sup> De acordo com análises formuladas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Malena Segura Contrera, em seminário ministrado na Unip em 2009.

<sup>115</sup> De acordo com análises formuladas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Malena Segura Contrera, em seminário ministrado na Unip em 2009.

Para Jung<sup>116</sup>, o inconsciente coletivo é a somatória acumulativa de tudo o que foi história, de tudo o que foi cultura, mesmo que não faça mais o mesmo sentido hoje em dia. Assim, mesmo a memória reprimida volta sempre de outra forma. É nesse inconsciente coletivo que são construídos os mitos, segundo os três princípios do Morin (1991) para a noosfera: dialógica, recursão organizacional e hologramática. Com o advento dos meios de comunicação em massa, contudo, surge uma nova organização/representação/ação da noosfera, saindo do imaginário cultural (que tem como referentes o mito, o simbólico e o rito, por exemplo, porém sempre provenientes da experiência com o mundo real) e passando para o imaginário midiático, que é autorreferente e “vampiriza” a noosfera: a mediosfera. De acordo com a professora Malena Segura Contrera<sup>117</sup>, o universo midiático irá construir seu imaginário reapresentando, recontando e resignificando os mitos originais do inconsciente coletivo, mas de forma deturpada e cada vez menos fieis aos originais, já que tem como referência as imagens e, não, as experiências com o mundo real. Segundo Morin, essa é a característica da segunda revolução industrial, a que massifica o gosto para que seja consumida a produção massificada pela primeira revolução industrial. De fato, como define o professor da Universidade Autônoma de Barcelona José Manuel Pérez Tornero<sup>118</sup>, a sociedade de massa foi uma criação dos meios de comunicação de massa.

“O ‘imaginário’ aqui é a palavra genérica para os sonhos mortos da humanidade, para os artefatos substitutivos da força da imaginação, para os restos de tudo aquilo que se imaginou, que se produziu, que se expôs, para as decepções de uma política utópica de alta-tensão, para componentes mal administrados da tecno-imaginação e as formas vazias da filosofia e da arte – em uma palavra: para o entulho da história humana que de forma alguma desapareceu, mas que se instalou ao redor do globo como uma barreira impenetrável”. (KAMPER, 1994, p. 51, *apud* BAITELLO JR. 2005, p. 92).

Assim, nossa atual forma de pensar, enxergar e vivenciar o mundo “real” é resultado da massificação de imagens imposta pelos meios de comunicação em

---

<sup>116</sup> De acordo com análises formuladas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Malena Segura Contrera, em seminário ministrado na Unip em 2009.

<sup>117</sup> Em análises formuladas em seminário ministrado na Unip em 2009.

<sup>118</sup> Em análises formuladas em seminário ministrado na Unip em 2008.

massa. Como a função primeira dos meios de comunicação é a sincronização social pela criação de consensos, e vivemos num mundo em que a ideologia capitalista se impôs, a televisão, o cinema e os jornais estão presos à lógica da produção capitalista globalizada que é maximizar os lucros e diminuir os custos.

A fabricação de consensos é parte de uma característica muito particular da mídia, e nela inclui-se a atividade jornalística como tradutora de realidades para as quais os grupos sociais apenas as assistem e se incluem nelas por força do sentimento de pertença. [...] O estabelecimento desses consensos em torno dos fatos que noticiam são prova da capacidade sincronizadora e da produção de significação coletiva. (PELEGRINI, 2006, p. 2).

Os fenômenos comunicativos de massa exploraram e exploram (economicamente, ideologicamente) ao extremo esse poder de cristalização e potencialização simbólica da imagem na criação dos ídolos da cultura pop. Por isso na publicidade, por exemplo, não se trata apenas de convencer de que o produto oferecido é desejável, mas sobretudo de reiterar à exaustão o poder da própria forma de oferecimento, na própria linguagem “enfeitiçadora” das imagens idólatras. (CONTRERA; BAITELLO JUNIOR, 2006, p. 119).

Trata-se de um sistema, portanto, voltado para si mesmo e que despreza as novas ideias e informações em favor de “fórmulas de sucesso”, mais baratas e fáceis de produzir. Por isso é muito mais simples e rápido introduzir no mercado um “novo” sanduíche em uma grande rede de *fast food* do que a noção da inviabilidade, a longo prazo, da criação de gado de corte para os hambúrgueres devido, se não à questão moral e ética, à quantidade de energia vegetal que os bois consomem e sua emissão do gás estufa metano, responsável, entre outros, pelo aquecimento global.

A barreira orbital do imaginário sinaliza cada imagem bem-sucedida como momento de um fechamento. Justamente as imagens feitas com maestria; da pintura, da fotografia, do cinema, da televisão, ocupam seu lugar irrevogável no céu do mundo humano. Por fim, cessa a função janela e a barreira como um todo se transforma em espelho que recusa a passagem do olhar. Tudo o que vê é então a si próprio, o si mesmo. (KAMPER, 1994, p. 56, *apud* BAITELLO JR, 2005, p. 93).

Voltando aos exemplos citados no início desse capítulo, na apresentação de uma visão estereotipada e “pasteurizada” sobre a sociedade indiana contemporânea (que sequer pode ser chamada de representação) na novela “Caminho das Índias”, apresentada na *Rede Globo* em 2009, não havia espaço para discussões sobre os conflitos étnicos, religiosos e políticos ao norte do país, mesmo com alguns dos



atores tendo presenciado no início das filmagens atentados terroristas de grande repercussão internacional e imediatamente atribuídos a “terroristas mulçumanos da Caxemira apoiados pelo Paquistão”. Também não é possível apresentar na novela o flagelo da hanseníase na Índia e muito menos traçar paralelos com a situação no Brasil, apesar de um dos principais autores de novelas da emissora por muitos anos ter escondido, até sua morte, por medo do preconceito ainda hoje existente na sociedade, a sua condição de ex-doente, as perseguições e até as “internações forçadas” (prisões, de fato) que sofreu por causa disso<sup>119</sup>.

De forma semelhante, a mesma autora da trama Global de 2009, Glória Perez, em momento algum pensou em introduzir no folhetim “cigano” “Explode Coração”, de 1996, a questão do *Porrajmos*, termo em romani para o holocausto roma e sinti, concentrando-se em simulacros de danças e “magia” ciganos. Quanto à violência comum na Colômbia, o máximo que se viu recentemente de sua sociedade por aqui (excluindo, obviamente, o noticiário dominado pela repetição dos temas drogas, guerrilha e, quando muito, turismo) foi a telenovela “*Yo soy Betty, la fea*” produzida entre 1999 e 2001 pelo canal colombiano RCN e exibida duas vezes no Brasil pela Rede TV (primeiro entre 2002 e 2003 e, depois, entre 2004 e 2005), com o título de “Betty a Feia”. Típica reconfiguração da fábula do patinho feio, foi sucesso em vários países da América Latina, teve uma versão mexicana dublada veiculada pelo SBT em 2006; uma estadunidense em formato de seriado, atualmente em exibição no país pelo canal por assinatura Sony e uma refilmagem brasileira pela Rede Record. É a mediosfera reconfigurando os mitos: pastiche do pastiche do pastiche.

O grande problema é que quando esses assuntos não aparecem na mídia de massa, eles “parecem” simplesmente não existir.

...observa-se essa inversão nas sociedades midiáticas onde o fato não veiculado é fato praticamente inexistente. Inversão essa que se faz na medida

---

<sup>119</sup> Marcos Rey, como era mais conhecido, é o pseudônimo de Edmundo Donato, autor de *Memórias de um Gigolô*, e roteirista de dezenas de filmes, séries e novelas exibidas na Globo, como *O Sítio do Pica-pau Amarelo* original e *A Moreninha*. Sua condição de ex-hanseniano só seria conhecida pelo público e até por colegas da emissora depois da publicação, em 2004, cinco anos após sua morte, da biografia “Maldição e Glória - A Vida e o Mundo do Escritor Marcos Rey”, de Carlos Maranhão.

em que o ritmo imposto pelo próprio veículo de comunicação se instaura como informação temporal autorreferida; a exemplo do comportamento artístico moderno (em que o próprio autor passa a ser obra viva da estética da performance), a pauta do jornal é mesmo sua forma de noticiar. (CONTRERA, 2000, p. 54).

A mídia se tornou uma estrutura supra-humana, descolada de valores humanos como ética e moral. Já não há mais, portanto, o cidadão e o homem, mas sim o usuário, o consumidor, a audiência. Nesse sentido, é possível chamar a mídia de aparelho, na acepção flusseriana do termo, e a todos os que colaboram para a sua sustentação e crescimento, incluindo usuário, consumidor, leitor e audiência, de “funcionários”, funcionando em função da máquina.

No final do século XX, no mundo “globalizado”, esse aparelho torna-se onipresente (no Brasil, há décadas existem mais televisores do que geladeiras ou fogões); e ganha ares de onisciência (já não existe recanto no planeta ou “cultura” de povo que não tenha sido reduzido ao formato televisivo - com intervalos comerciais, é claro - e exibido aos ávidos telespectadores). Para se tornar um deus completo, falta apenas a onipotência. Não obstante, essa é a tendência, assim como é a rota rumo à entropia e ao tédio, já que mediosfera pretende se impor pela hipnose das luzes brilhantes em eterna repetição autorreferente, sem dar chance para o acaso e a desordem que são os geradores da verdadeira cultura.

Entretanto, esse dia ainda não chegou. Por enquanto, a mediosfera necessita de mãos e olhos verdadeiramente humanos, e não apenas de funcionários, para garantir um mínimo de introdução de novas informações e ideias no sistema de modo a manter-se. Se considerarmos que as ideias apresentadas na mediosfera teriam uma natureza semelhante à dos entes da noosfera, também a forma de lidar com eles pode ser parecida. Segundo Morin (1991), a única maneira de se destruir ou diminuir a importância de um ser da noosfera é tirando dele o olhar e a atenção que o alimentam. Isso seria feito com a introdução de um novo ser que o substituiria. Assim, o culto aos elementos foi substituído pelos deuses gregos e esses, por sua vez, pelas grandes religiões monoteístas.

... há certas condições, como a crise de uma ideia dominante, que favorecem a propaganda epidêmica de ideias que até aí se haviam conservado inibidas, latentes, em recantos marginais; a ruptura de uma regulação social, a paralisia de uma inibição repressiva, deixam o campo livre aos “vírus” das ideias contestatórias, que passam a multiplicar-se de maneira muito rápida; a normalização inibe a sua reprodução, expulsa os vírus, e a ideia regressa à latência, conservada apenas em alguns espíritos/cérebros desviantes. Contudo, como na evolução biológica, pode dar-se uma mutação ligeira ou profunda no mito ou na ideia, alterando-as ou transformando-as. Há reorganizações genéticas na noosfera, que passa por múltiplos processos evolutivos como os que atravessaram a biosfera. (MORIN, 1991, p. 112-113)

Para Flusser (2008), o desafio dos produtores de imagens, dos imaginadores humanos que não se tornaram funcionários, é agir contra os programas dos aparelhos no interior dos próprios programas. É “imaginar”, ou seja, concretizar o abstrato por meio dos aparelhos disponíveis atualmente. Ele argumenta que a sociedade emergente se organiza não mais em grupos sociais, mas em torno de feixes de imagens sincronizados e sincronizadores, e que com isso se dispersa, se distrai, se isola em indivíduos. Se queremos nos reagrupar novamente em consensos humanistas, devemos nos preocupar não com busca reacionária dos antigos valores, e, sim, com os aparelhos e processos de construção dos consensos. As revoluções, diz, são de técnicas e não de políticas, já que essas são possíveis por causa das primeiras, e não o contrário. E os “revolucionários”, aqueles que não se contentam com a “felicidade” das massas entretidas e inconscientes, devem construir tecnicamente fios de diálogos para relações intra-humanas em que as imagens, ao invés de hipnotizarem as audiências, tenham sua função atual invertida para sacudir os entorpecidos.

É que os novos revolucionários são “imaginadores”, eles produzem e manipulam imagens, eles procuram utilizar sua nova imaginação em função da reformulação da sociedade. Os novos revolucionários são fotógrafos, filmadores, gente de vídeo, gente de software, e técnicos, programadores, críticos, teóricos e outros que colaboram com os produtores de imagens. Toda essa gente procura injetar valores, “politizar” as imagens, a fim de criar sociedade digna de homens. (FLUSSER, 2008, p. 70-71).

De fato, como foi visto anteriormente, a política global para a questão das minas terrestres que apregoa seu banimento total, por exemplo, foi definida em 1997 com a abertura para assinaturas do Tratado de Ottawa, com 156 Estados-Parte. O

Prêmio Nobel da Paz para a iniciativa dado naquele ano e o engajamento de personalidades da política (como a Princesa Diana) e do entretenimento (como o ex-Beatle Paul McCartney), assim como documentários, reportagens e filmes de ficção (como *Tartarugas podem voar*<sup>120</sup>, *Caminho para Kandahar*<sup>121</sup>, *Terra de ninguém*<sup>122</sup> e até *Amor sem fronteiras*<sup>123</sup>) sem dúvida contribuíram para que o debate penetrasse nos grandes feixes de imagens, nos meios de comunicação de massa e, portanto, no imaginário coletivo. No entanto, o processo falho e preguiçoso da mídia, repetindo sempre os mesmos dados e sendo referenciada pelas imagens pré-produzidas nas antigas ou novas guerras no Sudeste Asiático, na África, no Oriente Médio e na Guerra Fria, não permitiu que a América Latina fizesse parte do quadro.

Se quisermos mudar a vida das pessoas afetadas por realidades invisíveis para a mídia, como as minas na América Latina, de nada adiantar atuar na política tradicional. A ação deve ser midiática! Devemos introduzir nos grandes feixes de imagens a “informação nova”, a “imagem nova”. Entretanto, pelos motivos expostos anteriormente, não podemos contar com os funcionários e os sistemas tradicionais da mediosfera. Temos então que usar as brechas existentes de maneira inteligente, subvertendo os aparelhos por dentro.

O fotografo crê estar utilizando o jornal como *medium*, enquanto o jornal crê estar utilizando o fotógrafo em função de seu programa. Do ponto de vista do jornal, quando a fotografia recodifica os artigos lineares em imagens, “ilustrando-os”, está permitindo a programação mágica dos compradores do

---

<sup>120</sup> Coprodução Irã – Iraque de 2004, onde o diretor Bahman Ghobadi retrata a vida de meninos refugiados curdos catando minas terrestres para revender e aguardando a invasão estadunidense ao Iraque.

<sup>121</sup> Filme de 2001 do diretor iraniano Mohsen Makhmalbaf mostra a tentativa de uma jornalista afegã radicada no Canadá de reencontrar a irmã que pretende se matar para “fugir” da opressão no Afeganistão sob o domínio dos Talebans. Uma das cenas de maior impacto do filme é quando um avião de “ajuda humanitária” lança do céu centenas de muletas disputadas no solo pelos refugiados mutilados, muitos dos quais provavelmente por minas terrestres.

<sup>122</sup> Vencedora do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2002, a película de Danis Tanovic trata de uma “situação-limite” durante os conflitos nos Bálcãs em que soldados da Sérvia e da Bósnia, junto com um representante da ONU e uma jornalista, têm de decidir o que fazer com um companheiro deitado sobre uma mina terrestre em uma trincheira entre os fronts de batalha.

<sup>123</sup> O dramalhão de Martin Campbell lançado em 2003 narra os encontros e desencontros de dois ativistas humanitários em atuações dos astros Angelina Jolie e Clive Owen mostrando os temas sempre iguais de miséria e guerra no Sudeste Asiático e na África. Para completar, na cena final a heroína morre na explosão de uma mina terrestre no Leste Europeu.

jornal em comportamento adequado. Ao fotografar, o fotógrafo sabe que sua fotografia será aceita pelo jornal somente se esta se enquadrar em seu programa. De maneira que vai procurar driblar tal censura, ao contrabandear na fotografia elementos estéticos, políticos e epistemológicos não previstos no programa. Vai submeter a intenção do jornal à sua. Este, por sua vez, embora possa descobrir tal tentativa astuciosa, pode vir a aceitar a fotografia como propósito de enriquecer seu programa. Vai procurar recuperar a intenção subversiva. Pois bem, o que vale para jornais, vale para os demais canais de distribuição de fotografias, uma vez que todos revelarão, sob análise crítica, a luta dramática entre a intenção do fotógrafo e a do aparelho distribuidor de fotografias. (FLUSSER, 2009, p. 50-51).

A saída talvez seja continuar tentando introduzir essa informação nova nos grandes feixes de imagens e, também, principalmente, criar novos meios alternativos de comunicação, fios de relações intrapessoais que consolidem essas novas imagens nas mentes de um número cada vez maior de pessoas. Além de jornais, revistas e TVs, meios decadentes que se agarram agonizantes às mesmas velhas imagens e fórmulas, precisamos difundir o novo imaginário por meio das novas redes, novos aparelhos, novos *gadgets*. É preciso seguir contribuindo para boletins em papel, rádios livres, revistas segmentadas e jornais murais. Contudo, sem deixar de criar também novos braços de ação em *Chats, Blogs, Twitter, Facebook* e *Orkut*. Utilizar as prensas industriais e impressoras *offset*, mas “centrar fogo” em celulares, *Smartphones, PDAs, Netbooks* e câmeras digitais. Continuar “subvertendo” os meios e linguagens proprietários, agentes e beneficiários do “antigo sistema”, para cada vez mais nos aproximarmos dos meios livres, da produção colaborativa, do *CreativeCommons*<sup>124</sup>, do software livre. Somente daí podem surgir e transitar com mais liberdade as novas ideias e imagens. E, nesse sentido, a “autoria” das informações perde sua importância. Uma vez publicada na Rede, é impossível controlar a divulgação e uso dessas imagens. De fato, se a replicação e a distribuição quase anarquista dessa “nova informação” conseguir “infectar” e mudar o imaginário coletivo em benefício das vítimas reais de minas, não existe qualquer sentido em reivindicar uma suposta autoria sobre a representação de uma realidade objetiva. O paradigma mesmo está em transformação. Que esse novo “não modelo”

---

<sup>124</sup> Mais informações disponíveis em: <http://www.creativecommons.org.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

se espalhe como um vírus, mutando o próprio centro e os sentidos dos fluxos de informação.

Mas os jornalistas são necessários! Insistia Ramonet. São os outros que querem “queimá-los”, quer dizer, acabar com a profissão. E têm razão. Como são necessários os especialistas, os pesquisadores, os filósofos, os críticos, os escritores, os professores. Eles são o que sobra de vivo nessa maquinaria toda, o que sobra de humano – talvez demasiadamente humano – na tecnificação total do virtual, do interativo e do tempo real. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 150).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

BAITELLO Jr., Norval. **A era da iconofagia – ensaios de comunicação e cultura.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** 2ª.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação.** São Paulo: Annablume, 2000.

CROLL, Mike. **The history of landmines.** London, UK: Pen & Sword Books Limited, 1998.

FERREIRA, Maria Cristina. **Manual para apresentação de trabalhos acadêmicos.** Curitiba: Faculdade Católica de Administração e Economia, 2000.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas – Elogia da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. **A filosofia da caixa preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

GRANJA, E.C. **Diretrizes para a elaboração de dissertações e teses.** São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação do IPUSP, 1998.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

MARANHÃO, Carlos. **Maldição e glória – A vida e o mundo do escritor Marcos Rey.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MATTHEW, Richard Anthony; McDONALD, Bryan; RUTHERFORD, Ken; **Landmines and Human Security: International Politics and War's Hidden Legacy**. Washington DC, USA: SUNY Press, 2004.

MATTU, Abdul Majid. **Kashmir Issue – A historical perspective**. Srinagar: M/S Ali Mohammad & Sons, 2002.

MINAYO, M.C.S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

MORIN, Edgar. **Método IV. As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo. Uma introdução às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível para *download* em <http://www.bocc.ubi.pt/listas/tematica.php?codtema=31>

SOUZA, Vinicius; SÁ, Maria Eugênia. **Angola: a esperança de um povo**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 1ª ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **América minada / mined America**. Balneário Camburiú: Editora Photos, 1ª ed., 2007.

## Periódicos consultados

International Campaign to Ban Landmines. **Landmine Monitor Report 2006**. Ottawa, Canadá, 2006.

\_\_\_\_\_. **Landmine Monitor Report 2007**. Ottawa, Canadá, 2007.

\_\_\_\_\_. **Landmine Monitor Report 2008**. Ottawa, Canadá, 2008.

\_\_\_\_\_. **Landmine Monitor Report 2009**. Ottawa, Canadá, 2009.

Mines Action Information Center. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 9.1, 2005.

Mines Action Information Center. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 9.2, fevereiro 2006.

Mines Action Information Center. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 10.1, verão 2006.

Mines Action Information Center. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 10.2, inverno 2007.

Mines Action Information Center. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 11.1, verão 2007.

Mines Action Information Center. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 11.2, primavera 2007.

Mines Action Information Center. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 12.1, verão 2008.

Mines Action Information Center. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 12.2, inverno 2008/09.

Mines Action Information Center. **The Journal of ERW and Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 13.1, inverno 2009.

Mines Action Information Center. **The Journal of ERW and Mine Action**. Harrisonburg, EUA, n. 13.3, outono 2009.

## Artigos em periódicos

BAITELLO Jr., Norval; CONTRERA, Malena Segura. Na selva das imagens. **Significação**, São Paulo, n. 25, p. 113-126, 2006.

BRINKERT, Kerry. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, n. 10.1, p. 88-91, agosto 2006.

DOMBROWER, Charlotte. German Avayan. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, n. 9.1, p. 65, 2005.

FITZGERALD, Katie. The Aftermath of War. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, n. 10.2, p. 33-34, inverno 2006.

GALLEGO, Pablo Esteban Parra. IEDs: A major threat for a struggling society. **The Journal of ERW and Mine Action**. Harrisonburg, n. 13.3, p. 49-53, inverno 2009.

MONTEIRO, Karla; CRUPPE, Marizilda. Explosão de tristeza. **Revista O Globo**. Rio de Janeiro, n. 172, p. 28-34, 11 nov. 2007.

OROZCO, Carlos. The landmine victim assistance component implemented by the OAS in Nicaragua. **The Journal of Mine Action**. Harrisonburg, n. 9.1, p. 52-53, 2005.

PELEGRINI, Milton. As inverdades, as meias verdades e as versões do Jornalismo”. **GHREBH**, São Paulo, v. 11, 2008. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php/ghrebh/article/viewPDFInterstitial/6/3> >.

SOUZA, Vinicius; SÁ, Maria Eugênia. Na Colômbia, minas atingem três por dia. **Caros Amigos**, São Paulo, n.88 p. 43-45, jul. 2004.

\_\_\_\_\_. No olho calmo do furacão. **Carta Capital**, São Paulo, n. 300, p. 6-7, 21 jul. 2004.

\_\_\_\_\_. O drama da Caxemira. **Caminhos da terra**, São Paulo, n. 12, p. 22-31, set. 2004.

\_\_\_\_\_. Qual guerra civil?. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 94, p. 40-41, jan . 2004.

\_\_\_\_\_. No olho calmo do furacão. **Carta Capital**, São Paulo, n. 324, p. 12-17, 18 set. 2005.

\_\_\_\_\_. Segregados. **Revista da Folha**, São Paulo, n. 687, p. 04-10, 12 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Na Colômbia, minas atingem três por dia. **Folha de S. Paulo**, Mundo, p. A34, 18 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. O perigo mora ao lado. **Rolling Stone Brasil**, São Paulo, n. 16, p. 90-97, jan. 2008.

\_\_\_\_\_. Latin Victims are Invisible to the International Media. **The Journal of ERW and Mine Action**. Harrisonburg, n. 13.1, p. 12-15, verão 2009.

SOUZA, Vinicius. *Gigantes com pés de barro - A queda da chamada grande mídia e a ascensão da mídia livre*. Artigo acadêmico apresentado no **5º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero**, São Paulo, agosto de 2009.

\_\_\_\_\_. Imaginar Revolucionar: estratégias para influenciar e influir nos fluxos de informação. **Revista Alterjor**, ECA-USP, São Paulo, ano 01, v 01, n. 00, ago. 2009. Disponível em: < [http://www.usp.br/alterjor/Souza\\_Imaginar.pdf](http://www.usp.br/alterjor/Souza_Imaginar.pdf)>.

## Sites consultados

**El Tiempo.** <<http://www.eltiempo.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

**Cambio.** <<http://www.cambio.com.co>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

**Creative Commons.** <<http://creativecommons.org>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

**German Avagyan.** <<http://www.hermanavakian.com/>>. Acesso em 09 ago. 2009.

**Cluster Munition Coalition.** <<http://www.stopclustermunitions.org/>>. Acesso em 08 ago. 2009.

**Giovanni Diffidenti.** <<http://www.giovanidiffidenti.com/aboutme.asp>>. Acesso em 09 ago. 2009.

**Guy Tillim.** <<http://www.michaelstevenson.com/contemporary/artists/tillim.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

**Ian Jones Photo.** <<http://www.ianjonesphoto.co.uk>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

**International Campaign to Ban Landmines.** <<http://www.icbl.org>>. Acesso em: 02 fev. 2010.

**Landmine Monitor Report.** <<http://www.icbl.org/lm>>. Acesso em: 02 fev. 2010.

**Mediaquatro.** <<http://mediaquatro.sites.uol.com.br>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

**Mine Action Information Center.** <<http://maic.jmu.edu/journal/index/>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

**Mine Advisory Group.** <<http://www.maginternational.org/>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

**Mines Photographs by Tim Page.** <<http://members.iinet.net.au/~pictim/mines/photos/mines.html>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

**Nic Dunlop.** <<http://www.nicdunlop.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

**Sean Sutton.** <[http://www.lightstalkers.org/sean\\_sutton](http://www.lightstalkers.org/sean_sutton)>. Acesso em: 04 fev. 2010.

**The Journal of ERW and Mine Action.** <<http://maic.jmu.edu/journal/index/>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

**TV Brasil Canal Integração.** <<http://www.canalintegracion.ebc.com.br/tvbrasil.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.



## Artigos em sites

AMANT, Kirk St. **Norwegian People's Aid Emphasizes Cooperation as Core of Demining Efforts.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/2.1/npa.htm>. Acesso em: 09 ago. 2009.

AHEARN, Davey. **A Real Survivor: Ken Rutherford.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/2.2/profiles/ruther.htm>. Acesso em: 03 fev. 2010.

AUGUSTO, Regina. **Novos entrantes.** Disponível em: <http://www.mmonline.com.br/noticias/noticiasOpinioao.mm?idArtigo=484>. Acesso em: 30 jan. 2010.

BOYCE, Willian F. **Central America landmine survivors: The need for action in Nicaragua.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/4.2/Features/Nicaragua/nicaragua.htm>. Acesso em: 09 ago. 2009.

BUSÉ, Margaret. **Integrated Mine Action: A Collective Approach to Mine Awareness.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/4.3/focus/MAG/MAG.htm>. Acesso em: 09 ago. 2009.

CADENA, Nelson Varón. **200 Anos De Imprensa No Brasil. Um repórter ferido na guerra do Vietnam.** Disponível em: <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/blog/?p=736>. Acesso em: 02 fev. 2010.

CASE, Carl; PERALES, Jaime. **Organization of American States Mine Action Program.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/jamieperales.htm>. Acesso em 09 ago. 2009.

\_\_\_\_\_; McDONOUGH, William. **Helping Guatemala: Organization of American States, Unit for the Promotion of Democracy, Mine Action Program in Central America (AIMCA).** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/McDonoughCase.htm>. Acesso em: 09 ago. 2009.

CICV. **Armas e Direito Internacional Humanitário.** Disponível em: [http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/htmlall/section\\_ihl\\_weapons?OpenDocument](http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/htmlall/section_ihl_weapons?OpenDocument). Acesso em: 10 fev. 2010.

COWLES, Robert. **The U.S. Department of Defense and the role of the Journal of Humanitarian Demining.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/1.1/contents/address.htm>. Acesso em: 10 fev. 2010.

EITEL, Sue. **Defining the Pillar of Victim Assistance.** Disponível em: [http://maic.jmu.edu/journal/3.3/focus/va\\_eitel.htm](http://maic.jmu.edu/journal/3.3/focus/va_eitel.htm). Acesso em: 09 ago. 2009.

DURING, Nelson Francisco. **Diplomacia – Cluster.** Disponível em: [http://www.defesanet.com.br/un1/cluster\\_2.htm](http://www.defesanet.com.br/un1/cluster_2.htm). Acesso em: 09 fev. 2010.

FIEDERLEIN, Suzanne L. **Victim Assistance in Central America: IGOs, NGOs and Governments Team Up.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/NGO.htm>. Acesso em 09 ago. 2009.

FILIPPINO, Eric. **Colombia: Mine Action and Armed Conflict.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/8.2/focus/filipino.htm>. Acesso em 09 ago. 2009.

GRANT, Tim. **Photographing Tragedy: Landmines and Victims.** Disponível em: [http://maic.jmu.edu/journal/5.1/Focus/Tim\\_Grant/grant.html](http://maic.jmu.edu/journal/5.1/Focus/Tim_Grant/grant.html). Acesso em: 09 ago. 2009.

HANCOCK, Ian. **Romanies and the Holocaust: A reevaluation and an overview.** Disponível em: <http://www.dzeno.cz/docs/Interpretation%20of%20the%20Porrajmos%20by%20Yehuda%20Bauer.doc>. Acesso em: 03 jul. 2009.

ICBL. **Campaign history.** Disponível em: <http://www.icbl.org/campaign/history>. Acesso em: 02 fev. 2010.

HYMAN, Mark. **A Firsthand Experience with Mine Action: On the Ground with the Organization of American States in Nicaragua.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/6.3/notes/hyman/hyman.htm>. Acesso em 09 ago. 2009.

KING, Major Colin. **Demining: Enhancing the Process.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/2.2/features/king.htm>. Acesso em: 09 ago. 2009.

LANGE, Jamie E. **Colombia: 35 Years and Still Struggling.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/colombia.htm>. Acesso em 09 ago. 2009.

LEAL, Guillermo E. **Comprehensive Action Against Landmines in Ecuador.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/8.2/focus/leal.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

LOKEY, Joe; O'CONNELL. **One Leg Dancing Angola Embraces the Future.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/6.2/focus/joelokey/joelokey.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

LUNDQUIST, Michael. **Community-Based Rehabilitation Program Design and Implementation in Central America.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/8.2/focus/lundquist.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

MAIC. **United States Southern Command, SOUTHCOM.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/MAIC.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

No more Landmines. **Celebrities Go One Step Beyond.** Disponível em: <http://www.landmines.org.uk/news.php?newsID=41>> Acesso em: 05 fev. 2010.

RUAN, Juan Carlos. **Empowering the People Through Mine Awareness in Latin America.** Disponível em: [http://maic.jmu.edu/journal/4.3/focus/Latin%20America/Latin\\_America.htm](http://maic.jmu.edu/journal/4.3/focus/Latin%20America/Latin_America.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2009.

RUAN, Juan Carlos. **Victim Assistance in Central America: A Regional Effort.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/juancarlosruan.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

\_\_\_\_\_. **From Desperation to Self-Confidence: An Interview With Landmine Survivor Mr. Francisco Peralta.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/8.2/focus/ruan2.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

REBERRY, Mary. **UNICEF in Latin America.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/5.2/focus/maryrubby2.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

RUTHERFORD, Ken. **Landmines: A Survivor's Tale.** Disponível em: <http://maic.jmu.edu/journal/6.3/focus/rutherford/rutherford.htm>>. Acesso em 09 ago. 2009.

SILVER, Ted. **An Introduction To Uganda and the World Rehabilitation Fund, Inc.** Disponível em: <

[http://maic.jmu.edu/journal/3.1/profiles/wrf\\_silver/wrf\\_silver.htm](http://maic.jmu.edu/journal/3.1/profiles/wrf_silver/wrf_silver.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2009.

SIMPSON, Peggy. **Fifteen Years of Courage: Corinne Dufka**. Disponível em: <<http://www.iwmf.org/article.aspx?c=articles&id=392>>. Acesso em: 02 fev. 2010.

VIGIE, Stephane. **The United Nations and Humanitarian Mine Action**. Disponível em: <<http://maic.jmu.edu/journal/1.1/articles/unart.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

WEYL, U. **Opportunities for an Integrated Demining Strategy in Rural Areas**. Disponível em: <[http://maic.jmu.edu/journal/3.1/profiles/gtz\\_weyl/gtz\\_weyl.htm](http://maic.jmu.edu/journal/3.1/profiles/gtz_weyl/gtz_weyl.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2009.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)